

REVISTA EDIÇÃO Nº 125 | NOVEMBRO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ESPECIAL

AGATHA CHRISTIE

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Agatha Christie - Ilustração



6

AGATHA CHRISTIE

Agatha nasceu em Torquay, na Inglaterra, em 1890. Mesmo tendo enfrentado dificuldades em sua juventude, como a morte precoce do pai e o incentivo tímido à leitura por parte da mãe, ela se destacou como uma das autoras mais lidas de todos os tempos [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA +

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

- Expediente, pág. 02**
Editorial, pág. 04
Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 05
Especial: Agatha Christie, pág. 06
Hidromitologia: um presente para o turismo literário!, por Clarissa Machado, pág. 09
Poema: Impermanências, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 18
Poema: Nós e o universo, por Jaff Silva, pág. 21
Poema: Halloween do passado, por Jaff Silva, pág. 22
Análise do filme Pinóquio 3000, por Max Moreira, pág. 24
Poema: Água, por Ivana T. Souza, pág. 29
Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 32
Dicas para leitura, pág. 36
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 38
Contidas mas não contadas, por Marcos Antônio Silva Carneiro, pág. 46
A leitura que nos equilibra, por Mônica Palacios, pág. 51
Vovó Bebel - Maria Isabel Menezes de Moraes, por Flavio Joppert, pág. 53
Entrevista com Bruno Tune Rodrigues, pág. 57
Entrevista com Cecília Waldemarin, pág. 63
Entrevista com César de Alencar, pág. 68
Entrevista com Iracema Vasconcelos, pág. 72
Entrevista com João Lenhari, pág. 75
Entrevista com Luiz Millan, pág. 80
Entrevista com Tavana Taniões, pág. 86
Entrevista com Vander Godoy, pág. 89
Citações de grandes autores, pág. 94
Conto: O homem e o abismo - Crônica de um deus cansado de sentir, por Idego Hypér, pág. 98
Conto: O grito de Ildar, por Fernando Schwartzhaupt Noroefé, pág. 107
Conto: Bono, o consertador de livros, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 112
Conto: Arquitetura da vida, por Idicampos, pág. 118
Conto: Segredo, por Iraci J. Marin, pág. 122
Conto: Agora, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 126
Conto: Comer com os olhos, por Marcos Carneiro, pág. 131
Conto: A Torre Negra, por Ney Alencar, pág. 134
Conto: O ocaso de minhas estações, por Roberto Schima, pág. 140
Conto: Amapola, por Ivana T. Souza, pág. 144
Colecione, pág. 153
Mídia Kit, pág. 156
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 157

EDITORIAL

Caros leitores,

Nesta edição de novembro, convido você, leitor, a mergulhar em um universo de mistérios. Nossa autora em destaque é Agatha Christie, a “Rainha do Crime”, que até hoje encanta milhões de leitores ao redor do mundo com suas tramas envolventes e personagens inesquecíveis, como Hercule Poirot e Miss Marple. Além dessa homenagem especial, você poderá conferir contos, poemas, entrevistas, crônicas e dicas de leitura que certamente irão inspirar e despertar novas reflexões sobre o poder da literatura.

A Revista Conexão Literatura segue com o mesmo propósito desde sua criação: divulgar autores, incentivar a leitura e aproximar leitores e escritores.

Aproveito para lembrar que estamos em busca de patrocinadores e apoiadores que desejem caminhar conosco, ajudando a fortalecer a cultura e a literatura brasileira.

Para saber como participar da nossa edição de dezembro/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Ademir Pascale

ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

JURA®
O S

www.revistaconexaoliteratura.com.br

AGATHA CHRISTIE

**CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA**

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado



**FAPAZ – Cursos EAD
Educação a Distância**

Instagram: @fapaz.br
Facebook: fapaz.rn

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui



AGATHA CHRISTIE

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - NOVEMBRO/2025

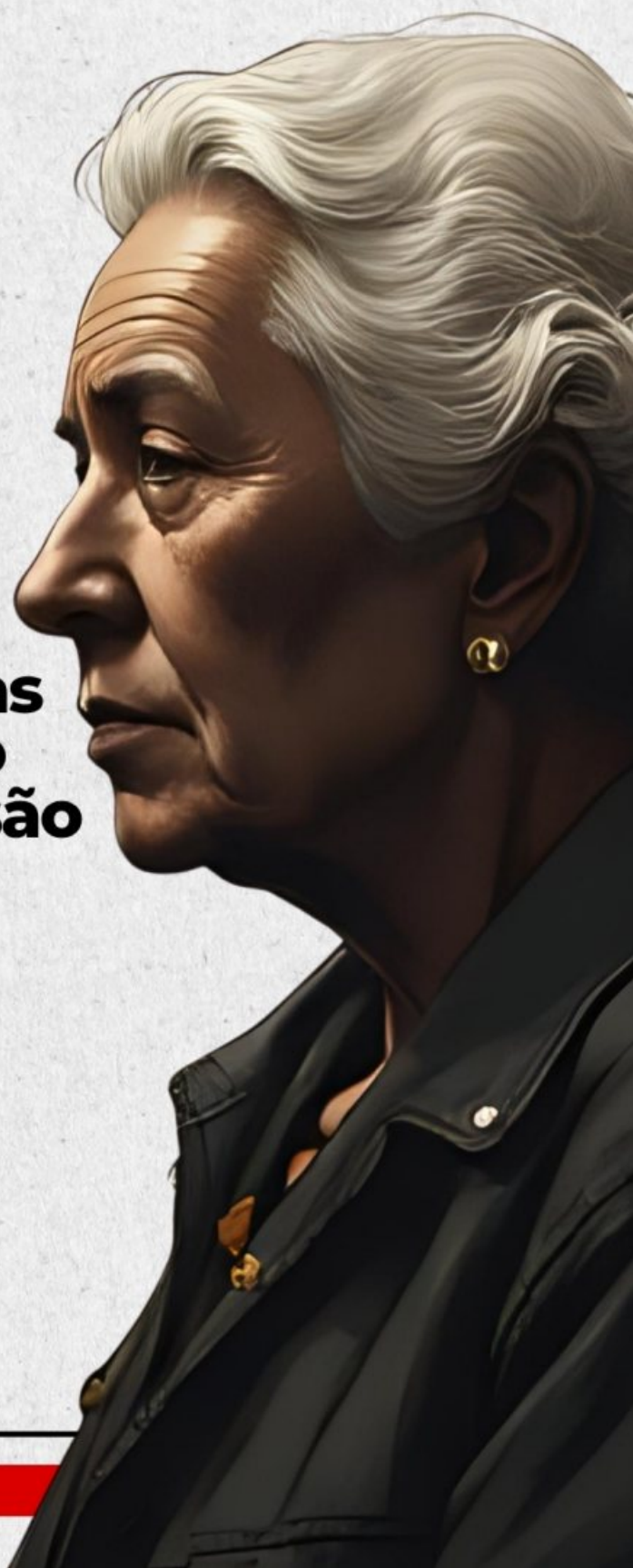
POR ADEMIR PASCALE

"Agatha nasceu em Torquay, na Inglaterra, em 1890. Mesmo tendo enfrentado dificuldades em sua juventude, como a morte precoce do pai e o incentivo tímido à leitura por parte da mãe, ela se destacou como uma das autoras mais lidas de todos os tempos [...]"

Seu talento foi reconhecido em vida: recebeu o título de Dama do Império Britânico e teve diversas obras adaptadas para o teatro, cinema e televisão

Desde jovem, sempre me encantei por mistérios, tramas bem elaboradas e personagens que nos fazem duvidar de tudo até a última página. Foi assim que conheci Agatha Christie, uma autora que, para mim e para milhões de leitores ao redor do mundo, representa o ápice da literatura policial. Seu domínio absoluto do suspense e da construção de enredos engenhosos é algo realmente maravilhoso.

Agatha nasceu em Torquay, na Inglaterra, em 1890. Mesmo tendo enfrentado dificuldades em sua juventude, como a morte precoce do pai e o incentivo tímido à leitura por parte da mãe, ela se destacou como uma das autoras mais lidas de todos os tempos, com mais de dois bilhões de livros vendidos. Seu talento foi reconhecido em vida: recebeu o título de Dama do Império Britânico e teve diversas obras adaptadas para o teatro, cinema e televisão.



AGATHA CHRISTIE

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Agatha Christie - Ilustração

A frase que mais me marcou dela é: “O instinto é uma coisa maravilhosa. Não pode ser explicado, e é acima da análise lógica.” Essa citação resume bem a essência de seus personagens, especialmente Hercule Poirot e Miss Marple, que seguem pistas quase invisíveis ao leitor comum.

Entre seus inúmeros livros, destaco “Assassinato no Expresso do Oriente”, uma obra-prima do gênero policial. Nele, Poirot precisa solucionar um assassinato a bordo de um trem de luxo preso pela neve. Com um número limitado de suspeitos e reviravoltas surpreendentes, Agatha prova sua maestria em manter o leitor preso do início ao fim. A elegância da narrativa e o desfecho inesperado fazem deste livro um clássico indispensável.

Christie é, sem dúvida, um dos maiores nomes da literatura mundial. Sua contribuição para o gênero policial foi tão marcante que inspirou gerações de escritores — incluindo este que vos escreve. Sua capacidade de manipular o tempo, esconder pistas e surpreender o leitor é algo que admiro muito.

Se você aprecia o bom e velho mistério, não pode deixar de ler Agatha Christie. Cada livro é um convite para um jogo mental, onde o leitor é desafiado a descobrir o assassino antes do famoso detetive. Uma grande experiência literária.

“Quando se vive tanto quanto eu, acaba-se descobrindo que as pessoas têm mais interesse pela vida dos outros do que pela própria.” — Agatha Christie

SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro “Nouvelles du Brésil” (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Autor dos romances “Jornal em São Camilo da Maré” e “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”. Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer de Medo”, “Contos e Poemas Assombrosos” e outras. Escreveu a introdução do livro “Bloody Mary - Lendas Inglesas” (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



GRANDE PRÊMIO
HAIJIN DO BRASIL

R\$ 15.000,00
em prêmios!



Concurso para *haicais*



**O *maior prêmio* para haicais em Língua
Portuguesa!**

Saiba mais na página oficial:

www.casabrasileiradelivros.com/haijin-do-brasil-2025

古池や蛙飛び込む水の音

Hidromitologia:

UM PRESENTE PARA O TURISMO LITERÁRIO!

POR CLARISSA MACHADO



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. Autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)", é Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.

Tradicionalmente, Ciência e Literatura são disciplinas apresentadas como divergentes e que não guardam relação alguma entre si, razão pela qual, a perspectiva Hidrologia-Mitologia soa ora como novidade, ora como invenção moderna. Ocorre que a aproximação entre Literatura Mitológica e Ciências das Águas é um estudo bastante antigo que foi abraçado, em diferentes momentos da história, pelo Turismo, notadamente por um segmento denominado Hidroturismo.

A Mitologia é um campo de estudos histórico e cultural, definido como a ciência que examina mitos (e lendas) sob diversas vertentes, alicerçado principalmente nas obras de Giambattista Vico, Joseph Campbell, Carl Gustav Jung, Northrop Frye, Vladimir Propp, Friedrich Schiller, Robert Graves, Mircea Eliade, Thomas Bulfinch, Júlio de Roso de Luna, Claude Lévi-Strauss, James George Frazer, Amy Maud Bodkin, Otto Seemann, Eleazar Moiseevich Meletinski, Mary Catherine Judd, E. M. Berens, Karl Kerényi, Theresa Bane, Jacob Bryant, E. J. Michael Witzel, Jean Shinoda Bolen e Hélène Adeline Guerber. Recentemente, acadêmicos sentiram a necessidade de escrutinar alguns dados pouco explorados, como, por exemplo, de que forma a Geologia dialoga com a Mitologia, pensamento que inaugurou a Geomitologia (Dorothy Vitaliano, 1968), cujo cerne é o estudo de oraturas e escritos ancestrais, a fim de perquirir referências a fenômenos geológicos. Inspirada em tal ótica foi que despontou a Hidromitologia (Cindy Clendenon, 2009), matéria que esmiúça as narrativas literárias, mitológicas e folclóricas relacionadas às águas, buscando desenvolver todos os pontos de vista já averiguados e os que, por alguma razão, foram preteridos.

*“NÁLADE, tu não tardarás a conduzir
Este cristal fluido cintilando enquanto fluir
Para onde, ah! Para onde tu fugiste?”*

(Ode à Ninfá da Água. Mr. Mason, com edição de Robert Dodsley. 1748.)

A partir de tais observações, pode-se afirmar que Geomitologia e Hidromitologia são áreas que se conectam aos Estudos de Mitologia Comparada e Mitologia Aplicada, que vêm se consolidando como campos de investigação que visam unir narrativas populares milenares e míticas a pesquisas científicas avançadas em que fontes literárias e arqueológicas são confrontadas, harmonizadas; e até mesmo ressignificadas.

*“Deus povoou os 4 elementos com criaturas vivas.
Ele criou as ninfas, as náíades, as melusinas,
as sereias para povoar as águas...”*
(Paracelso)

Nesse particular, convém apresentar um levantamento a respeito da conexão entre as famílias das ninfas das águas e a nomenclatura de algumas áreas das Ciências da Natureza:

Ninfas: Haliádes (ou Halias): ninfas das águas salgadas, como as Nereidas; Hidríades (ou Efidríades): ninfas das águas doces, como as Náíades. E dentre as Náíades: Crenides (Krinaias, Crinaias ou Crinéias): guardiãs das fontes e dos poços; Limnádes (Lymnades, Limneidas ou Limnátides): guardiãs dos lagos, charcos e das lagoas; Potâmides (Potâmidas): guardiãs dos rios, riachos, arroios, ribeirões e córregos; Pegéias (Pegeias): guardiãs das cachoeiras, mananciais e nascentes; Eleionomas (Eleionómai, Heleionomais): guardiãs dos pântanos e dos brejos.

Ciências Naturais: Hidrologia: ciência que estuda a ocorrência e a movimentação das águas no planeta, estando ligada à Hidrologia Aplicada, Hidrologia Estocástica, Limnologia, Hidrogeologia e Engenharia Ambiental; **Crenologia:** estudo das propriedades medicinais das águas minerais naturais e dos tratamentos com águas minerais nas fontes de águas. É uma ciência ligada à Hidrologia e à Medicina; **Limnologia:** parte da biologia que estuda as águas dos lagos bem como suas comunidades bióticas e ecossistemas aquáticos. É uma ciência ligada à Hidrologia e à Hidrodinâmica; e **Potamologia:** parte da Geografia que estuda as águas dos rios e dos arroios, bem como se dedica ao estudo biótico, geométrico e hidráulico dos cursos de águas. É uma ciência ligada à Hidrologia e à Hidráulica Fluvial.

Como se pode depreender, estudar as ninfas das águas é estudar as águas e vice-versa; um estudo não está completo sem o outro. Mas, afinal, quem são as ninfas de acordo com a mitologia e porque suas imagens são usadas em balneários e parques termais? De acordo com algumas versões, as ninfas, deidades menores, mortais e dotadas de longevidade e juventude eterna, existem desde a Era dos Titãs, muito antes dos deuses do Olimpo surgirem. O grande divisor de águas na vida delas teria sido a rebelião de Zeus contra Cronos, a chamada Guerra dos Titãs, em que as ninfas, por terem lutado ao lado de Zeus, foram adotadas por ele, recebendo o epíteto de “Filhas de Zeus”. Folcloristas do mundo todo investigam a vida das ninfas, cujas histórias são conhecidas em todas as culturas; sendo o mais renomado compêndio, o produzido pelo escritor argentino Jorge Luis Borges no *Livro dos Seres Imaginários*. No que concerne às ninfas das águas da mitologia greco-romana, os pesquisadores as dividem em grupos conforme seus domínios, de modo que as Haliádes (ou Halias), grupo no qual estão as Nereidas, são ninfas das águas salgadas; já as Hidríades (ou Efidríades), categoria na qual estão as Náíades, são ninfas das águas doces.

“Fonte de inspiração da arte greco-romana, as ninfas emprestaram suas características a seres mitológicos de culturas posteriores, como elfos, fadas e gnomos. Na mitologia grega, ninfas eram as divindades femininas secundárias associadas à fertilidade e identificadas de acordo com os elementos naturais em que habitavam, cuja fecundidade encarnavam. As oceânides e as nereidas eram ninfas marinhas; as náíades, crenéias, pegeias e limneidas moravam em fontes, rios ou lagos; as hamadríades (ou driades) eram

protetoras das árvores; as napéias, dos vales e selvas; e as oréades, das montanhas. Diferenciavam-se ainda muitos outros grupos. Embora não fossem imortais, as ninfas tinham vida muito longa e não envelheciam. Benfazejas, tudo propiciavam aos homens e à natureza. Tinham ainda o dom de profetizar, curar e nutrir. Em geral, não se destacavam individualmente, embora algumas das mais citadas na literatura apresentassem genealogia definida.” (BARSABER)

As Náíades, também chamadas de Naias e Neides, são as ninfas protetoras das águas doces (superficiais e subterrâneas) que, muitas vezes, aparecem ao lado das Oceânides, as ninfas das profundezas dos mares e dos oceanos, em virtude de seu parentesco; aliás, não é difícil encontrar textos em que Náíades são chamadas de primas das Nereidas.

Otto Seemann, escritor e historiador alemão, afirmava que as ninfas aquáticas dos riachos e das fontes se distinguem pelo nome de Náíades e são elas as generosas nutridoras das plantas e, logo, estariam relacionadas, indiretamente, ao sustento dos homens e dos animais, por isso, gozavam de grande veneração entre os povos antigos, embora, fossem divindades inferiores e não pudessem reivindicar templos próprios. Ainda conforme Seemann, a adoração às ninfas foi muito comum na Grécia Antiga, costume incorporado posteriormente pelos romanos.

Todas as águas paradas vivem sob controle das Náíades: fontes, poços, lagos, lagoas, charcos, mananciais, nascentes, cachoeiras, pântanos, brejos, lamaçais, rios, riachos, ribeiros, arroios e córregos, das quais não podem se afastar sob risco de morte (lembramos de que elas são longevas, porém não são imortais). Como as árvores, plantas e flores devem sua nutrição ao cuidado cordial e amável das águas, essas divindades eram apontadas pelos gregos como benfeitoras especiais da humanidade, inclusive, segundo muitas narrativas, as Náíades estão intimamente vinculadas às flores chamadas de ninfas ou nenúfares, cujas folhas largas e verdes com suas copas amarelas flutuam na superfície da água.

Outrossim, são elas, as ninfas das águas, que aconselham sacerdotes e curandeiros devido aos dons proféticos e oraculares que possuem, e aos conhecimentos medicinais que detêm. Como todas as ninfas, além do dom da profecia, elas são dotadas do dom da poesia, já que são capazes de vibrar amor verdadeiro e força criativa positiva, sussurrando e inspirando todo o tipo de arte poética. Destarte, são figura central na concepção da poesia e, por este prisma, é que os poetas as reconhecem como suas “musas” (ainda que, para alguns mitólogos, a denominação esteja tecnicamente equivocada, já que apenas algumas lendas mencionam que ninfas são musas primordiais). *Sandro de América*, um dos ícones da música argentina, em certa entrevista (*Soy Prisionero de Sandro*), mencionou, referindo-se às suas composições, que, na verdade, o mérito não era dele e sim da “musa”:

“Quando baixa a musa... baixa!”

A presença das ninfas e seus feitos constam em importantes obras literárias como *Teogonia* (Hesíodo), *Iliada* (Homero), *Odisséia* (Homero), *Os Lusíadas* (Camões), *Metamorfose* (Ovídio), *Eneida* (Virgílio), *Hino às Náíades* (Mark Akenside), *Sonhos de Uma Noite de Verão* (Shakespeare), *Soneto à Ciência* (Edgar Allan Poe), *À Helena*

(Edgar Allan Poe), A Nífa D'água (Irmãos Grimm), Histórias da tia Nastácia (Monteiro Lobato), Metamorfose (Jorge Sena), e poemas de Fernando Pessoa como Ricardo Reis. Por meio delas e de oraturas antigas é que temos um “retrato falado” de como as ninfas são fisicamente: mulheres de aparência jovem, cuja beleza é atípica e exótica, que têm a pele índigo, olhos azul-marinho, cabelos ondulados, volumosos e muito longos, e o corpo curvilíneo com seios e ventre aumentados como o de uma mulher que acaba de dar à luz.

Não se pode perder de vista que uma nínfa das águas que se preze, habitualmente, faz-se acompanhar por algum objeto alusivo à água tais como aguadeiro, vaso, pote, taça, tina, urna, cântaro, hídria ou jarro. A presença de tais artefatos junto a seu corpo em praças, parques e balneários reforça duas de suas características mais significativas: I. sua capacidade de restaurar a saúde física e mental; que, no caso das Náiades, se dá graças às águas habitadas por elas, que são nutritivas, frutificantes e ricas em propriedades benéficas para restituir a força, desintoxicar o corpo, cicatrizar, regenerar e rejuvenescer; e II. sua missão primeira de vida: proteger o reino das águas, que abrange toda forma de vida submarina, todas as propriedades e composições especiais que aquele tipo de água venha a ter. Sob tal enfoque, cabe realçar que o mito do poder miraculoso ou mágico das águas está intimamente ligado a elas, as ninfas; ou seja, as águas são milagrosas devido ao poder da nínfa que ali habita, o que o Hidroturismo soube trabalhar muito bem, tanto em benefício da saúde humana quanto da preservação da natureza, mormente das águas.

O Hidroturismo (ou Turismo das Águas), como ficou conhecido qualquer tipo de visita, passeio ou excursionismo, tem como foco lugares cujas águas representam um atrativo seja para lazer, bem-estar, cura, relaxamento ou desporto. Dentre as categorias existentes estão:

Turismo Termal (ou de saúde ou termalismo): uma das mais antigas práticas de turismo que remonta aos tempos de Roma, ficando conhecido no mundo inteiro como uma técnica de bem-estar apreciada e reconhecida como estratégia de prevenção e manutenção da saúde física, mental e emocional. Um de seus principais entusiastas foi Napoleão III da França e o documento mais relevante foi, certamente, “A Carta das Águas Minerais”, de Henrique IV, também da França. Cabe salientar que, atualmente, o termalismo ou hidroclimatismo divide-se em duas categorias: Clássico (terapêutico) e De Saúde (bem-estar) e concerne todas as formas de tratamento hidríático, climático, cinésico, pelóidico, higienodietético, pepsâmico e psicológico. Faz-se imperativo assinalar que o termalismo figurou durante anos em guias de medicina popular chegando a integrar oficialmente em 1890 o Dicionário de Medicina Popular. Todavia, foi apenas no século XXI que o termalismo passou a ser considerado ciência passando a constar em 2001 no Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, e desde então passou a ser objeto de estudo da Hidrologia Médica. Em 2006, no Brasil, o Ministério da Saúde na apresentação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS incluiu a implantação do Termalismo-Crenoterapia no sistema.

Turismo Hidroterapêutico: desdobramento do turismo termal que conjuga os aspectos de relaxamento e de fortalecimento do corpo. O espaço destinado a este turismo é geralmente em um SPA, balneário, centro hidroterápico ou resort aquático. A atividade é realizada dentro de uma piscina, um tanque, jacuzzi ou ofurô com águas quentes ou frias,

minerais ou não, com duchas, cascatas, turbilhão ou jatos de água para hidromassagem, podendo ser acompanhado de cromoterapia e musicoterapia.

Turismo Aquático-desportivo (aquaturismo): tendência mais moderna que compreende uma série de atividades físicas ligadas à água, também chamado de “turismo aquático de aventura” tais como: aquapedestre, caiaque, caminhada aquática, canoagem, coasteering, hidrospeed, kitesurf, passeio de gôndola, passeio de jangada, pedalinho, pescaria, rafting (bote), regata, remo, stand up paddle, swimrun, wakeboard; entre outros.

Crenologia e Crenoterapia: De acordo com o Serviço Geológico do Brasil (CPRM), a crenoterapia funciona como um auxiliar terapêutico, em tratamentos preventivos ou curativos, a partir do uso das águas minerais com comprovação medicamentosa. Os estudos são realizados pela Crenologia, ciência dedicada aos estudos sobre efeitos medicamentosos das águas minerais. São objetos de estudo temas como: História das Águas Minerais, Medicina na Antiguidade, Crenoclimatismo (hidroclimatismo), Crenoquimioterapia, Balneoterapia e Hidrologia Médica. A Crenologia tem seu reconhecimento legal, com aprovação da criação de uma comissão no Brasil no ano de 1949, por meio de decreto, tendo, posteriormente, como patrono, o mineiro Dr. Benedictus Mário Mourão.

À luz dessas considerações, infere-se que a Hidromitologia constitui um valioso presente para o Turismo Literário, ou melhor, “Hidroturismo Literário” que permite práticas de mediação de leitura por meio de Biblioterapia e Livroterapia, preferencialmente, Mitoterapia e Poematerapia. É, por fim, um ramo comum à Literatura e à Ciência, expressivo e capilarizado, que merece um olhar metódico a fim de criar pontes entre passado e presente, e em prol da construção de um futuro efetivamente sustentável.

Palavras-chave: *Mitologia. Mitologia Comparada. Mitologia greco-romana. Oraturas. Literaturas. Mediação de Leitura. Terapias Literárias. Mitoterapia. Poematerapia. Ciências. Ciências Fluviais. Ciências Marinhas. Hidrologia. Hidromitologia. Hidroturismo. Turismo Literário. Hidroturismo Literário. Ninfas das Águas. Naiades. Musas Primordiais. Futuro Sustentável. Meio Ambiente. Saúde Pública.*



CONHEÇA A ONG



CÃO SEM DONO



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:

www.caosemdono.com.br



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

[WWW.INSTAGRAM.COM/CAOSEMDONO.OFICIAL](https://www.instagram.com/caosemdono.oficial)

[WWW.CAOSEMDONO.COM.BR](http://www.caosemdono.com.br)



EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA

FORMAÇÃO CONTINUADA

NOVOS VENTOS. NOVOS TEMPO EM FORMAÇÃO DOCENTE.

CURSOS EAD
OUT-NOV.2025

**P
R
O
G
R
A
M
A
Ç
Ã
O**

01

**FORMAÇÃO DE GESTORES EDUCACIONAIS – 180H
(EAD)**

02

**EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO
SOCIOEDUCACIONAL – 180H (EAD)**

03

ESCRITA ACADÊMICA – 180H (EAD)

04

PEDAGOGIA EMPRESARIAL – 180H (EAD)

05

**PSICOMOTRICIDADE E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM – 180H (EAD)**

06

**LUDOPEDAGOGIA E NEUROPSICOPEDAGOGIA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL – 180H (EAD)**

07

**ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA PARA
INGRESSO EM CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO**
(SÍNCRONO PELO GOOGLE MEET, DE 20 A 25 DE OUTUBRO DE 2025, DAS 19 ÀS 22H – HORÁRIO DE BRASÍLIA)

ATENÇÃO

R\$ 80,00

CADA

INSCREVENDO-SE EM TRÊS CURSOS, ALÉM DE PAGAR
APENAS R\$ 200,00 (DUZENTOS REAIS), O QUARTO SERÁ
TOTALMENTE GRATUITO!!

SOLICITE INFORMAÇÕES: CEFOP2@GMAIL.COM /
FAPAZ.RN@GMAIL.COM.

INSCRIÇÕES ATÉ O DIA 05 DE OUTUBRO DE 2025.

INSCREVA-SE ACESSANDO:



[HTTPS://FORMS.GLE/P7RQ43WU9YR8F6BZ9](https://forms.gle/P7RQ43WU9YR8F6BZ9)

MAIORES DETALHES CONTATE PELO WHATSAPP (84) 99129 1096

GENTILEZA COMPARTILHAR!



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

imPERmanências

Por Mirian Menezes de Oliveira



O incrível ipê floresce
e como que, num encanto,
transmuta-se em flores secas.
Anuns, em bando, esvoaçam...
Sabiás pousam nas cercas.

Amanhece...
Entardece...
Anoitece...

Das árvores, já sem ninhos,
aproximam-se outros bichos.
Não, apenas, passarinhos...
Formam-se, então, outros nichos.

Anoitece...
Amanhece...
Entardece...

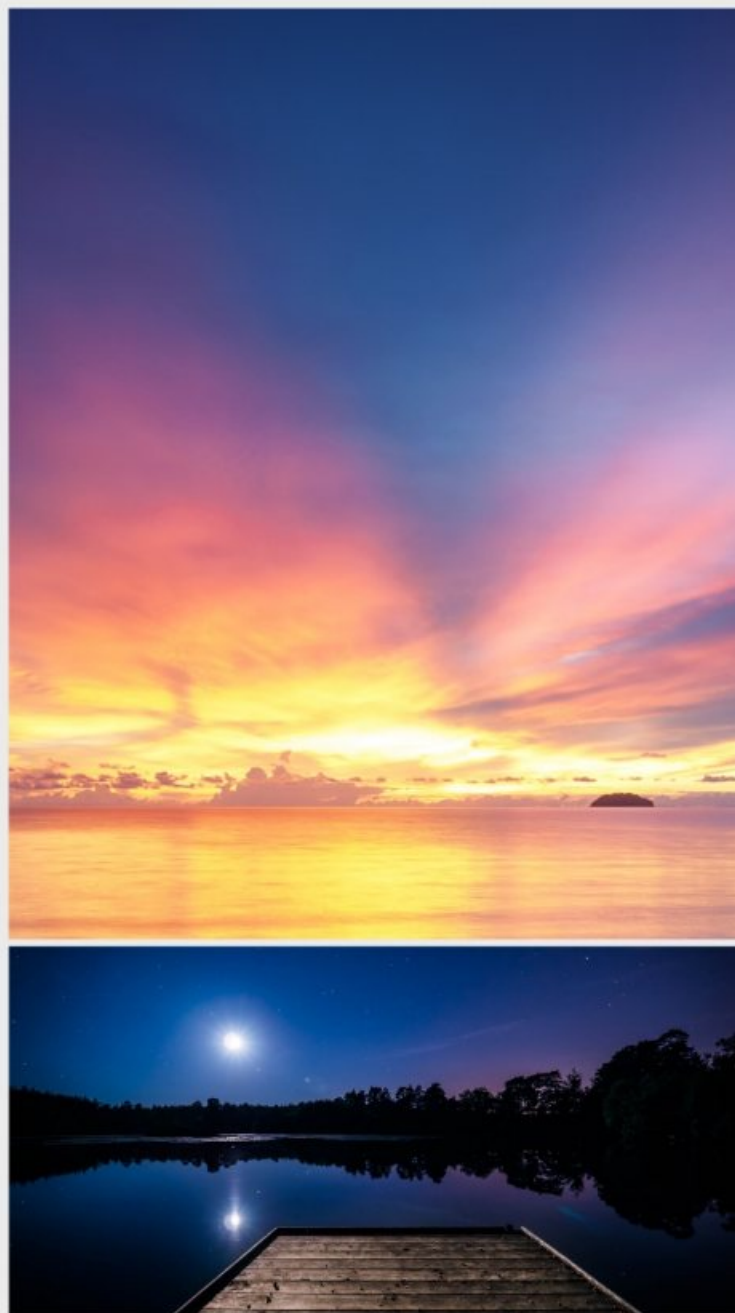
Deslocam-se: sol e sombra;
pensamentos; vida e morte...
Deslocam-se os elementos;
estações; azar e sorte.
Ventos trazem sentimentos!

Entardece...
Amanhece...
Anoitece...

Vida em ciclos...
Impermanências...

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

Por Jaff Silva

NÓS E O UNIVERSO

O homem é um ser que nasce
Neste astro imerso no universo,
Floresce e, após algum tempo, fenece.

Curioso, sempre repete as perguntas:
"Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?"

Através do telescópio James Webb,
Vasculhamos a memória deste universo.
Observamos galáxias muito distantes,
Próximas do início dos tempos.
Vendo o universo no berço,
Discutimos sua estrutura de espaço-tempo.

À noite, namorando as belas estrelas,
Sinto-me tão pequeno e solitário.
Há mais estrelas no imenso universo
Do que todos os grãos de areia da Terra.
Para que todas estas belas estrelas?
O pensamento ressoa na minha alma,
Mas de nenhum lugar surge um comentário.

Como a luz, o pensamento levaria
Quatorze bilhões de anos para atingir
As fronteiras finais do universo
E outros tantos para o eco voltar.

Talvez haja uma resposta pelo caminho,
Ou será que o ser humano está sozinho?
Não sabemos sequer se houve ou há vida em outros lugares.

Já dormindo, vejo uma estrela cadente
E lembro que o universo evolui.
Estrelas nascem e morrem,
E sobra energia e algum pó de estrelas,
O mesmo pó do qual todos somos feitos.

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@Jaffkamphorst).

HALLOWEEN

do passado

Por Jaff Silva

NA CIDADE DA MINHA ANTIGA INFÂNCIA
HAVIA UM CINEMA IMENSO E PERFEITO
E SEMPRE SE ARRANJAVA ALGUM JEITO
DE VER FILMES, MESMO SENDO CRIANÇA.

NUMA ÚNICA SEMANA ASSISTI
ROMÉO E JULIETA (ZEFFIRELLI)
E O TERRÍVEL MONSTRO DAS PEDRAS BRANCAS
UM TERROR MEDÍOCRE DA SÉRIE B.

COMO OS FILMES NÃO ERAM PARA UM GURI,
POR ANOS, FIQUEI AMANDO JULIETA,
E, ASSUSTADO COM O MONSTRO CAPETA,
POR VÁRIOS ANOS QUASE NÃO DORMI.

DEPOIS APRENDI QUE BOM ERA TER
UMA GAROTA E NÃO UMA ATRIZ SEM MÁCULA.
E LIVROS DE TERROR COMECEI A LER,
TAIS COMO FRANKENSTEIN E DRÁCULA.

DO DRÁCULA DE STOKER NUNCA GOSTEI
MAS O ROMANCE DE MARY SHELLEY
COM O HOMEM PODENDO CRIAR VIDA
MESMO HOJE EM DIA, É MUITO DE LEI.

APÓS CINQUENTA ANOS, EU ME CASEI
E NÃO CRIAMOS VIDA BIOLÓGICA.
TALVEZ NÓS DEVAMOS MUDAR DE ÓTICA
PARA GERARMOS UM SER DA ROBÓTICA.



SOBRE O AUTOR:

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS de poemas estão disponíveis no Facebook: (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@Jaffkamphorst).

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ANÁLISE DO FILME PINOQUIO 3000

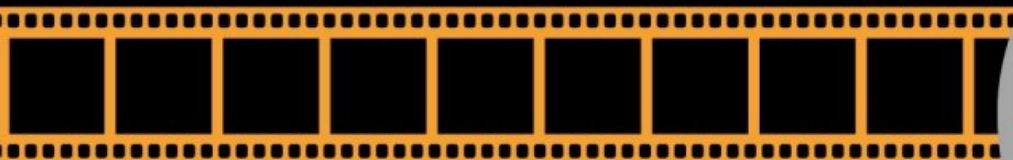
Por Max Moreira



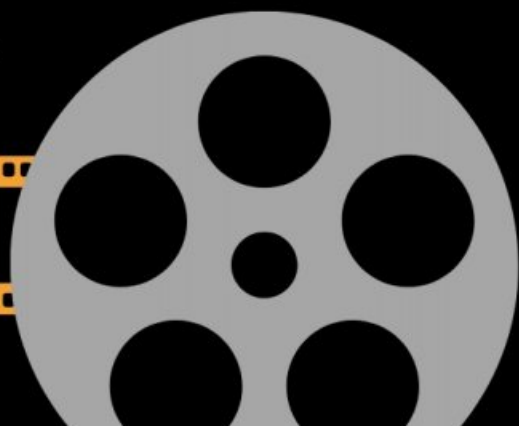
FOTO DIVULGAÇÃO

Pinóquio 3000. Infantil. Flashstar: Canadá/ França/ Espanha
/ 2004 - Aprox. 80 min.

CinéGroupe (Canadá) - Filmax (Espanha) - Castelao
Productions (Espanha) - Anima Kids (França)



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



A princípio, percebe-se claramente que Pinóquio tem uma obsessão em ser “um menino de verdade”. No entanto, podemos questionar terminantemente o que existe por trás desta obsessão. Ora, o maior desafio moral de Pinóquio era justamente “ser como os outros”. Sendo assim, ele – Pinóquio – precisava ser “normal” para ser aceito socialmente. Não podemos nos esquecer de que Pinóquio já “nasce” na condição de um menino de mais ou menos 10 anos de idade, mas com uma mente ainda em fase inicial. Desta forma, ele tinha que construir seu conhecimento a partir de suas experiências e, conseqüentemente, sua moral também evoluiria nesse processo. Também não podemos nos esquecer de que Pinóquio já nasce sabendo *falar*, e percebe-se também que ele já sabe *ler* (leitura de dados). O que Pinóquio ainda não tem é a consciência moral que irá determinar o que é “certo” e o que é “errado”. É este o desafio proposto pela fada em troca de torná-lo um menino de verdade.

Os requisitos necessários para Pinóquio conquistar a condição humana são justamente ser um bom filho e um bom menino, portanto, um menino normal, igual aos outros. Assim, ele teria que descobrir a diferença entre o certo e o errado para, só assim, conquistar a condição humana. Mas afinal, o que é ser um menino normal? Ou melhor, o que é certo e o que é errado? Essa é a questão. Pinóquio, inconscientemente e conscientemente, tinha a necessidade da aceitação social, já que ele era um “menino diferente”. Em outras palavras, Pinóquio acreditava que ser um menino normal era exatamente agir de acordo com as normas sociais estabelecidas pela sociedade. Aqui entraria a questão do preconceito, pois aquilo que é diferente é rejeitado simplesmente por não se adequar às normas padrões. Assim, o certo é definido pela sociedade, e todos tem que seguir, pelo menos, a princípio. Foi isso que Pinóquio fez.

ESCOLA, para Pinóquio, não parecia ser algo tão importante assim. Isso porque ele estava mais interessado em aprender a respeito do mundo ao seu redor. Lembremos que Pinóquio já nasceu sabendo falar e ler, o que ele ainda não tinha era experiência de “leitura de mundo”. Tudo o que ele aprendia, memorizava em seu cérebro eletrônico. Nesse sentido, tudo era novidade. Por isso a escola não era tão atraente para Pinóquio, pois, nesse âmbito, a escola não era prioridade. Sabemos que, socialmente, a escola representa a formação geral de um indivíduo, e que, através dela, é possível adquirir cultura e um alto nível intelectual. Embora esse não fosse a maior preocupação de Pinóquio, ele insistia em ser um indivíduo, entre muitos. Percebe-se em Pinóquio um conflito constante que ele tenta resolver o tempo todo. Já INFÂNCIA vem a ser, para o menino-robô, segundo SOTERO, sinônimo de *prazer*. Para a autora, “*durante as suas aventuras, Pinóquio não tem uma preocupação com o certo ou com o errado, ele sempre age de acordo com aquilo que lhe dá vontade, preocupando-se com a sua satisfação imediata*”. À luz de Freud, podemos Pinóquio é ID puro. Já a VIDA ADULTA, para Pinóquio, é uma condição repleta de regras a serem seguidas e que as ignora completamente por não compreender ainda o significado de se conviver em sociedade.

Embora Pinóquio sempre se lembrasse das ordens de seu avô, o menino-robô apenas se preocupava consigo mesmo, sempre agindo conforme seus impulsos, que era mais forte que sua consciência moral. Pinóquio era bastante egocêntrico e acreditava que o mundo girava em torno dele, sendo desta forma completamente apático. Por isso, ele

descumpriu as ordens de avô (pai). Pinóquio ainda não tinha consciência das consequências de seus atos.

O grande abismo que separava Pinóquio da Escola era a sua condição “maquinalizada” que o afastava da condição humana. SOTERO cita o livro *Teoria da literatura: uma introdução*, de Terry Eagleton, na qual afirma no capítulo que se refere à Psicanálise, que a civilização e, conseqüentemente, a nossa história social, surge quando o homem sai do seu autocentrismo e se preocupa com o meio em que vive (p. 02). Um exemplo claro em que Pinóquio se afasta da condição humana, é quando ele vai para o parque de diversões, no qual existem apenas jogos e diversões e não há escola nem estudo. É nesse fantástico lugar que todos são transformados em robôs, cuja consequência foi causada pelos atos impensados de Pinóquio.

“Ser gente” na perspectiva do mundo moderno desenhado no filme “é aquele ser capaz de viver em sociedade”. Parafraseando SOTERO, Pinóquio é “um robô com características humanas. Logo, nos remete a ideia do homem como máquina, que precisa ser construído, o homem aproximado à máquina que não se educa; chamando a atenção para a necessidade de culturalização”. Assim, podemos dizer que “*é o ingresso no princípio da realidade, é o escutar, que é muito importante quando se vive em sociedade, quando se sai de si mesmo. As aventuras de Pinóquio representam, nesse sentido, o desenvolvimento do processo de amadurecimento*” (SOTERO, p. 4).

Segundo SOTERO, “*embora Pinóquio tenha vida, ele não é uma pessoa (entendendo por pessoa, aquele ser capaz de viver em sociedade) e somente no fim da história, quando ele se ajusta ao princípio da realidade, então merece ser transformado em uma pessoa*”. Desta forma, Pinóquio sai de seu egocentrismo e conquista a sua maturidade. O menino passa a se preocupar não mais só nele, e sim com os outros também. Isso se torna evidente quando Pinóquio percebe o erro de ter contribuído com as atitudes do Prefeito da cidade, e depois tenta reparar seu erro enfrentando seu adversário. Podemos concluir que o que assegurou o direito de Pinóquio conquistar a condição humana foi “*a tentativa de vencer as atitudes impensadas provocadas pelo princípio do prazer, é o reconhecer-se dentro de um conjunto*”.

A ideia principal do filme trata justamente da necessidade de o homem se libertar do estigma de “marionete”, saindo do seu egocentrismo e mirando àquilo que está a seu redor, tornando-se pessoa. Focaliza também o desenvolvimento moral da criança, mostrando a evolução de Pinóquio de acordo com os princípios de comportamento social definidos pela cultura.

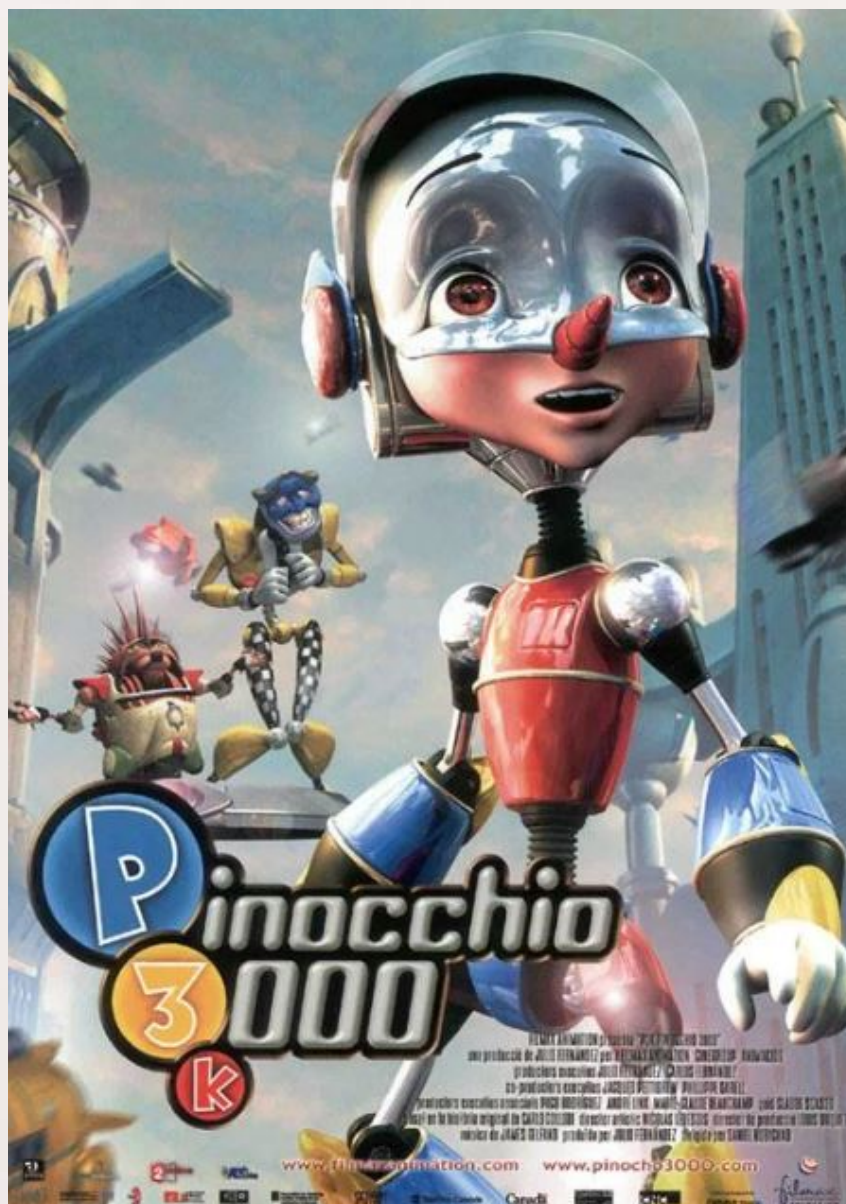
ANEXO

“(...) um pedaço de madeira com características humanas. Logo, nos remete a ideia do homem como coisa, que precisa ser esculpido, o homem aproximado ao animal se não se educa; chamando a atenção para a necessidade de culturalização.” (p. 01)

BIBLIOGRAFIA

Pinóquio 3000. Infantil. Flashstar: Canadá/ França/ Espanha / 2004 - Aprox. 80 min.

SOTERO, Alessandra Garrido. **Pinóquio: do Princípio do Prazer ao Princípio da Realidade**. Mestranda de Língua e Literatura Italiana – UFRJ.



MINIBIOGRAFIA DO AUTOR: MAX MOREIRA

Max Moreira, tem 41 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de Literatura e de HQ's. Um de seus livros preferidos é **Dom Casmurro**, de Machado de Assis – seu Autor preferido. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

O LADO BOM DA VIDA

VOL. IV

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

Por Ivana T. Souza

água

Água sagrada! Dádiva divina
Que embala nossa mãe Terra.
Símbolo místico de purificação.
No universo oculto, é arquétipo
De vida e pureza.

Água da chuva é benção que alimenta
Os mares, lagos e rios, que saciam
A sede dos filhos da Terra.
Nuvem no céu, quando se transforma
Em chuva, cobre a terra como véu e,

Sustenta a fauna e a flora.
Cascata cristalina que desce do alto
Da colina, deságua em linda lagoa que
Encanta e enche de vida a natureza.
Água é o orvalho da flor, que o sol

Bebe no amanhecer.
Gota d'água no arco- íris reflete o sol
E se dispersa em feixe de luz multicolor.
Água da chuva que anuncia a florada do Ipê
E que fascina o olhar.

Água é o leite da Terra, à espera da
Semente, para transformá-la em verde
Berço. Água, doce néctar que alimenta a
Borboleta, a abelha e o beija-flor.
Água é a seiva que sustenta a árvore e

Também a lágrima que a faz chorar
Quando ferida e queimada.
É o sangue que corre na veia, e o suor
Do trabalho na dança da vida.
É a lágrima da saudade, do riso e da

Dor, no oceano interior.
É o líquido Amniótico a envolver o feto, gerando luz
E vida, e o leite materno que a tenra vida
Suga quando desabrocha.
Água é Vida.

Água de lenda e de ritual.
Água de pia batismal.
Água do mar de Iemanjá.
Água do Rio Negro e Solimões de Yara.
Água do mar de Poseidon.

Água que dissolve, coagula e cura.
É elemento na função de transcendência da
Fagulha Divina, que revela o seu colorido,
Tornando-a mais luminosa e bela.

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina.

Atualmente reside em Joinville - SC. É esperantista. Escreve contos, microcontos, poemas, poesias e participa de concursos literários.

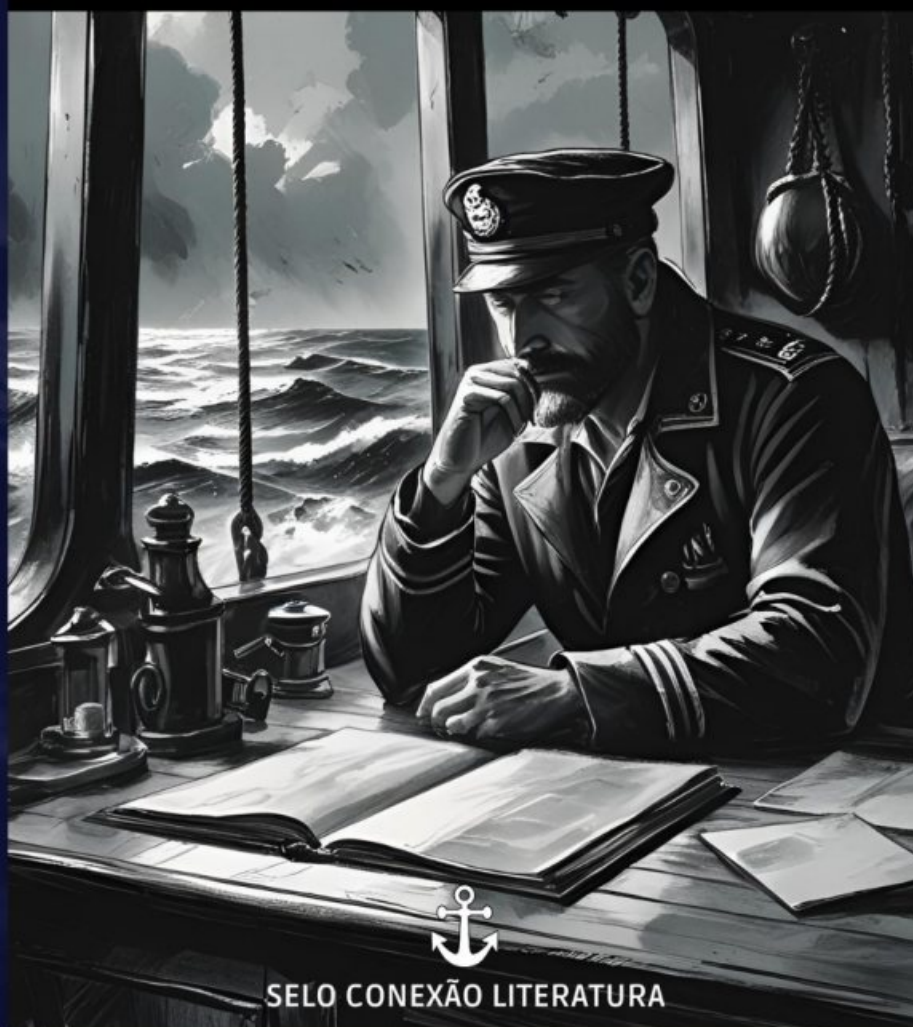
E- mail: ivana.souzat@gmail.com

Instagram: [@ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)

água

A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)



À Janela

Por Sellma Luanny

Amanhece lentamente...
com um céu quase totalmente
limpo... promissor!
E as vejo chegando ou passando apenas...
um grupo maior para longe voa.

E uma ou outra, por perto permanece.
Espero um pouco mais... e nada...
talvez mais tarde...
Talvez as que já se mostraram...
E então mais uma... a insistência a gratificar.
Da minha janela... observadora apenas.

E mais algumas... em grupos à parte...
Sinto-me melhor. Mas todas, alto voando...
para longe. É tudo por agora?
Observadora apenas - nada posso -,
Em prol... nada contribuo.
Como poluidora comunitária,
pelo contrário, só sinto culpa.



Série GARÇAS BRANCAS E EU



E Mais Uma Aurora

Por Sellma Luanny

Amanheceu... de nuvens, céu quase limpo.
De poluição, não posso dizer o mesmo...
baço horizonte, denunciado.

E de repente, um floco de sete ou oito belas...
voando rápido, passam para longe...
e um minuto depois, uma solitária... também alto a voar.

E não mais - pelo menos por enquanto.
Estão noutra fase de sua rápida e extenuante labuta...
a fonte parece longe daqui... mas cumprem a sua rotina.

Mais tarde, as que vejo, voltam alto e rápido...
regressam aos ninhos e filhotes, sempre.
Como bons pais, nunca os abandonam...
- só se um infortúnio as impedirem.





Uma Pequena Garça

Por Sellma Luanny

Vejo a primeira... e mais uma...
Somente a passarem. A primeira era pequena...
- pergunto-me se era um filhote...
Dado à urgência das idas e retornos,
os filhotes devem estar ativos...
e o alimento, básico.

Pouco depois mais duas...
e a seguir um floco de quatro.
Não permanecem ao meu alcance...
seguem para melhores fontes.
De repente, outra pequena
devagar vai voando.

Preocupo-me... neste ir para longe
- de uma movimentada ponte adiante,
têm que se desvencilhar...
Parece muito traiçoeiro...
os carros não diminuem a velocidade...
elas têm que se virar.



Estou Ciente

Por Sellma Luanny

A cada dia, à minha frente,
parece um menor número.
Agora, quase certeza, entendo o porquê.
Atrevi-me a investigar...
e confesso, mais tranquila estou.



SOBRE SELMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de rodapé: sexta parte da série de poemas GARÇAS BRANCAS E EU (partes a serem publicadas mensalmente na REVISTA CONEXÃO LITERATURA).



DICAS PARA LEITURA

Edição de Novembro

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA VOL. II DE POEMAS E CONTOS



SELO CONEXÃO LITERATURA

ANTOLOGIA

Contos e Poemas Marítimos

VOL. V
ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



“ COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS - VOL. II, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG ”

“ CONTOS E POEMAS MARÍTIMOS - VOL. V, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG ”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, tall bookshelves are filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO



Do Tempo

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

*Sim! Eu vi... e como apreciei
Você querida "pétala", pela brisa bailando no repousar
Procurando se alojar em um cantinho
Ainda, mesmo no "tempo" passado no florido Jardim*

*Claro que chorei!
Rara emoção por só daquele amor recordar
Com encanto percebi o sussurrar do seu carinho
Que, assim, ardente, me tomava até o indesejado fim*

*Mesmo cansados, a grande tristeza pelo final
Foram momentos vividos sem a existência de outro igual
Laureados com suspiros e choros de felicidade*

*Ah! Gente! Dos "tempos" passados
Guardo recordações pelo tanto que foi amado
Mas, daquele "tempo", agora, somente abraçar a saudade*

No

Outono....

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

De "assanhada"
Podem me chamar
Não me importo com nada
Por assim, deliciosamente, poder te amar

Dizem que para assim proceder
Existe a "tal" cobrança no viver
E a tão bela e sonhada "flor"

Ao entorno do bailar da "brisa" deixa cada pétala se espalhar com raríssima "cor"

Em algum momento poetas a denominam de "matizada"
Outros, então, incrédulos, a batizam diferente
Como fruto de pequenina dor somente

Eu, prefiro repousá-la em meu coração
Encharcando-a de amor em infinda emoção
E que chamem de "assanhada" a rara delícia de assim ser amada

MAS COM
VOCÊ

Por Joaquim Cândido
de Oliveira





Quanta delícia
Acordar
Nesta loucura
Em escrever o "viver"



Que seja aquele correr
No passo a passo com doçura
E do sonolento apressar
Abandonar nas "margens" da estrada qualquer malícia



Nas observações, palavras surgindo
Do fundo do lago, com alegria emergindo
Pela superfície, com sorrisos deslizando
No interior, a alegria por estar somente amando

Se insatisfeita com o tema
Ao bailar pela brisa o poema
Acordada, me deixo levar pela fantasia
E com imaginações "roubo" do momento a deliciosa poesia



Assim, nova vida
Surpresa, escuto palavras de "querida"
Tristezas, então, que fiquem para lá
Para que possam repousar em outro lugar



Enfim, no horizonte, o reencontro com o amor
Gentilmente me presenteando com "aquela" flor
Dou "vivas" para o novo amanhecer
Pois outra felicidade da vida procuro "viver" agora, mas com você!



DEPENDE DE NÓS



POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ah! Gente! A corrida até a janela
A abraçar o amanhecer
Deixa-nos observar e ver
Que a “natureza”, a cada momento, se torna mais bela

Com a beleza refresca-se o olhar
Agora, então, olvidando restrições
No local, quanta delícia somente sonhar
E, nas críticas, que tal o destaque dos perdões

Na visão, o abraço do forte verde tão colorido e harmonioso
Sim! De fato, aos olhares de suas cores, o tal destaque maravilhoso
No seu emaranhado -repito- inúmeras cores
A alimentar, no nosso interior, imaginações que nos levam aos deliciosos amores

De súbito, na memória, ocasiões
A lembrar, nas passadas histórias, raras emoções
Em ajuda, a poesia se apresenta correndo no sussurrar
E, no poema, alegres pássaros se envolvem no bailar

Ah! Gente! A corrida até a janela
A abraçar o amanhecer
Deixa-nos observa e ver
Que a “natureza”, a cada momento, se torna mais bela

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo com Poemas, mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE e ESCREVER FLORBELA ESPANCA.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, um outro com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, NO Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote divulgação para escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA UM LIVRO E
VIAJE NAS ASAS
DA IMAGINAÇÃO**



Por Marcos Antônio Silva Carneiro

CONTIDAS *mas não contadas*

Revista Conexão Literatura

Os sebos guardam livros lidos e descartados por um ou vários donos. Mas, para além das narrativas premiadas e outras que nasceram e morreram no desconhecimento do leitor, fazendo volume em prateleiras por R\$ 10 a edição, existe a dedicatória.

Romanticamente diria que é uma paixão, mas chega a ser quase uma mania, um desejo pela vida das pessoas que compartilharam, de alguma maneira, aquele livro e deixaram escrito, impresso, o sentimento e a estima de um presente ou um empréstimo.

Mas há dedicatórias também não tão carinhosas. Nas minhas fanfics, a maior parte era livro sendo devolvido para algum ou alguma ex. Não era bem uma dedicatória, era expurgo mesmo. Alguns desaforados. Deleite.

Há 20 anos eu cultivo - ou seria cultuo - o hábito de fuçar a história das dedicatórias. Quem escreveria "com amor, Fernando" no livro Engraçadinha, do Nelson Rodrigues? Ou seria um professor a uma aluna que escreveu em 1983, "para somar à sua cultura", em um edição de Lolita, do Nabokov?

Tenho livros que nunca li. Mas dedicatórias já me serviram de enredo para muitas narrativas. Um psicanalista uma vez me perguntou o que eu procuro, porque essa aura romântica, etérea, de uma memória de alguém para outra já não cola nem pra mim.

Eu quero a fofoca, o escândalo, o indício de um segredo contido numa mensagem num livro de Shakespeare, cuja edição é 1954, Felipe dedicou à Maysa. Seriam amantes?. O livro não era Romeu e Julieta. Era Macbeth. A dedicatória é um teaser de uma fanfic, e tem

vezes que nem precisa a imaginação ir tão longe.

Pobres autores com obras de 400 páginas em que apenas numa delas já contém um best-seller.

Há verdadeiras confissões em livros que serão vendidos a senhorinhas em sebos pelo centro da cidade. De contos eróticos entre amantes a revelações de paternidade, já li mais histórias em uma única página do livro do que em em todo o resto.

Todos meus ex-namorados me deram livros, claro, com as devidas dedicatórias. Foram tantos livros e nem tantos namorados que já daria para eu lançar um "Ao Marcos com carinho, ou nem tanto". Um, inclusive, quando saiu de casa me deixou um livro de Sylvia Plath. Na mensagem, dentro do livro, estava quase um pedido de desculpas por me dar a obra de uma autora cujas letras e a vida não foram bem um conto de Poliana. Aliás, adorei o livro. Sou fã de Sylvia.

Mas o melhor mesmo foi um que, numa viagem que fez sozinho a Nova York, me trouxe um livro sem nada escrito. As páginas eram imagens de muros de NY. Passei 10

anos carregando esse livro, ou caderno, ou bloco de luxo para anotações pra onde eu me mudava, e eu me mudei muito. De cidade, de namorado, de sebos.

O livro que não tinha história alguma, autor, muito menos dedicatória, acabou me servindo de campo ou “mural” onde escrevi 30 crônicas.

Um obra “em branco” que ganhei e eu mesmo escrevi a dedicatória... pra ele.



Marcos Antônio Silva Carneiro

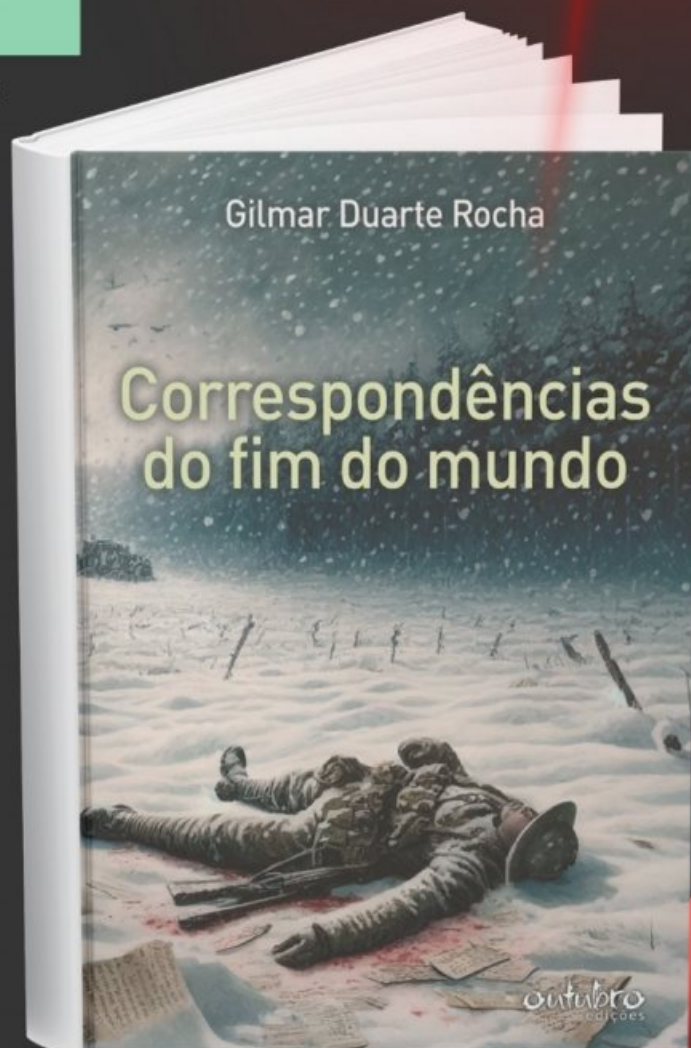
Sou jornalista, e cronista teimoso, canceriano canhoto. Já tive muitos cep assim como muitas canetas para escrever as letras que formam palavras, frases e narrativas.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

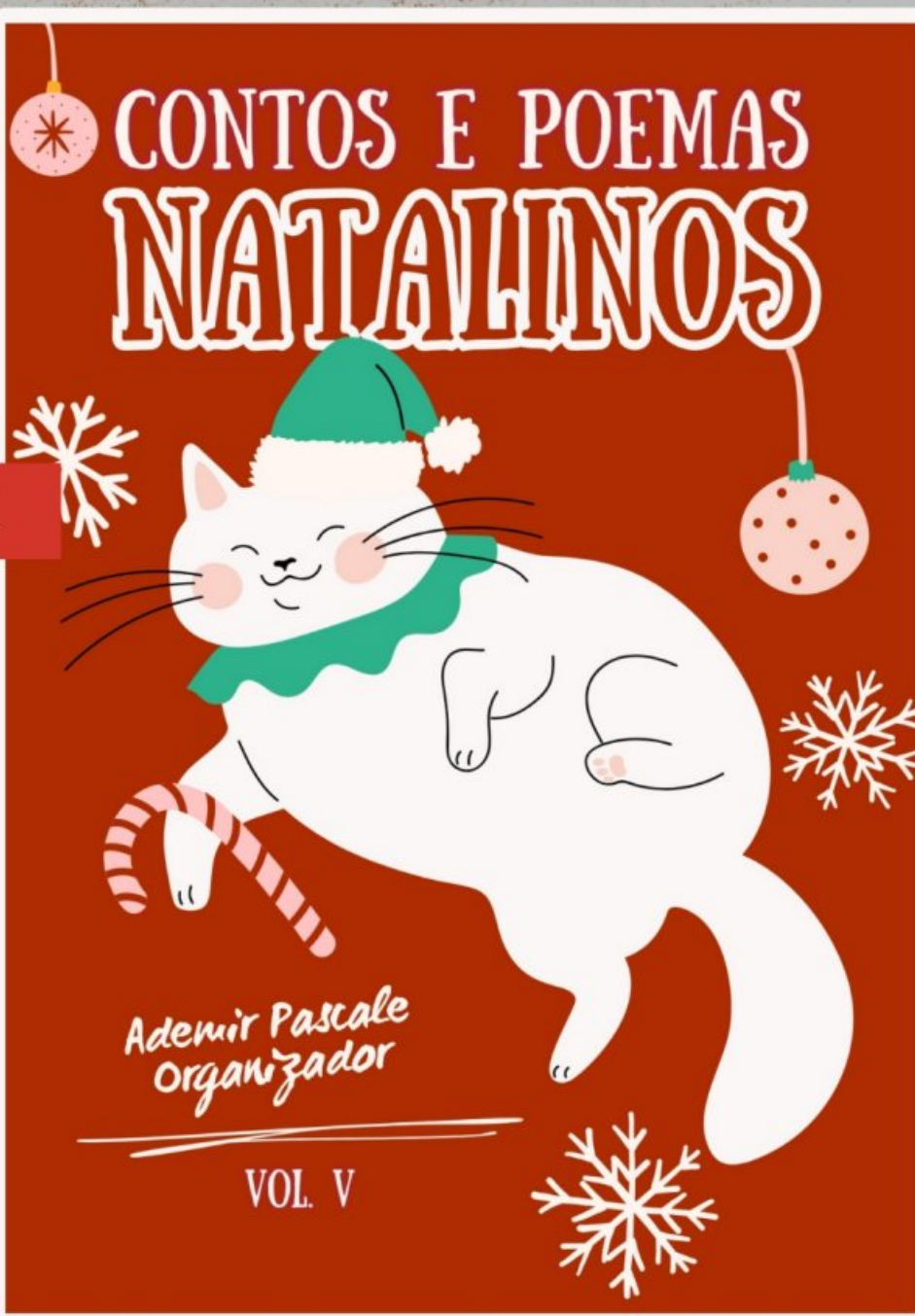
<https://encurtador.com.br/DSRSw>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS NATALINOS

VOL. V

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

POR MÓNICA PALACIOS

A Leitura
que nos
equilibra

Revista Conexão Literatura

Nada como se encontrar numa praia solitária e eu também solitária. Isso é o que se vê num olhar pouco atento ou numa apreciação superficial.

A gente aprende a conviver com a gente e nunca está só. Aí pode parecer uma equação equivalente, mas... não é.

A vida nos leva e traz por encruzilhadas, caminhos, recuos cheios de emoção e mistério. Por isso, fico atenta e deixo acontecer ou como diz o samba: *deixo a vida me levar*.

Recebi um presente, mas particular. Emocionante e não sei se é possível me referir a ele com todas as letras.

Imagino que esta crônica pode cair em mãos de pequenos e resultaria um pouco invasivo demais.

Por tanto, não lhes contarei o nome só que se trata de algo turbulento, apaixonante, emocionante e cheio de mistérios. Relata vivências secretas de pessoas famosas em épocas diferentes.

Naturalmente o meu tempo de leitura será acelerado, colorido e merecidamente sigiloso. Não posso me arriscar e exteriorizar pensamentos escuros ou emoções fortíssimas, extremamente distantes do esperado a uma Senhora viúvar. Quanta bobagem!

Já escolhi o cantinho de leitura, amorosamente escolhido e escondido, perto de uma bela planta que pode assim, roubar a atenção de algum curioso.

A poltrona macia e os óculos super limpos para não perder nem as vírgulas que também escondem emoções, assim como ditos e não ditos. Ou, se não escondem, eu posso lhes assegurar que provocam a minha imaginação de leitora.

Dá licença... já entrei em transe.

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

Novó Bebel



Maria Isabel Menezes de Moraes

Por Flavio Foppert

“As vezes eles intercalados do destino fazem da vida um laço de amor maior.”

Quando na infância o Kid Abelha fazia sucesso, ela levou-me com meus irmãos para conhecer a Paula Toller. Foi então que eu “comecei” a fazer poesias. Algumas músicas tinham magia, e outras não. Era uma paixão pela Paula, mas o Leo Jaime não gostava.

Agora ao partir, deixando um destino em nossas mãos, sem a certeza de um certo encontro no futuro.

Essa poesia nunca poderia ser lida por ti em vida, ela é como um canto de Lâmpades, para que seja uma estrela a brilhar no céu guiando o caminho tantas vezes desconhecido. Virei poeta, de um soneto:

Só Netos

Por suas mãos
passaram contas
como lágrimas
neste desterro.

Dia após dia,
seus desenhos
ensinaram
doce harmonia.

A despedia certa
é como um reencontro
incerto do destino.

A única certeza
de nossa partida
rumo ao desconhecido

Suas novelas, os doces mais gostosos ensinaram o enredo e a trama da vida. Como sonhos que a gente ganhava de presente na padaria, e que durante a noite podem ser reencontros...

“Vozinha, a Sra. Foi numa véspera de primavera”

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. VII

UNIVERSO DA POESIA



E-BOOK

VOL. VII

Selo
CONEXÃO LITERATURA

Organização
ADEMIR PASCALE

saiba mais: clique aqui

Revista Conexão Literatura

Eu, Robô

“Se o conhecimento fosse perigoso, a solução seria a ignorância. Sempre me pareceu que a solução teria que ser a sabedoria.”

Isaac Asimov



Entrevista exclusiva com Bruno Tune Rodrigues

POR ADEMIR PASCALE

Bruno Tune Rodrigues - Foto Divulgação



Bruno Tune Rodrigues é um escritor português apaixonado por histórias que unem sonho, espiritualidade e emoção humana. Vive entre o real e o imaginário, transformando experiências pessoais e sonhos vividos em narrativas profundas. O seu primeiro livro – Lembra-te de Ti – marcou o início de uma jornada literária que mistura temas como fé, propósito e redenção. Além de escritor, Bruno é um observador atento da alma humana e acredita que cada história tem o poder de curar.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Bruno Tune Rodrigues: O meu início no meio literário foi quase por acaso, mas, ao mesmo tempo, sinto que estava escrito para acontecer. Sempre tive uma imaginação muito viva e sonhos que pareciam mais do que simples sonhos – eram histórias completas, cheias de emoção, significado e mensagens espirituais. Um dia, decidi transformá-los em palavras. Foi assim que nasceu o meu primeiro livro: de um sonho que me marcou profundamente.

Depois de anos com este projeto na mente, no ano passado senti finalmente o foco e a

inspiração que precisava. E quando comecei, não parei até o livro estar concluído. Após algumas revisões, entrei em contacto com uma editora e, para minha surpresa, recebi rapidamente uma resposta positiva. Foi um momento muito especial.

Agora, o livro está aí, disponível para que qualquer pessoa o possa descobrir — e, quem sabe, sentir o mesmo que eu senti enquanto o escrevia.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Lembra-te de ti, poderia comentar?

Bruno Tune Rodrigues: É uma história muito pessoal, inspirada na minha própria vida, na minha família e nos meus amigos. Fala sobre redescoberta, sobre a procura de um propósito e de uma identidade quando já não restam memórias.

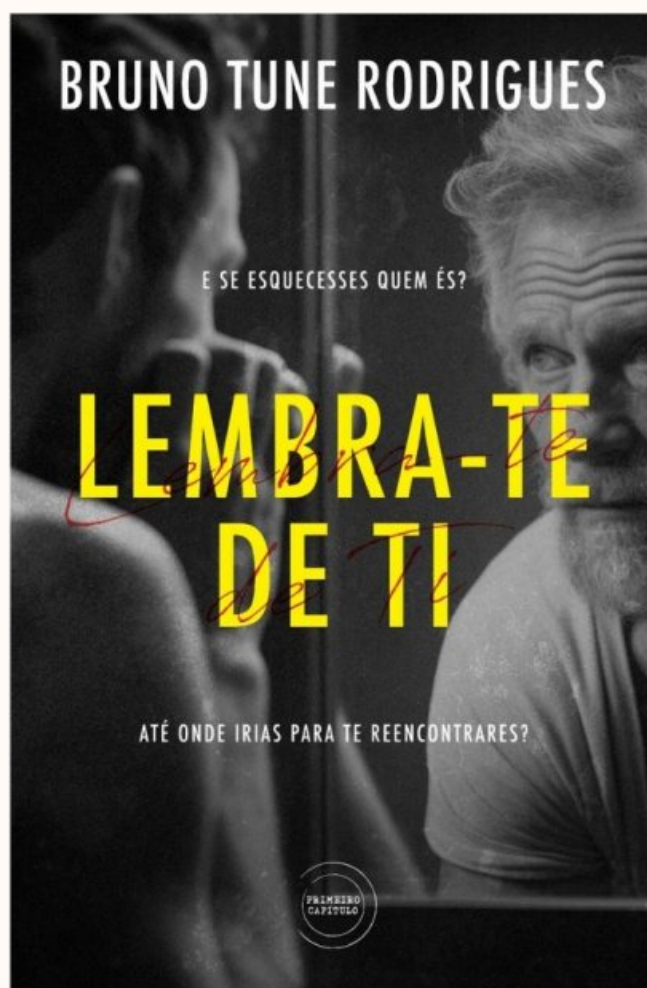
É uma história sobre fé e sobre nunca desistir, apesar de tudo — e sobre encontrar, no fim, o caminho de volta a casa.

Mistura preocupações médicas com espiritualidade e convida o leitor a questionar as suas próprias crenças. É uma narrativa carregada de emoção, escrita para ser sentida tanto com o coração como com a mente.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Bruno Tune Rodrigues: A minha principal

www.revistaconexaoliteratura.com.br



inspiração vem dos meus sonhos — tanto dos que tenho enquanto durmo como dos que vivo desperto. Mas também das minhas próprias experiências. Gosto de misturar tudo: os sonhos, as vivências pessoais, a religião, a filosofia e até aspetos culturais.

Normalmente, tudo começa com um sonho especial, que desperta ideias e dilemas. Depois deixo essas ideias amadurecerem dentro de mim, até sentir que estão prontas para ganhar forma. Quando chega esse momento, escrevo — e deixo que a história siga o seu próprio fluxo.

Nem sempre tudo o que imaginei

acaba no papel. A história mostra-me o caminho. Quando termino, deixo o texto “descansar” durante alguns meses, e depois faço uma revisão: vejo a gramática, a estrutura dos parágrafos e capítulos, e decido se quero alterar, acrescentar ou até remover algo.

Mais tarde, volto a lê-lo com os olhos de leitor e não de escritor, para perceber o que realmente transmite. Se nesse momento sinto confiança, é sinal de que está pronto para seguir para a editora.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Bruno Tune Rodrigues: “Mas, acima de tudo, espero que saibam que fizeram tudo certo — que foram os melhores pais que eu poderia ter pedido, que me amaram incondicionalmente e que sou grato por cada momento que tivemos juntos, mesmo os mais difíceis.

Porque, no final, isso é tudo o que importa: o amor que partilhámos, as memórias que criámos e a força que encontrámos uns nos outros.

E sei que, mesmo quando eu me for, esse amor permanecerá — um laço que não pode ser quebrado, nem pela morte.”

- Este é um dos momentos mais emocionantes do livro, uma carta de amor e gratidão que reflete a essência da história.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Bruno Tune Rodrigues: Em Portugal esta disponível nos principais sites de livros, bertrand.pt/, wook.pt/, fnac.pt/ e no site da editora atlanticbooks.pt/. No Brasil podem encontrar no site - livrariaipedasletras.com/

Podem também me seguir em - <https://www.facebook.com/bruno.tune.31>

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura em Portugal?

Bruno Tune Rodrigues: Em Portugal, a leitura ainda enfrenta muitos desafios. Temos bons autores e bons leitores, mas o hábito de ler não é tão forte como poderia ser. Muitas pessoas dizem não ter tempo, e outras simplesmente não desenvolveram o gosto pela leitura desde cedo.

Ainda assim, acredito que as coisas estão a mudar aos poucos — especialmente entre os mais jovens, com o apoio das redes sociais e dos projetos de divulgação literária.

O importante é continuar a mostrar que os livros não são apenas entretenimento, mas também uma forma de nos conhecermos melhor e



de compreender o mundo.

Conexão Literatura: O que gostaria que o leitor sentisse ao terminar o livro?

Bruno Tune Rodrigues: Quero que o leitor sinta o mesmo que eu senti ao escrever: emoção, fé, esperança e a crença de que existe algo maior a guiar-nos.

Mais do que apenas uma história, desejo que o livro desperte algo dentro de cada pessoa — um lembrete de que nunca estamos verdadeiramente sozinhos.

Conexão Literatura: Qual foi o maior

desafio durante a escrita?

Bruno Tune Rodrigues: O maior desafio foi... dormir!

Durante a escrita de *Lembra-te de Ti*, estava tão entusiasmado por ver a história a ganhar forma que simplesmente não conseguia parar.

À medida que via o número de páginas a crescer, a vontade de continuar aumentava. Só consegui descansar quando cheguei à última página.

Conexão Literatura: Como os seus sonhos influenciam as suas histórias?

Bruno Tune Rodrigues: Por vezes, os sonhos parecem verdadeiras mensagens — e, por isso, são muito importantes para mim e para as minhas histórias.

Podem surgir sob a forma de um dilema, de uma situação dramática ou simplesmente de algo bonito que não quero esquecer.

Eles despertam a minha imaginação e inspiram-me a contar novas histórias. Às vezes, até incluo alguns desses sonhos no meio de outras narrativas.

Conexão Literatura: Que mensagem deixaria para quem deseja começar a escrever?

Bruno Tune Rodrigues: Nunca desistam. Pensem nas vossas histórias durante muito tempo — deixem que amadureçam dentro de vocês.

Vão para a cama a pensar nelas, porque até nos sonhos a inspiração pode crescer.

Demorei quase uma década com esta história na minha cabeça, e mesmo assim consegui terminá-la.

Por isso, nunca percam a esperança.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Bruno Tune Rodrigues: Sim, tenho vários projetos à espera da oportunidade certa. Para começar, posso revelar que, embora este livro tenha sido inicialmente escrito como uma história independente, decidi transformá-lo numa trilogia. Neste momento, estou a rever a segunda parte, que aprofunda ainda mais a jornada emocional e espiritual do protagonista.

Mas há outras histórias em preparação — sobre um jovem estudante de psicologia com uma característica muito especial, um médico americano numa pequena aldeia do México, e um homem português que vai além de tudo para adotar uma menina iraniana.

Cada uma dessas histórias é rica em dilemas, cultura local e experiências pessoais.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Material de RA sobre A Lei do Uno (porque mudou a minha forma

de ver a vida e o universo).

Um ator ou atriz: Matthew McConaughey — pela forma como mistura profundidade espiritual e simplicidade humana.

Um filme: Interstellar — pela mensagem sobre amor, tempo e propósito.

Um hobby: Escrever e observar as pessoas, tentar compreender a mente humana.

Um dia especial: O dia em que segurei o meu primeiro livro impresso nas mãos — um sonho tornado realidade.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Bruno Tune Rodrigues: Quero apenas agradecer a todos os que dedicam tempo a ler — não só o meu livro, mas qualquer livro. Ler é uma das formas mais puras de partilha e de crescimento.

Espero que a minha história possa inspirar alguém a nunca desistir, a procurar o seu propósito e a lembrar-se de quem realmente é.

E agradeço também à Revista Conexão Literatura pela oportunidade de partilhar um pouco de mim e do meu trabalho.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Cecília Waldemarin

POR ADEMIR PASCALE

Cecília Waldemarin - Foto Divulgação



Cecília Waldemarin é professora, escritora e defensora da educação como caminho de transformação. Autora do livro *Lucas Está Offline*, une reflexão e afeto em cada texto, convidando leitores de todas as idades a refletirem sobre o mundo contemporâneo e os laços humanos. Sua escrita, marcada por sensibilidade e propósito, traduz a convicção de que ensinar e escrever são formas de cuidar – e de transformar realidades.

Revista Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cecília Waldemarin: Meu início no meio literário aconteceu de uma forma muito natural, dentro da escola, que sempre foi o meu lugar de afeto e de transformação. Quando eu atuava como coordenadora pedagógica em uma rede municipal de ensino, foi solicitado que cada coordenador levasse uma proposta de sua escola para compartilhar com os demais. Nesse momento, tirei da gaveta um dos meus escritos e elaborei um projeto que incentivasse o surgimento de novos escritores entre alunos e

professores.

O resultado foi emocionante: um aluno produziu seu primeiro livro de versos, e uma professora, inspirada pelo projeto, retomou um livro que estava engavetado e o concluiu. Quando apresentei o projeto e o coloquei em prática, o acolhimento foi muito intenso por parte da minha equipe pedagógica, da comunidade, dos colegas coordenadores, da Secretaria de Educação e até mesmo pelas lideranças da rede municipal, que me encorajaram a publicá-lo.

Revista Conexão Literatura: Você é autora do livro "Lucas está offline", poderia comentar?

Cecília Waldemarin: Lucas Está Offline nasceu de uma inquietação sobre o uso das tecnologias e telas, especialmente entre as crianças.

Percebia como as pessoas estavam se distanciando umas das outras: famílias que, mesmo juntas, já não se olhavam, não conversavam, não compartilhavam o momento presente. Longe quem está perto, e perto quem está longe.

O livro propõe uma reflexão coletiva sobre esse fenômeno. Para além de uma história infantil, ele fala com todas as idades, convidando à redescoberta da presença, do olhar e do afeto.

Porque, no fim, o que realmente importa é o encontro — a conexão e o



cuidado uns com os outros.

Revista Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Cecília Waldemarin: Meu processo de criação nasce sempre de uma emoção ou de uma inquietação. Antes de escrever, eu sinto.

Sinto o tema, o contexto e, principalmente, as pessoas envolvidas. Às vezes, uma cena cotidiana, uma conversa ou até um silêncio despertam em mim o desejo de transformar aquele instante em palavras.

Minhas inspirações vêm da vida real — da educação, das relações humanas, das lembranças e das perguntas que

nos acompanham.

Gosto de escrever como quem conversa, buscando provocar reflexão, mas também acolher.

Acredito que a escrita, assim como a educação, é um ato de amor e de escuta: nasce da vontade de compreender o mundo e de transformá-lo.

Revista Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Cecília Waldemarin: “Lucas não escapou desse encantamento. Ele ficava cada vez mais tempo com os olhos vidrados na tela do seu celular, esquecendo-se das brincadeiras que tanto amava. Seus pais tentavam incentivá-lo a sair e brincar como antes, mas Lucas estava cada vez mais envolvido em seu mundo virtual. Sua mãe não desistiu e lembrou-se de um panfleto anunciando que haveria um torneio de futebol na cidade.”

Escolhi este trecho para destacar a importância da presença dos responsáveis na vida das crianças. Estar junto, conversar e participar é o que ajuda a vencer o feitiço digital e a fortalecer os laços entre pais e filhos.

Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre

você e o seu trabalho literário?

Cecília Waldemarin: Meu livro Lucas Está Offline pode ser adquirido nas principais plataformas de e-commerce. Para acompanhar meu trabalho literário e outras reflexões sobre educação e escrita, estou no Instagram: @cecimwi

Revista Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Cecília Waldemarin: Vejo a leitura como um grande desafio.

Lembro das palavras de Rubem Alves, quando dizia que, antes das partituras, é preciso encantar-se com a música.

Com a leitura é o mesmo: antes das letras, vem o encantamento.

Precisamos despertar nas crianças – e também nos adultos – o prazer de ouvir histórias, de sentir as palavras. Quando a leitura nasce do afeto, ela deixa de ser obrigação e se torna descoberta.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cecília Waldemarin: Sim! Estou muito envolvida com o projeto Lucas Está Offline, levado a escolas por meio da iniciativa “Uma Autora na Sua Escola”. O objetivo é aproximar os alunos da escrita, mostrar o escritor como uma

pessoa real e refletir sobre o uso equilibrado das tecnologias.
Cada encontro reforça o valor da literatura e da presença na vida das crianças, inspirando-me a continuar criando.

Perguntas rápidas:

Um livro: Filosofia ao Pé do Ouvido – Clovis de Barros Filho e Ilan Brenman

Um ator ou atriz: Flávia Alessandra

Um filme: Haru e Natsu – As Cartas que Não Chegaram (minissérie)

Um hobby: Escrever, ler e cuidar das plantas

Um dia especial: Todos os dias – aqueles em que encontro pequenas alegrias e boas companhias.

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cecília Waldemarin: Lucas Está Offline celebra meu recomeço na escrita – uma nova etapa da vida em que histórias e afetos se encontram, inspirando leitores e reafirmando meu desejo de continuar contribuindo para um mundo mais sensível e humano.



LEIA UM LIVRO

**E aventure-se sem sair
do lugar**



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Entrevista exclusiva com César de Alencar

POR ADEMIR PASCALE



César de Alencar - Foto Divulgação

Formado em Farmácia-Bioquímica em 2008 pela Emescam (Escola de medicina da Santa casa de misericórdia) e Biomedicina pela universidade Multivix. Pós graduado em saúde estética pelo Nepuga-RJ. Curso de extensão de curta duração em Boston-EUA pela American society of Anatomy e Congressista na França do Imcas-Paris.

Revista Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

César de Alencar: Sempre tive afinidade com o meio da comunicação: literatura, cinema, etc. Era a área de escolha na adolescência para o vestibular, mas a vida me levou para outro lado e tudo bem. Entrei agora por mero acaso.

Revista Conexão Literatura: Você é autor do livro "Rumos - Fracassos não te definem", poderia comentar?

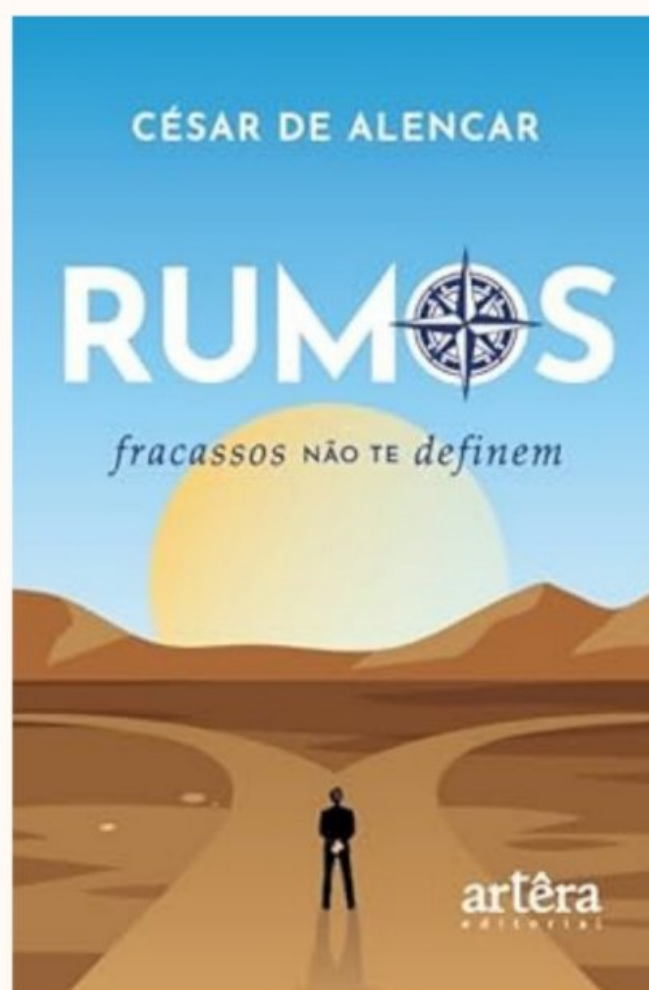
César de Alencar: Não era para ser um livro na verdade. Era só uma terapia de escrita para mim mesmo. Com o tempo eu fui percebendo o teor e a quantidade do material, reuni tudo e mandei para algumas editoras só de curiosidade, então o texto foi bem recebido e entrou no processo de edição.

Revista Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

César de Alencar: No caso deste livro, o processo veio de autoanálises. Viajei sozinho com esse intuito. Sempre gostei de histórias derivadas de autoconhecimento. Me inspirei nelas para ter esse insight de viagens solo junto à escrita. Claro que a história é completamente pessoal e não tem nada relacionado a outros livros e filmes do tema como: “Comer reazar amar” e “Livre”

Revista Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

César de Alencar: “Naquele momento, o mundo se resumia a apenas eu, o carro e a Patagônia. No silêncio e isolamento completo, inclusive sem sinal de celular, eu comecei a reviver meu passado em ordem cronológica, para que meus pensamentos tivessem



uma organização e seguissem uma linha de raciocínio. Foi na Rota 40 que comecei a escrever sobre o início da minha falência, no Café La Leona.”

Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

César de Alencar: O mais prático será Amazon. Lá tem o formato físico e digital à venda.

Revista Conexão Literatura: Como

você analisa a questão da leitura no Brasil?

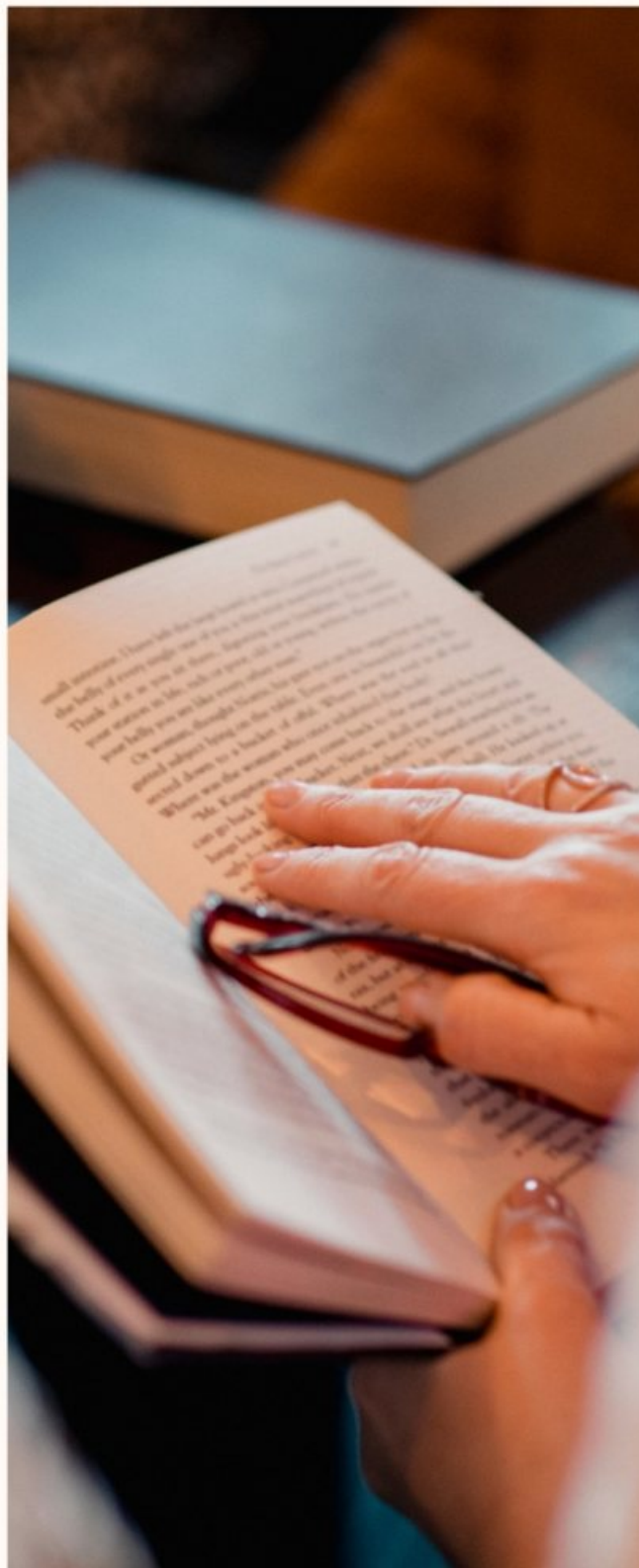
César de Alencar: Vivemos uma era de ansiedade, agitação, vício em telas e falta de foco. A leitura é um desafio, mas ao mesmo tempo é cura para todos os itens citados. Percebo um retorno à cultura de livros nos dias atuais. As pessoas estão procurando alternativas para se manterem sãs nesse mundo acelerado e imediatista, e isso não sou eu que estou falando, são dados de venda de livros que tem dado saltos a cada ano que passa.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

César de Alencar: Por enquanto não. Só trabalho e estudos. Mas no futuro com certeza, mas será algo relacionado a ficção. Não quero mais falar de mim, já falei o que tinha para falar (risos)

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

César de Alencar: Leiam o livro. É uma história com um certo peso dramático, mas que trás uma mensagem de conforto e esperança.

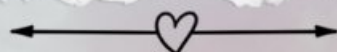


PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TÃO DISTANTE

VOL. IV

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



CONTOS E POEMAS

TÃO DISTANTE

VOL. IV

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Iracema Vasconcelos

POR ADEMIR PASCALE

Iracema Vasconcelos - Foto Divulgação



Iracema Vasconcelos é doutora em Família na contemporaneidade, mestre e graduada em Direito, delegada aposentada na Polícia Civil, Salvador Bahia e foi professora universitária no Curso de Direito. Tem livro e artigos publicados na área de Direito. Na literatura publicou na coletânea “Contos do Mar” pela Metamorfose e crônicas e poemas no livro Casa Poema pela Escola da Poesia e poema Outono de uma vida pela Lura editora. Cursou o curso de Escrita Criativa da Metamorfose no período de 12 meses, o Curso do Casa Poema e Curso de Crônicas Marta Medeiros. “Se não é bênção é lição” é seu primeiro livro individual de crônicas.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Iracema Vasconcelos: Há muito tempo escrevo, porém, somente há dois anos tomei coragem de adentrar na área da literatura que eu gosto muito. Fiz 2 cursos de escrita criativa e me arrisquei publicando em antologias contos, crônicas e poemas que estavam engavetados e bloqueados na mente.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Se não é bênção é lição”, poderia comentar?

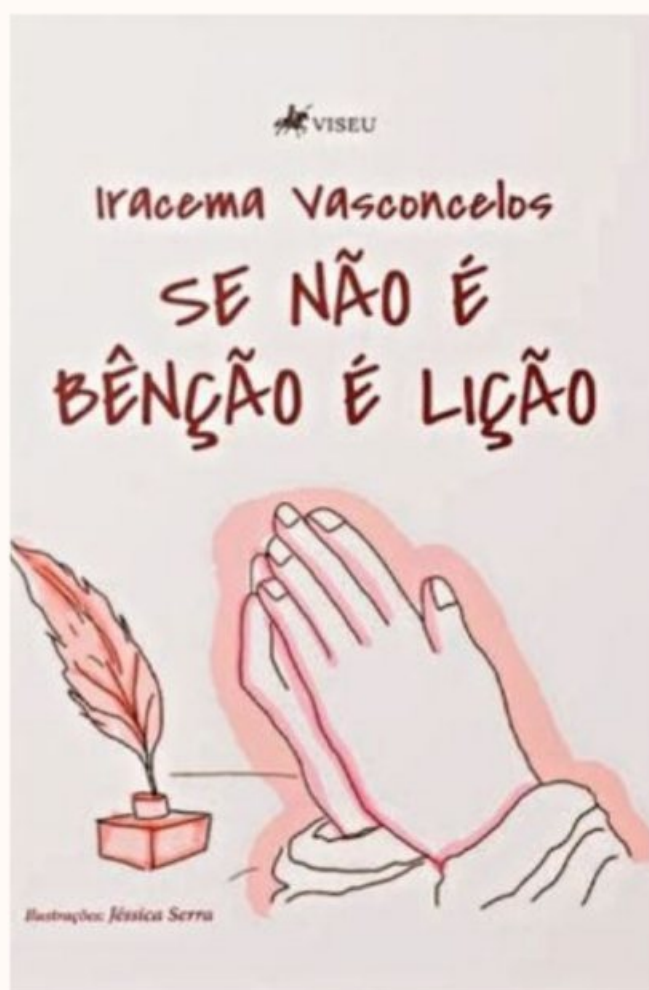
Iracema Vasconcelos: O livro de crônicas “Se não é benção é lição” tem um propósito e fio condutor no qual podemos afirmar que a aceitação da vida e morte, esperança, desesperança, sofrimento e alegria como parte da existência humana deve ser algo natural. Entender esse processo nos ajuda a observar que tudo o que nos acontece pode ser analisado como forma de benção ou lição para que nos tornemos pessoas melhores.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Iracema Vasconcelos: Meu processo de criação depende mais de autodisciplina, tirar um momento do dia, principalmente pela manhã e dedicar a escrita. Em meu caso encontro inspiração em qualquer lugar, vendo uma criança brincando, ou numa fila do supermercado, vendo filmes, indo a museus e até as vezes em momentos de desesperança. Manter contato com a natureza, ir a praia, exercitar a meditação, fazer trabalhos voluntários são maneiras pelas quais me inspiro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Iracema Vasconcelos: Crônica 8, p 30, O pássaro e o amigo: ... Eu guardo no



meu ninho um espaço sempre quentinho para amigos e passarinhos. Em todo lugar onde vivi eu deixei amigos-passarinhos. Na própria família os tenho. Na maturidade de vez em quando gostaria de visitar um a um e deixar um cheiro de lavanda ou quem sabe ser apenas um beija flor que anime meus amigos num dia de sol ou de chuva.”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Iracema Vasconcelos: No site Amazon

livro físico e livro digital, no site Google play, no site Apple book; site Kobo: site Estante Virtual, site Um livro; também no site da editora Viseu, onde a obra foi publicada. Pode ainda no meu Instagram @iracemaa_vasconcelos; Facebook Iracema Vasconcelos e whatsapp 71988602057 obter informações sobre futuras livrarias físicas.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Iracema Vasconcelos: No momento observo uma grande dificuldade no processo de leitura, principalmente no que se refere ao aprofundamento de temas e a possibilidade de tornar a leitura mais democrática e acessível a todos, como um ponto fundamental no crescimento da civilização, de valores e de princípios éticos. Há uma pobreza e uma superficialidade e um profundo afastamento de novos leitores, mas, vejo com esperança o ressurgimento de grupos de leituras e de revistas especializadas tais como a Conexão Literária e outras iniciativas que devem ser apoiadas,

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Iracema Vasconcelos: Sim, tenho projetos de finalizar um livro de poemas e um outro de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: O morro dos ventos uivantes; Emily Bronte.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro.

Um filme: Ainda estamos aqui.2024.

Um hobby: Viajar, ler.

Um dia especial: Um dia de praia com amigos e ou família.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Iracema Vasconcelos: Gostei muito da proposta da Revista Conexão de divulgação de velhos e novos autores. O escritor iniciante encontra pouco espaço para compartilhar seu trabalho no Brasil. Agradeço a revista e espero que alguns leitores gostem e recomendem o livro.



Entrevista exclusiva com João Lenhari

POR ADEMIR PASCALE

João Lenhari - Foto: Paulo Rapoport



O trompetista, compositor e arranjador paulista João Lenhari está lançando seu 1º álbum *The Last Minute* (selo Ram Music - www.rammusic.com.br). Gravado ao vivo, em única sessão, no estúdio Arsis (SP/SP), a primeira amostra é o single, *Chanson D'Amour* (já está nas plataformas digitais). A novidade é que João exibe as faixas com intervalo mensal, a primeira saiu em 30/09 deste ano e a última em 30/01/26, que vem com show no 'aclamado' clube de jazz, Upstairs, em Montreal. Em 2026 também acontecem as apresentações no Brasil, para mostrar repertório na íntegra.

Participam do álbum músicos atuantes da cena instrumental brasileira, como Marcos Romera (piano), Thiago Alves (baixo), Raphael Ferreira (sax soprano), Vitor Cabral (bateria), e o canadense Guillaume Carpentier (sax tenor).

Vivendo em Montreal (Canadá) há quatro anos, João nasceu em Mogi Mirim (SP) e, mesmo apaixonado pela música, viveu parte da vida achando que seria jogador de futebol. Ao mesmo tempo se dedicava ao trompete na banda musical Lyra Mogimiriana (Mogi Mirim). Mas não deu outra, até se profissionalizou no futebol, mas o talento com a bola não superou sua vocação para o instrumento.

Doutor em Jazz Performance pela Universidade de Montreal, João teve como orientador o trompetista canadense Ron Di Lauro, uma das lendas do instrumento. Após a aposentadoria de Di Lauro, João foi convidado a fazer parte do quadro de professores daquela Faculdade.

Nesses quatro anos João vem unindo cada vez mais o Brasil e o jazz. Por exemplo, criou a João Lenhari Afro-Brazilian Modern Jazz Orchestra. Além de tocar, também compôs e arranja para trilhas sonoras de cinema e TV, entre eles, o longa Chacrinha, o Velho Guerreiro (2018), de Andrucha Waddington; e a minissérie Os Donos do Jogo (Netflix-2025), de Heitor Dhalia.

Conexão Literatura - Quando se fala em música instrumental brasileira, e essa é uma revista de vários temas, já se pensa numa fusão de ritmos. Como você definiria seu som?

João Lenhari – O Brasil é reconhecido por sua riqueza rítmica e pela mistura original de gêneros como, por exemplo, samba, baião, ijexá e maracatu... freqüentemente fundidos com jazz, rock e música clássica. Meu trabalho instrumental reflete essa diversidade: é mestiço, como definiu Mário de Andrade, que via na mistura a essência do Brasil. Meu som é múltiplo, criativo e híbrido – vai de músico norte-americano Louis Armstrong à música erudita, sem perder a identidade brasileira. É tudo ao mesmo tempo,

www.revistaconexaoliteratura.com.br



CHANSON D'AMOUR

João Lenhari - Chanson D'Amour - Arte
Thamires Mulatinho

Conexão Literatura - Você vem tocando e gravando em discos-solos de vários artistas, dando sua contribuição como músico. Quando você resolveu que estava na sua hora de lançar o seu álbum, e até que ponto é mais fácil ou mais difícil ter que resolver como ele deve soar?

João Lenhari – Desde o início da minha carreira, sempre busquei me especializar como músico de sessão e de naipe de metais, o que me permitiu colaborar com artistas diversos e explorar muitos gêneros musicais. Essa vivência ampliou minha escuta e minha linguagem. Há 10 anos, surgiu o desejo de gravar um trabalho autoral, com idéias 100% minhas. Só agora, vivendo fora do Brasil, senti que era o momento certo de registrar isso. Criar

esse álbum foi desafiador, mas também libertador: ele soa como minha trajetória — múltipla, mestiça e profundamente brasileira.

Conexão Literatura - Como você escolheu tocar o trompete? Desde quando você soube que esse seria seu instrumento para a vida toda?

João Lenhari - Escolhi o trompete de cara, com 12 anos, logo após meu período de musicalização, já sabia que era meu instrumento para a vida, foi amor a primeira vista.

Conexão Literatura - Seu álbum, *The Last Minute*, tem a característica, de apesar de ter sido gravado em uma única sessão, será lançado por etapas. Você tem algum objetivo com esse jeito de colocá-lo no mundo?

João Lenhari - *The Last Minute* foi gravado em uma única sessão, preservando a espontaneidade e a energia que os amantes do jazz tanto valorizam. Optei por lançá-lo em etapas para que cada faixa tenha seu tempo de ressonância, permitindo ao ouvinte uma escuta mais atenta e profunda. Em tempos de consumo acelerado, essa estratégia favorece a contemplação — algo essencial para quem aprecia nuances, improvisos e texturas sonoras. É uma forma de respeitar o tempo da música e do público que a consome com

sensibilidade.

Conexão Literatura - Por que o primeiro single tem esse título *Chanson D'Amour*? Qual a história por trás dele?

João Lenhari - *Chanson D'Amour* é a primeira peça de uma suíte que escrevi em 2023, dedicada à minha esposa Graziela, à nossa filha Alice e à nossa cachorrinha Fuli. A composição gira em torno de intervalos de sextas e terças, evocando consonâncias que representam o afeto, mas também inclui dissonâncias — como nas relações humanas — que sempre retornam ao amor. Em tempos de tanta polarização, quis começar com uma mensagem clara: mais amor e menos guerra. O jazz, com sua liberdade e profundidade, é o veículo perfeito para expressar isso.

Conexão Literatura - Você começou tocando no Brasil, e hoje é professor em Universidade do Canadá. Como esse público de fora vê a música brasileira e consequentemente vê a sua música?

João Lenhari - O músico brasileiro é muito respeitado fora do país, especialmente pela criatividade e versatilidade. Aqui no Canadá, tenho conquistado meu espaço na cena musical de Montreal, colaborando com artistas de diversas origens. No Brasil,

tive o privilégio de trabalhar com grandes compositores e arranjadores como o Nailor Azevedo Proveta e Nelson Ayres, e autores de trilhas sonoras para cinema, como Antonio Pinto, cuja obra em filmes como em Cidade de Deus e Senna me ajudou a enxergar a música como narrativa, emoção e identidade. Essa vivência moldou minha abordagem musical, que hoje compartilho com meus alunos e com o público em geral.

Conexão Literatura - Lançar o disco morando fora do Brasil faz com que você divulgue aqui e lá. Isso de qualquer maneira faz ampliar seu público. Você pensa nisso e como tem feito?

João Lenhari – Sim, penso muito nisso. Lançar o álbum morando fora do Brasil me permite divulgar minha música em dois mercados ao mesmo tempo, ampliando o alcance e conectando diferentes públicos. Tenho a sorte de contar com músicos incríveis tanto aqui quanto no Brasil, o que abre portas para realizar concertos nos dois países. Meu primeiro show será no Upstairs Jazz Club, a casa mais conceituada de jazz em Montreal, em 30 de janeiro — data do lançamento oficial do álbum. A ideia é que esse projeto circule, emocione e dialogue com quem busca mais arte, mais beleza e, acima de tudo, mais amor.

Conexão Literatura - Quem fez as

capas do singles foi a artista Thamires Mulatinho. Como vocês se encontraram? E como foi essa colaboração entre vocês? Ela chegou com tudo pronto?

João Lenhari – A Thamires foi indicação do baterista Vitor Cabral e nossa sintonia foi imediata. Ela tem uma visão artística muito sensível e criativa, o que fez com que eu a enxergasse como parte do grupo, mesmo atuando na área visual. Pedi que ela escutasse o álbum e criasse algo não convencional, que traduzisse a essência do projeto. Dei um 'briefing' inicial, mas o resultado veio quase pronto — bastou ajustar pequenos detalhes. Sua contribuição ajuda a ampliar o alcance do trabalho, conectando o público pela estética, pela emoção e pela arte.

Conexão Literatura – É uma surpresa saber que você toca trompete na banda do nosso 'rei' Roberto Carlos. Como aconteceu isso? E é verdade que ele toca em várias partes do mundo?

João Lenhari – Tenho o prazer de tocar na banda do Roberto Carlos desde 2008, após começar como substituto em 2004. Com ele, tive a honra de visitar mais de 25 países e tocar em palcos lendários como o Radio City Music Hall, em Nova York. Roberto sempre me inspirou pela forma como usa a música para espalhar amor e

sensibilidade – suas letras falam de afeto, respeito e humanidade. Trabalhar ao lado de um artista que construiu uma carreira internacional com base em valores tão universais me ensinou que a música pode, sim, tocar corações e unir pessoas. Isso sempre guiou minha própria trajetória.

Conexão Literatura - Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o single e saber mais sobre você e o seu trabalho?

João Lenhari – O single já está disponível nas plataformas, mas recomendo fortemente que o público acesse o Bandcamp e adquira os lançamentos por lá. No Bandcamp, a renda vai integralmente para o artista, o que é uma forma direta e consciente de apoiar quem investe tempo, estudo e recursos para entregar música de qualidade. Hoje em dia, muitos esquecem que por trás de cada faixa há uma equipe dedicada e apaixonada. Quem quiser conhecer mais sobre meu trabalho pode visitar meu [site https://www.joaolenhari.com](https://www.joaolenhari.com), além das minhas redes sociais – Instagram, Facebook e YouTube – onde compartilho bastidores, concertos e reflexões sobre música e arte. Apoiar é também fazer parte da construção de mais beleza no mundo. [musique.umontreal.ca].

Perguntas rápidas:

Um álbum: Joe Magnarelli & John Swana - Philly - New York Junction (17/02/2004)

Um (a) compositor (a): Wayne Shorter (1933/2023)

Um (a) músico: Louis Armstrong (1901/1971)

Um (a) faixa/música: In Balance, composição de Eric Alexander no álbum Philly - New York Junction

Uma data especial: 06 de julho de 2015, nascimento do meu amor maior, minha filha.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

João Lenhari – Quero agradecer à Revista Conexão Literatura a oportunidade de poder falar um pouco sobre meu primeiro álbum e de contar um pouco sobre minha trajetória.



Capa Álbum - João Lenhari - The Last Minute (J. L.) - Arte Thamires Mulatinho

Entrevista exclusiva com Luiz Millan

POR ADEMIR PASCALE



Luiz Millan - Foto Divulgação

O cantor e compositor Luiz Millan está lançando seu sexto CD Encontro das Águas (distribuição Tratore), no qual reforça a ponte entre os ritmos brasileiros e o jazz. É música instrumental na qual Millan reúne vários ícones da cena brasileira. Tem Amilton Godoy, Derico, Toninho Ferragutti, Hector Costita, Nailor Proveta, entre outros, e arranjos de Michel Freidenson

O título reflete situações vividas pelo artista recentemente, como ele explica: “Algumas faixas foram compostas depois de uma viagem que fiz pela Amazônia, onde pude desfrutar do contato com uma natureza magnífica, e tive o prazer de conhecer a floresta a pé e de caiaque. Esses rios nos ensinam como é possível e bonito o encontro. Parece que as pessoas estão com medo de se aproximar, de conversar, de sentir o outro, em um mundo virtual onde as trocas de afeto se tornaram cada vez mais escassas”.

Por outro lado, Millan está preparando o lançamento de um Documentário sobre a gravação do seu CD Brazilian Match (2023), que teve repercussão no Brasil e Exterior. Dirigido pelo produtor pelo Arnaldo DeSouteiro, o Doc. será lançado em

2026 e tem depoimentos e clips de músicos como David Sanborn, Randy Brecker, Clémentine, Mark Egan, Ellen Johnson, New York Voices, além de brasileiros como Amilton Godoy, Michel Freidenson, Giana Viscardi, Jorge Pinheiro, e outros.

Millan lançou o primeiro CD, *Entre Nuvens* (2011), mas pode ser considerado um “veterano”. Formado em Medicina com especialização em Psiquiatria, nunca abandonou a música, que entrou em sua vida na infância. Chegou a gravar um LP coletivo, *Ponta de Rama*, com colegas da USP. Apesar de não ter mostrado suas músicas ao público durante muito tempo, nunca deixou de compor. Tem ainda os CDs *O Dia em que São Paulo Floresceu* (2014) e *Dois por Dois* (2016), este com Moacyr Zwarg, Teco Cardoso e Michel Freidenson, entre outros.

Conexão Literatura - O novo disco, *Encontro das Águas*, chega ao mercado depois de você ter viajado pela Amazônia e a viagem ter proporcionado muitas experiências. Como foi fazer passar por elas (essas experiências) e fazê-las se tornarem em 'música'?

Luiz Millan – Eu já conhecia a Amazônia, mas pela primeira vez tive a oportunidade de fazer um voo em um hidroavião, em baixa altitude, sobre o Arquipélago de Anavilhanas e sobre o 'Encontro das Águas entre os rios Negro e Solimões'. Essa experiência me marcou muito e foi fonte de inspiração

para músicas desse novo álbum. A floresta nos revela a força, o belo, o encantamento. Por sua vez, dois rios com identidades totalmente diferentes se encontram em perfeita harmonia. Cores, temperatura, química e velocidades diversas. No mundo de hoje, quase sempre, só os iguais tendem a se encontrar. Não se trata de um encontro genuíno, mas sim de narcisismo...

Conexão Literatura - São várias gerações de instrumentistas distintas nas faixas do disco. Como você escolheu os músicos participantes do projeto?

Luiz Millan – Convidamos músicos que admiramos há longa data como Amilton Godoy, o mestre dos mestres, Cleyber de Souza, um velho amigo, e Hector Costita, um ícone do sax. Quase todos os outros músicos, de outras gerações, já haviam participado de álbuns anteriores e nos damos muito bem: Edu Ribeiro, Adriana Holtz, Sylvinho Mazzucca, Camilo Carrara, Jorge Pinheiro, Chico Oliveira e Toninho Ferragutti. Pela primeira vez tivemos a participação de Nailor Proveta, Derico, Sidiel Vieira e Beto Caldas. Michel Freidenson, mais uma vez, foi o responsável pelos arranjos, além de tocar um piano maravilhoso. Como diz Moisés Santana, trata-se de músicos estelares, um enorme privilégio!



CD Encontro das Águas - Luiz Millan 2025



Luiz Millan e M. Freidenson Ft Adonias Júnior-25.



Luiz Millan e Amilton Godoy Ft Michel Freidenson 2025



Millan & Nailor Proveta - Ft M. Freidenson 2025

Conexão Literatura - Existe muita diferença entre um disco "cantado" e um álbum "instrumental"? Em algum momento você pensou em mudar, ou seja também incluir a voz e as letras, ou já era um projeto muito definido?

Luiz Millan - Desde o início, a ideia foi fazer um álbum totalmente instrumental e minimalista. Adoro, também, a música cantada, com letra. São concepções diferentes. A música com letra já imbuída de uma mensagem definida, embora em alguns casos, seja possível haver diferentes interpretações. Por sua vez, a música instrumental é pura emoção e leva cada ouvinte para um lugar inusitado, diferente, que tem a ver com a sua história e sua personalidade. Nem toda música instrumental é passível de receber uma letra. Em alguns casos, não fica orgânico, mas não é uma regra.

Conexão Literatura - Ao mesmo tempo você completa 70 anos de vida, convivendo com tantas pessoas da área e tanto estilo, o que toda essa experiência acaba agregando?

Luiz Millan - Tive a sorte, desde a minha juventude, de conhecer e de conviver com grandes músicos: Jorge Pinheiro, Plínio Cutait, Isso Fischer, Sylvinho Mazzucca. E depois, Michel Freidenson, Camilo Carrara, Léa Freire, Maurício Detoni, Edu Ribeiro,

entre outros. Alguns se tornaram meus parceiros. Ivan Miziara, Marília Millan, Márcia Salomão e Letícia Newman fizeram letras que tive a honra de musicar. Convivi, também, com grandes intérpretes como Giana Viscardi, Ana Setton, Ana Lee. Toco piano e violão para compor. Mas nunca ousei tocar em nenhuma gravação. O que eu posso oferecer de melhor são as minhas composições... Esses instrumentistas geniais as elevaram a um patamar muito melhor! Por isso, sou muito grato a todos!

Conexão Literatura - Dessa vez você também fez a foto da capa, que mostra um pouco esses 'encontros'. Como aconteceu isso?

Luiz Millan - A foto da capa é do encontro entre um rio e o mar na Bahia. Foi feita em uma viagem recente que fiz com a minha família. As fotos do encarte, da Amazônia, foram feitas por minha filha, Laís, na viagem que fizemos juntos. Além de grande médica, é uma fotógrafa sensível! Sempre gostei de participar da concepção das capas de meus álbuns e dos encartes. Tenho um imenso prazer com isso!

Conexão Literatura - Você retoma também nesse CD sua parceria com o pianista e arranjador Michel Freidenson, enquanto produtor. O que você acha que é necessário para que

uma união dê tão certo como a de vocês?

Luiz Millan – Conheci o Michel há cerca de vinte anos. Desde então, formamos uma parceria rara e muito frutífera. Produzimos juntos os meus álbuns, com exceção do anterior, *Brazilian Match* (2023), que foi produzido pelo icônico Arnaldo DeSouteiro. Michel sempre fez os arranjos e dirigiu as gravações, além de ser um dos melhores pianistas do planeta. Somos irmãos de música e de alma!

Conexão Literatura – Algumas músicas do disco homenageiam figuras que parecem importantes na sua vida. Você pode citar algumas delas?

Luiz Millan – Sim, Moacyr Zwarg, um parceiro querido, um pianista e compositor fora de série. Fizemos um álbum juntos, *Dois por Dois*, que teve sua versão ao vivo gravada na Sala São Luiz. Sylvinho Mazzucca fez sua última gravação, *Menino Danado*, nesse último álbum. Dediquei uma música para meu neto Raul, que se chama Cinema Mudo. Pedi para o Michel e o Proveta tocarem com o espírito do desenho animado. Fizeram isso de forma primorosa!

Conexão Literatura – Por outro lado você está preparando o lançamento de um documentário sobre a gravação do seu CD *Brazilian Match* (2023) que

teve repercussão no Brasil e no Exterior? Como ele foi feito?

Luiz Millan – De fato, foi um álbum que teve, e ainda tem, uma repercussão espetacular nos EUA, Europa e Ásia. Esse documentário, que deverá ser lançado no próximo ano, foi dirigido pelo Arnaldo DeSouteiro e tem depoimentos e clips preciosos: David Sanborn, Randy Brecker, Ada Rovatti, Clémentine, John Tropea, Mark Egan, Alice Soyer, Ellen Johnson, New York Voices, Danny Glotieb, além de vários músicos brasileiros como Amilton Godoy, Michel Freidenson, Giana Viscardi, Sylvinho Mazzucca, Jorge Pinheiro, Edu Ribeiro, Camilo Carrara e do próprio Arnaldo.

Conexão Literatura – Já tem previsão de quando as pessoas vão poder ver o documentário?

Luiz Millan – Esperamos que seja possível fazer o lançamento no primeiro trimestre do ano que vem.

Conexão Literatura – Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o Álbum e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?

Luiz Millan – O álbum está em todas as plataformas, distribuído pela Tratore, mas a sua versão física foi feita apenas para divulgação. Caso o leitor esteja muito interessado na versão

física pode entrar em contato comigo pelo Instagram [luiz.millan](#). O meu site é [luizmillan.com](#)

Perguntas rápidas:

Um álbum de bossa nova nacional: "Elis & Tom" (Polygram/1974)

Um álbum de bossa nova com artista estrangeiro: Marcos Valle & Stacey Kent (Sony Music/2013)

Um (a) compositor (a): Tom Jobim

Um (a) instrumentista (a): pianista paulistano Michel Freidenson

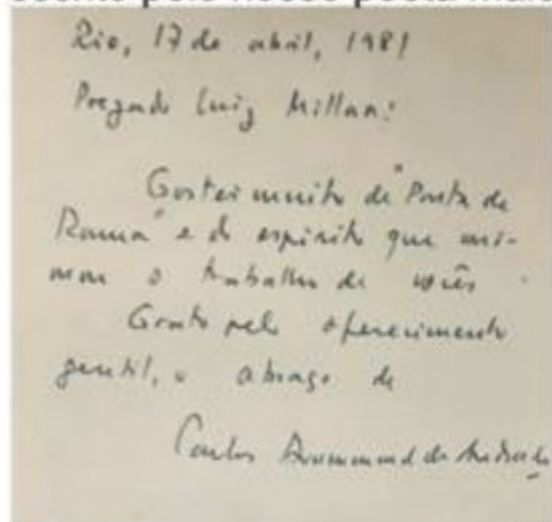
Um (a) faixa/música: "Insensatez" (Tom Jobim/Vinicius de Moraes/1961)

Uma data especial: "o futuro!"

Luiz Millan – "Quero agradecer à Revista Conexão Literatura, a oportunidade de falar sobre o meu trabalho".

Drummond/Millan

Luiz Millan não é só da música. Entre suas 'reliquias' há um bilhete escrito pelo nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade.



Junto com seus colegas da USP, em 1980, Millan lançou um LP independente "Ponta de Rama". O disco chegou nas mãos do poeta, que agradeceu assim.

Serviço: Artista: Luiz Millan (www.luizmillan.com)

CD: Encontro das Águas

Selo: independente, distribuição Tratore.

Onde encontrar: Plataformas digitais

Entrevista exclusiva com Tavana Taniores

POR ADEMIR PASCALE



Tavana Taniores - Foto divulgação

Tavana Taniores nasceu em Vitória, capital do estado do Espírito Santo, no dia 12 de agosto de 1956. Mudou-se com sua família para a cidade vizinha de Vila Velha, no ano de 1959. Concluiu o ensino médio na mesma cidade e em 1980, em Vitória, finalizou a sua graduação em Engenharia Civil pela UFES. Durante a vida, Taniores apaixonou-se pela ciência e pelos mistérios da natureza, do espaço, do universo, da vida. Amante do mar, das montanhas capixabas, do seu estado e do seu país. Concluiu recentemente duas graduações em Gestão e Saneamento Ambiental. Em uma família na qual o pai foi jornalista, poeta, e três dos seus irmãos publicaram livros de poesia, vem agora apresentar os seus poemas.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Tavana Taniores: Meu pai foi jornalista, escreveu contos, poemas, trovas. Três dos meus irmãos escreveram livros de poesia. Não havia como escapar.

Conexão Literatura: Você escreveu o livro "Poemas de um outro Eu", poderia comentar?

Tovana Taniores: Realmente de um outro eu. Lendo, muitas vezes fico ensimesmado. É um pouco do que Tovana viu, leu, viveu. Um pouco de lirismo, descrença, um pouco de ironia...

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Tovana Taniores: Somente inspiração, inspiração do dia a dia. Alegrias, tristezas, vida. De parar no meio da rua como um maluco e gravar no celular para não esquecer. Alguns, saídos do fundo da tristeza da alma como o poema Eternidade.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Tovana Taniores: Trecho do poema – Eternidade.

"... Há de ficar,
eu sei,
para todo o sempre,
o amor,
a luz por Deus,
enviada,
enquanto se espera
a paz sonhada."

Conexão Literatura: Como o leitor



interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Tovana Taniores: O livro "Poemas de um outro Eu", está disponível, no Mercado Livre(atualmente sem frete), na Amazon, Casas Bahia, Ponto frio, Um Livro e outros.

É a primeira publicação de Tovana Taniores. Criei recentemente um canal no Youtube, @TovanaTaniores, onde gostaria de estabelecer um canal de comunicação com os leitores.

No instagram também, @tovanataniores

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Tovana Taniores: Sim, mas ainda sem pretensões de divulgação.

Perguntas rápidas:

Um livro: Dom Casmurro – Machado de Assis

Um ator ou atriz: Jack Nicholson

Um filme: Um estranho no Ninho

Um hobby: viajar

Um dia especial: primeiro dia de namoro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Tovana Taniores: Agradeço pelo apoio e pela divulgação. Espero que os leitores apreciem minha poesia.



Entrevista exclusiva com Vander Godoy

POR ADEMIR PASCALE

Vander Godoy - Foto Divulgação



Vander Godoy acredita que escrever é uma forma de tocar a alma do leitor.

Natural de São Bernardo do Campo – SP, casado e pai da Sophia.

Engenheiro de formação e católico de coração.

Seus livros convidam a refletirmos sobre a vida, estimulando o leitor olhar além das limitações impostas pelos próprios preconceitos e paradigmas. Com sensibilidade, suas obras propõem ampliar horizontes e viver em harmonia consigo mesmo, com os irmãos e com Deus. Respeitando o direito das pessoas pensarem diferente de nós, sem renunciarmos a nossas crenças e convicções.

Revista Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Vander Godoy: Costumo dizer que sou uma afronta ao sistema. Meus pais não tiveram oportunidade de estudar. O sonho da minha mãe era que eu terminasse o ensino médio. Apesar disso, estudei bastante, me formei Engenheiro Mecânico, pós-graduado e ousei escrever meus próprios livros...

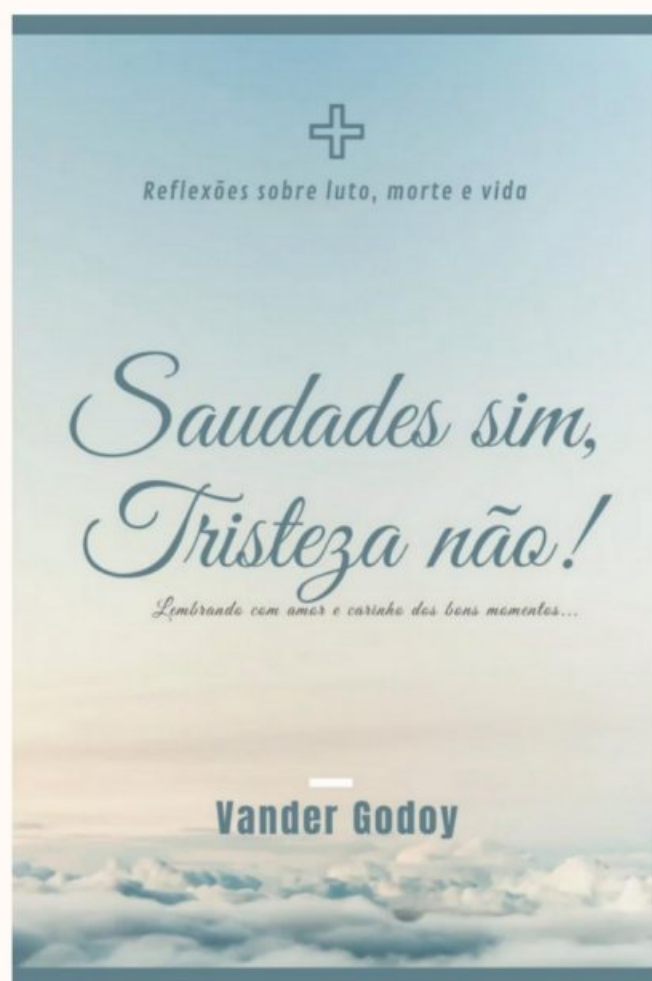
Infelizmente, nunca precisei ler um livro na escola. Somente aos 24 anos li um livro pela primeira, Sherlock Holmes. A leitura me conquistou. Aos 32 anos, enfrentei uma enfermidade que os médicos não conseguiam explicar. De um dia para o outro, minha

vida mudou completamente. Eu acordava, trabalhava e dormia pensando nas dores. Passava o dia pensando e remoendo os problemas, o que só aumenta o sofrimento. Não conseguia me distrair — nem mesmo ler. Foram três anos de incertezas e sofrimentos, até que o Padre Rodrigo me disse uma frase mudou minha vida: “Nem sempre nossos problemas são improdutivos, às vezes consegue-se aprender algo nas adversidades do deserto.”

Tomei posse daquela mensagem, e no dia seguinte, escrevi num pedaço de papel: “Mesmo no solo árido do deserto, devo continuar plantando as sementes do amor, pois uma hora elas germinarão.” Dessa frase nasceu meu primeiro livro — Sementes no Deserto: perseverando diante das adversidades. Descobri que escrever era uma forma de cura. Não curava a enfermidade, mas curava meu coração. Foi um caminho sem volta. Escrever se tornou uma grande paixão.

Revista Conexão Literatura: Você é autor do livro “Saudades sim, tristeza não!”, poderia comentar?

Vander Godoy: Esse é meu novo lançamento. Escrevi durante o luto pela perda do meu pai. Naquele momento, senti a necessidade de compreender melhor esse tema tão delicado. Percebi que a falta de conhecimento dificulta vivenciarmos o luto de forma adequada. Muitos evitam até mesmo pronunciar as



palavras morte e luto, como se o silêncio pudesse afastar a realidade. Mas ignorar o tema não fará com que ele deixe de existir.

Precisamos vencer o preconceito e conversar abertamente sobre a finitude da vida, preparando-nos mental, espiritual e até burocraticamente para esse momento inevitável.

Refletir sobre a morte não significa antecipá-la, nem elimina a dor do luto.

Mas a consciência de que esse dia chegará para todos nós pode ajudar atravessarmos o luto com menos desespero. Sobre tudo, refletir sobre a finitude deve nos inspirar a valorizar a vida, os momentos e as pessoas que

amamos enquanto ainda temos tempo.

Na correria do dia a dia, deixamos tantas coisas para depois — e o depois pode não existir.

O dia para amar, perdoar e deixar marcas no coração de quem amamos é hoje.

Esse é o propósito de “Saudades sim, tristeza não!”: acolher quem está passando pelo luto, mas principalmente, convida-nos a valorizarmos a vida e as pessoas que amamos.

Revista Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Vander Godoy: Com certeza, aprendi muito com grandes autores. Como diz o professor Mario Sergio Cortella: “Seus livros são uma releitura de tudo que aprendeu na vida.” Sinto que é exatamente assim comigo. Escrevo a partir de tudo o que vivi, aprendi e considero valioso compartilhar. Minha inspiração vem do coração e das experiências do cotidiano — dos sentimentos, das perdas, das alegrias e das pequenas reflexões que a vida nos oferece. Escrever, para mim, é uma forma de tocar a alma e o coração do leitor — sempre com respeito e acolhimento. Ao partilhar minhas vivências, espero ajudar o leitor a olhar para dentro de si e refletir sobre assuntos que muitas vezes deixamos de lado — nossa relação com Deus, com os outros e conosco mesmos. É um convite

para valorizarmos a vida e as pessoas que amamos enquanto ainda temos tempo. Respeitando sempre o direito de pensarem diferente de nós. Acredito que o respeito é essencial para vivermos em harmonia. Respeitar é diferente de aceitar, mas é o primeiro passo para uma convivência saudável. Deus nos deu o livre-arbítrio — quem sou eu para tomar o lugar Dele e dizer como cada um deve usar sua liberdade? Não desejo impor meus pensamentos. Apenas plantar sementes — de amor, fé, respeito e vida — e deixar que cada leitor reflita de acordo com sua própria realidade.

Revista Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Vander Godoy: Será um prazer compartilhar um trecho com os leitores, convidando-os enxergarem a vida com um novo olhar.

“Este livro não oferece respostas prontas para superar o luto.

Mas acolhe o enlutado e convida todos nós a refletirmos sobre a finitude da vida — valorizando os momentos e as pessoas que estão ao nosso lado, deixando rastros de saudade no coração de quem amamos, cultivando lembranças que serão eternas.”

“Podemos imaginar a vida como uma ponte: ao nascer, iniciamos sua travessia.



A cada passo adiante, um pedaço dela se desfaz atrás de nós.

Não há como voltar — nossa única opção é seguir em frente.

Alguns atravessam rapidamente, outros lentamente, mas todos chegarão ao destino final: a morte.

A vida é apenas uma ponte que liga a margem do nascimento à margem da morte.

Aproveite a travessia. Crie memórias e afetos em seu percurso.

Em algum momento, todos nós chegaremos ao destino final.”

Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?

Vander Godoy: Meus livros estão disponíveis em versões física e digital, em plataformas como a Amazon.

Podem ser adquiridos também diretamente pelo site da editora Clube de Autores.

Convido o leitor a me acompanhar pelas redes sociais, onde compartilho reflexões, trechos dos livros e novidades sobre meus projetos.

Instagram: @vandervgodoy

Revista Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Vander Godoy: Apesar de não receber o apoio necessário dos nossos governantes, fico feliz em ver a leitura alcançando cada vez mais os jovens.

O número de escritores independentes cresce a cada dia, mesmo com as dificuldades do mercado literário. Esse movimento mostra que a leitura continua viva e necessária em nossa sociedade.

Vivemos novos tempos. A forma de alcançar os leitores mudou — os estilos literários se diversificaram, os formatos se ampliaram, e o livro digital ganha cada vez mais espaço.

Mas se complementam sem competição. Há público para todos os estilos e plataformas.

O mais importante é que o hábito da leitura permaneça no coração das

peças, é por meio dela que expandimos nossa consciência, alimentamos a alma e transformamos o mundo ao nosso redor.

Revista Conexão Literatura: Deseja deixar alguma mensagem aos leitores?

Vander Godoy: Sim, você que tem um sonho ou desejo no coração, não desista.

Muitas vezes deixamos de agir achando que não somos bons o suficiente — mas a verdade é que “o feito é melhor que o perfeito”.

Dê o primeiro passo com fé e siga em frente. Continue estudando, se aprimorando, aprendendo... mas nunca desista de tornar real aquilo que faz seu coração pulsar.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Vander Godoy: Sim, a cabeça de um escritor vive cheia de ideias. Algumas demoram a sair do papel diante das dificuldades do mercado literário, mas sigo firme com novos projetos.

Este ano foi especialmente produtivo: lancei Saudades sim, tristeza não! e inscrevi outro livro no Prêmio Kindle de Literatura — O Homem por Trás da Batina.

Essa nova obra convida o leitor a refletir, por meio de uma história fictícia, sobre como a fé pode, em certos contextos, ser usada como

instrumento político. Por trás de cada líder religioso existe um cidadão com direitos e anseios como qualquer outro. O problema surge quando a liderança espiritual se mistura a interesses pessoais. A polarização que vivemos no país me preocupa, especialmente quando alcança o campo da fé. A igreja deveria ser um espaço de acolhimento, diálogo e respeito. Não precisamos pensar iguais — mas precisamos nos respeitar nas diferenças. É nisso que acredito, vivo e escrevo.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Alquimista – Paulo Coelho.

Um ator ou atriz: Tony Ramos.

Um filme: Senhor dos Anéis.

Um hobby: Ler e escrever.

Um dia especial: Nascimento da minha filha Sophia.

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Vander Godoy: Convido o leitor a refletir nas páginas de Saudades sim, tristeza não! Quem está enfrentando o luto, sinta-se acolhido e abraçado pela leitura. Deixo o convite para refletirmos sobre a importância de valorizarmos a vida, os momentos e as pessoas que amamos enquanto temos oportunidade. Hoje é o dia de escrevermos um novo capítulo em nossa história — um capítulo repleto de afetos e memórias no coração de quem amamos. Agradeço a oportunidade de compartilhar a minha trajetória com os leitores da revista. Acompanho sempre a revista e sinto-me honrado por fazer parte dessa história.



Citações de Grandes Autores

“O mundo que você anseia
pode ser conquistado.
Existe, é real, é possível,
é seu.”
- Ayn Rand



A digital illustration of a person with curly hair, seen from behind, wearing a dark hoodie and pants. They are walking away on a path that reflects the light of a large, bright full moon in a dark, cloudy sky. The path is flanked by bare, silhouetted trees and utility poles with wires. The overall mood is contemplative and solitary.

“Não abandones as tuas
ilusões. Sem elas podes
continuar a existir, mas
deixas de viver.”

- Mark Twain



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O HOMEM E O ABISMO

CRÔNICA DE UM DEUS CANSADO DE SENTIR

POR IDEGØ HYPER



“E se olhares longamente para o abismo, o abismo também olha para dentro de ti.”
— Friedrich Nietzsche, Além do Bem e do Mal

Prefácio:

Há quem ande pelas ruas sem ver nada, e há quem ouça a cidade respirar.

Ele é um desses.

Acorda antes da luz, pega o ônibus, cumpre o contrato invisível. Mas algo nele recusa o silêncio.

O vidro o devolve. O chão responde.

Rousseau falaria em traição do pacto. Freud chamaria de mal-estar. Nietzsche sorriria: o humano que viu demais.

Este conto é sobre isso. O excesso de lucidez.

Sobre um homem que não caiu, apenas sentiu até o limite.

Porque, no fim, o abismo não está lá fora.

Está em quem olha.

Manhã.

Ele empurra a porta do apartamento devagar para não acordar a casa. O corredor do prédio cheira a desinfetante e promessa barata de ordem. Desce os degraus como quem desce de si. No térreo, o porteiro levanta a cabeça, mas não diz nada. Ninguém diz. A rua está úmida. O dia nasce sem vontade.

O semáforo muda de cor com uma respiração curta. O poste pisca duas vezes. Ele repara. Sempre repara.

Os carros passam como flechas cansadas. Um caminhão urra. A banca de jornal range. A cidade fala baixo com ele desde cedo.

Padaria da esquina.

A porta de alumínio empurra o ar morno de pão. O sino pendurado vibra como um inseto teimoso. Lá dentro, o balcão de vidro olha de volta. Pães com casca dourada parecem cabeças alinhadas para um desfile. As facas, imóveis, têm brilho de dente. A máquina de café ronrona. Ele sente que o azulejo respira.

De sempre, pergunta o balconista, sem olhar muito.

Ele faz que sim. O pão vem num saquinho que sussurra quando encosta na mão. O café chega com vapor e memória. Ele bebe devagar. O amargor abre os olhos.

Na televisão grudada na parede, um telejornal empilha tragédias com voz neutra. O volume está baixo, mas as legendas batem como martelo: trânsito, fila, inflação,

promessa. Atrás dele, duas senhoras discutem a vida da vizinha, como se o mundo coubesse na janela do quinto andar.

Ele ouve tudo. Não porque quer, porque não sabe não ouvir.

Olhavam-no de qualquer lado e, inevitavelmente, ele percebia. E devolvia o olhar.

Ele era um abismo.

Do lado de fora, as mesas de plástico têm arranhões que contam histórias de ontem à noite. Garrafas vazias dormem como soldados derrotados. Ele lembra do bar de ontem: um brinde que não disse nada, uma risada que parou cedo demais, um abraço que não se sustenta. Ele esteve lá, inteiro e só.

Paga e sai.

A rua alonga o corpo como se acordasse. As marquises seguram o céu com os ombros sujos. Um ônibus dobra a esquina cuspidando fumaça e atraso.

Homens de mochila apertada, mulheres com o cabelo preso, crianças puxadas pela mão. Todo mundo com pressa indo para um lugar que não quer.

Ele atravessa. O vento bate nos olhos. Um papel de propaganda cola no tênis e pede socorro. Ele para, descola, joga na lixeira. A lixeira agradece com um estalo leve. Ele ouve. Sempre ouve.

Pensa no filho dormindo no quarto com os carrinhos no chão. Lembra da respiração leve, do braço caído para fora da cama, da curva da orelha. Pensa no bilhete preso na geladeira com imã de praia: “Boa sorte hoje.” Ele não acredita em sorte, mas guardou o bilhete no bolso. Algumas coisas não se discutem pela manhã.

No ponto de ônibus, um grupo forma uma fila sem conversa. A fila é uma reza muda. Cada um entrega um pedaço de si para a ordem do dia. É o contrato invisível. Alguém cede, alguém manda, alguém obedece, e o mundo segue de pé. Ele observa. Sabe que funciona. Sabe o preço.

Uma adolescente rola o feed no celular como quem cava um buraco. Um senhor olha o relógio a cada trinta segundos, o relógio encosta o ponteiro no peito dele como agulha. Dois caras de moletom cochicham sobre uma promoção falsa. Uma mulher segura uma marmita como se fosse um segredo.

Ele lê os rostos. De um, cai medo. De outro, cai desejo. De outro, cai nada: só cansaço.

O ônibus chega cheio ombros. Ele entra. O ar é quente de respiração coletiva. O motorista fala com o rádio. As portas se fecham como mandíbula. O ônibus arranca.

No balanço, a cidade corre pela janela em quadros curtos: pixos em letras que mordem, um cachorro que espera um dono distraído, um homem varrendo folha que não para de cair. A cidade insiste.

Ele pensa, não alto, não baixo. Pensa num lugar que nunca viu. Um mundo com outros valores. Onde ninguém precisa se curvar para existir. Onde o silêncio não é punição. Um mundo que ele inventa toda manhã e perde na primeira esquina.

O ônibus freia seco. Um copo descartável cai e rola até o pé dele. Para ao lado do tênis. O copo, sem vergonha, olha. Ele chuta de leve de volta para o corredor. O copo aceita o destino. O chão compreende.

No corredor, dois rapazes discutem futebol com fé de missa. Mais ao fundo, um homem fala no celular sobre meta, entrega, foco. As palavras batem no teto e pingam de volta. Uma criança pergunta por que o céu é cinza. A mãe diz: porque é assim. Ele gostaria de dizer outra coisa. Não diz.

Desce na estação. O metrô engole a massa com boca de concreto. A escada rolante leva todos pelo mesmo trilho, como se não houvesse alternativa. Cartazes colados no azulejo prometem cursos, milagres, crédito rápido, pele sem marca. O ar condicionado sopra uma verdade fria: seja melhor; se não, suma.

No corredor, o som de passos é um tambor lento. Ele sente o chão pulsar. Sabe que lá embaixo há trilhos como veias, atravessando a cidade como um sistema nervoso exposto. A catraca gira e conta. Gira e cobra. Gira e permite. Ele passa. A catraca faz um clique satisfeito, como quem diz: mais um.

Plataforma. O painel pisca horários e promessas. As lâmpadas piscam junto, impacientes. Alguém boceja. Alguém reza. Alguém chora sem barulho.

Ele encosta na coluna. A coluna tem marcas de mãos antigas. Sente o pó do concreto colar na pele. O trem chega com grito de metal. Portas abrem como pálpebras cansadas.

Ele entra.

Dentro, o mundo se repete com pequenas variações: o mesmo cansaço, outra cara; a mesma pressa, outro relógio. Ele segura a barra de ferro. A barra está gelada e atenta. O trem parte. O túnel é um animal comprido que respira no escuro.

Olhavam-no de qualquer lado e, inevitavelmente, ele percebia. E devolvia o olhar. Ele era um abismo.

Uma mulher o encara por um segundo a mais. Desvia. Um menino encara sem medo. Sorri. O pai puxa o menino pelo ombro. Um rapaz nota e fecha a expressão para não ser lido. Ele não força nada. Só está. Estar já é demais para muita gente.

O trem desacelera entre estações. No silêncio breve, uma frase antiga se arrisca na cabeça dele: houve um tempo em que a ignorância envergonhava. O alto-falante chia. A porta abre. Gente entra com palavras nos lábios. Ele respira.

A manhã continua. A cidade insiste. Ele segue.

O vagão balança.

As vozes da discussão ficam mais altas.

Cês tão cegos! A Bíblia já dizia, a Terra não gira! O homem do boné berra, cuspiando sílabas. A terra é plana!

É cada uma... o outro responde, mas não com firmeza. Ri de nervoso, como quem pede desculpa por pensar.

O grupo em volta se divide em caretas, sorrisos cúmplices, cochichos. Ninguém confronto de verdade. Ninguém se levanta.

Ele observa. Não fala.

Olhando para aquela cena, tem a impressão de estar em um teatro barato: todos atuando papéis rasgados, repetindo falas decoradas.

Rousseau sussurra no fundo da memória: a vontade geral já não é a de todos, é a dos mais barulhentos.

O contrato social ali era esse: curvar-se ao absurdo para não ser expulso do bando.

O trem arranca de novo. A lâmpada pisca. O ferro geme. Ele sente o mundo reclamar.

Freud atravessa a mente: o preço da civilização é a repressão. Mas não vê repressão ali, vê exibição da ignorância, gritada como vitória. Como se a burrice tivesse virado orgulho.

Ele segura o olhar do homem do boné. O homem percebe e se cala por um instante. Um segundo de queda no abismo. Desvia rápido.

O silêncio dura pouco, a gritaria volta. Mas ele já sabe: foi visto. E devolveu.

Olhando em volta, cada rosto parece carregado de sinais.

A mulher que ri sem vontade, para não destoar. O rapaz que concorda, sem acreditar. O menino que olha para o chão, como se a vergonha fosse antiga demais.

Ele lê todos. Não precisa de esforço.

O vagão inteiro, pensa, é uma vitrine do mal-estar.

Um lugar onde ninguém acredita no que diz, mas todos fingem. Um lugar onde a verdade é menos importante do que o aplauso.

A barra de ferro treme na mão dele. A cidade fala.

Os trilhos rugem como bicho contido. As paredes sussurram.

Ele fecha os olhos por um instante e a pergunta vem, sem dono: Será que cai? Será que já fui maior e agora caminho aqui, entre vocês, pagando bilhete, carregando saco de pão?

Abre os olhos.

Vê o reflexo no vidro da janela. O reflexo o encara. Não desvia. E ele sente a vertigem de novo.

Ele era um abismo. O metrô mergulha.

O túnel engole o barulho da discussão e devolve silêncio. Um silêncio espesso, carregado. Ele olha em volta. Não vê só rostos, vê fendas.

A mulher de marmita segura o pote com força, como se fosse uma âncora. Os dedos brancos revelam medo antigo.

O rapaz do celular desliza a tela rápido, mas cada rolagem denuncia ansiedade, um vazio que não cabe na palma da mão.

O senhor que cochila mexe os lábios em sonho, uma prece engolida.

Ele percebe tudo.

Como se cada pessoa estivesse nua, exposta, entregue. Não porque elas mostrassem, mas porque ele não sabia não ver.

Um desejo sufocado. Uma raiva engolida.

Uma mentira mal costurada. Ele lê sem querer.

As paredes vibram. Os assentos murmuram segredos gastos. Até as lâmpadas piscam em código. O mundo não cala, nunca calou.

Ele entende.

E o peso o atravessa.

Não é um Deus que caiu.

É só um homem que sente demais.

Tanto que o mundo o atravessa como faca.

Tanto que ninguém consegue sustentá-lo por perto.

Por um instante, a pergunta volta: será que fui Deus e desci?

Mas a resposta é outra: não, sou humano demais. Humano até a beira do insuportável.

O vagão sacode.

Um menino o encara sem medo, como se soubesse. Sorri. O pai puxa o braço do filho. O menino insiste no olhar. Ele devolve.

Não há desafio ali, só reconhecimento. O sorriso é breve, mas inteiro.

Um lampejo. Um aviso.

Ele sente: talvez as crianças ainda enxerguem antes de se curvar. Antes do contrato. Antes do mal-estar.

O trem freia. O painel pisca. As portas se abrem. O povo desce como enxame. Ele fica.

Na plataforma, vê a massa seguir em fila, obediente. O chão treme sob a pressa coletiva. A ordem invisível governa tudo.

Ele respira fundo. O ar pesa mais que deveria.

E no reflexo do vidro, vê a si mesmo, não como corpo, não como rosto. Mas como um vazio denso.

Como algo que olha de volta. Ele era um abismo.

O trem para.

Ele desce na estação. A multidão corre pelas escadas rolantes, cada um puxado por cordas invisíveis. Ele caminha devagar. Os azulejos brilham sob a luz fria, mas parecem suados. Cada passo devolve um som, como se o chão o reconhecesse.

Na saída, a catraca gira. O clique não é só mecânico, é sentença. Mais um corpo contado. Mais um obediente. Ele passa, mas não se sente contado. Nunca se sente.

Lá fora, o dia já ferve. Carros colidem em buzinas, ônibus soltam fumaça grossa, ambulantes oferecem café ralo e sonhos pequenos. O céu é cinza, mas pulsa. Os prédios respiram como gigantes entediados. Ele sente tudo. Tudo fala.

Caminha até o trabalho. O prédio espelhado o recebe com boca larga. O vidro devolve sua imagem, mas não é reflexo simples: é uma versão dele que olha fundo, como se perguntasse coisas que ninguém ousa.

Ele encosta a mão no vidro. O vidro está quente. O vidro responde.

Por um segundo, pensa que talvez tenha sido Deus e agora estivesse preso nesse corpo comum, condenado a filas, boletos, pão amanhecido.

Mas a sensação não dura. Logo entende: não caiu de lugar nenhum. Sempre esteve aqui. O que o condena não é a perda do divino. É o excesso do humano.

Ele sente demais. Vê demais. Ouve demais.

E isso o coloca em um lugar onde ninguém mais alcança. Não é poder.

Não é glória. É maldição.

Os colegas passam apressados com crachás e copos descartáveis. Ninguém o nota. Ninguém ousa olhar por tempo demais.

Ele, quieto, sente a vertigem: talvez seja só isso, um trabalhador atravessando o concreto como todos os outros.

Ou talvez seja mais.

Talvez tivesse sido Deus um dia e se cansou.

Talvez fosse só um homem que sentia como nenhum outro.

O certo é que ninguém podia sustentá-lo — porque, no fundo, ele era um abismo.

A barra de ferro treme na mão dele. A cidade fala.

Os trilhos rugem como bicho contido. As paredes sussurram.

Ele fecha os olhos por um instante e a pergunta vem, sem dono:

Será que caí? Será que já fui maior e agora caminho aqui, entre vocês, pagando bilhete, carregando saco de pão?

Abre os olhos.

O reflexo o encara. Não desvia.

Por um segundo, ele acha que o vidro só devolve a imagem. Mas há algo ali.

O outro pisca no mesmo ritmo, respira no mesmo tempo, mas há um atraso mínimo, quase imperceptível, como se o reflexo fosse mais vivo que ele.

Ele se inclina. O vidro parece pulsar.

O trem corre, e o rosto se deforma, mas o olhar do reflexo continua fixo. Não há raiva. Não há espanto. Só reconhecimento.

É como se, finalmente, alguém o enxergasse.

Ele tenta se desviar, mas o reflexo o acompanha, paciente.

E ele entende: o abismo que sempre devolveu olhares agora o devolve inteiro.

Não é o vidro. Não é o mundo. É ele.

Por dentro, algo se parte em silêncio. Não caiu.

Nunca caiu.

Apenas viu demais. Sentiu demais. E agora se vê.

Ele era um abismo.

Idego Hypér é o nome literário de Diego Lisboa, escritor e produtor cultural.

Autor de textos que exploram filosofia, psicanálise e a experiência urbana contemporânea.

Revista Conexão Literatura

Desenvolvimento Acadêmico

- Melhora no Desempenho Escolar.
- Aprimoramento da Escrita.
- Enriquecimento Cultural

Benefícios Sociais e Emocionais

- Empatia e Compreensão
- Redução do Estresse
- Construção de Relacionamentos

Habilidades Profissionais

- Comunicação Eficaz
- Pensamento Crítico
- Desenvolvimento da Inteligência Emocional

Impacto na Sociedade

- Participação Ativa
- Fomento à Democracia
- Combate ao Analfabetismo

Estratégias de Leitura

- Definição de Objetivos
- Seleção de Material Adequado
- Estabelecimento de Rotinas

Desenvolvimento Pessoal

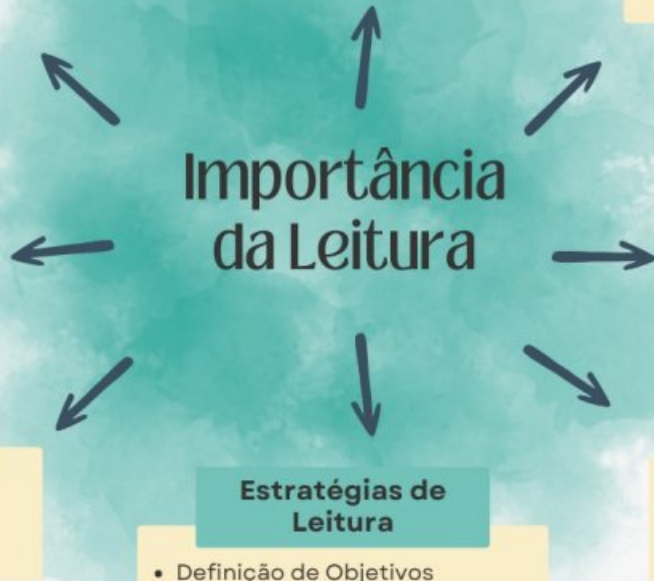
- Expande o Conhecimento
- Melhora o Vocabulário
- Estímulo da Criatividade

Hábito de Leitura

- Estabelecimento de Metas
- Grupos de Discussão
- Exploração de Gêneros Variados

Promoção da Leitura

- Campanhas de Conscientização
- Bibliotecas Comunitárias



O GRITO DE ILDAR

POR FERNANDO SCHWARTZHAUPT NOROEFÉ



Ao entardecer de um mundo distante, um homem de estatura imponente, bigode bem aparado e cabeça calva observa um carregamento de painéis solares chegarem a sua base de estudos. Seu nome era Ildar, o Alto Engenheiro da Olyan, uma esplendorosa nave dourada que pairava na atmosfera desse planeta. A missão principal era estudar anomalias sombrias próximas desse sistema planetário. Entretanto, como haviam encontrado uma civilização primitiva e inteligente, parte da equipe ficou responsável por estabelecer contato a fim de estudar e entender mais sobre o planeta. Os Argils, como foram chamados, eram seres humanóides de pele cinzenta e olhos azuis, com altura parecida com a dos humanos. Seu mundo era pacífico e eles possuíam uma boa relação com a natureza, embora houvesse alguns atritos políticos causados pelas fontes escassas de energia.

Porém como regra era proibido interferir na política local, segundo estabelecido pelo Paladino Dourado Jove, a autoridade máxima da missão. O paladino raramente descia ao planeta, era um homem de longa barba e cabelos brancos, trajava uma armadura dourada que reluzia como um sol. Sua presença era quase mítica, tanto para os tripulantes quanto para os nativos. Jove dedicava-se incansavelmente ao monitoramento das anomalias, tentando desvendar suas origens e significados. O Paladino Dourado era um ser que dominava a magia e a tecnologia de forma incrível, como poucos conseguiam, mesmo dentro de sua ordem, sua aura dourada era quase que natural.

Os estudos acerca das anomalias sombrias não avançavam, levando Ildar a voltar seu olhar cada vez mais para os problemas enfrentados pelos Argils, que ele passou a admirar cada vez mais. Essa civilização, apesar de primitiva aos olhos dele, evoluiu muito sem conflitos em grande escala e sem destruir os recursos naturais do planeta. Tal modo de pensar talvez fosse a fonte da crise energética. Um dia enquanto participava de um festival local, sua atenção foi capturada por uma representação teatral. Ildar assistiu, fascinado, enquanto eles encenavam a chegada de uma figura divina, claramente inspirada em Jove. Vestidos com trajes que brilhavam como ouro, os atores retratavam o Paladino Dourado como um ser celestial, descendo dos céus em resposta a uma antiga profecia. A admiração e a inocência com que os nativos viam Jove tocaram Ildar; eles viam na figura do paladino não apenas um visitante de outro mundo, mas um ser de poder e sabedoria mística, um vislumbre que o próprio Ildar já teve ao conhecer Jove.

Refletindo sobre o festival, Ildar começou a ponderar sobre o potencial daquele povo e sobre o propósito deles terem encontrado esse planeta. Logo concluiu que se conseguisse implementar uma solução sustentável e eficiente para o problema energético, isso não apenas aceleraria o desenvolvimento da sociedade Argil, mas também preservaria a essência de sua cultura e seu respeito pela natureza.

Dias após o festival, Ildar encontrava-se imerso em seu laboratório, sua mente estava inspirada com ideias e possibilidades. Enfim ele desenvolveu algo extraordinário: o Brilho de Anala, um dispositivo portátil que utilizava uma combinação de tecnologia e magia para gerar energia infinita e sustentável, já haviam outros dispositivos semelhantes no seu mundo, mas esse era mais versátil, facilitando as mais diversas aplicações. Era a resposta que ele buscava para o dilema energético daquele povo. Com cuidado e

dedicação, Ildar preparou um protótipo acompanhado de instruções detalhadas para replicação e orientações sobre seus diversos usos. Antes de dar o próximo passo, ele sabia que precisava consultar o Paladino Dourado, com o protótipo em mãos, ele dirigiu-se à Olyan.

A reunião entre Ildar e Jove foi tensa. O Alto Engenheiro apresentou o dispositivo com entusiasmo, explicando seu funcionamento e o impacto positivo que poderia ter para aquela civilização. No entanto, Jove reagiu de forma inesperadamente negativa. O Paladino expressou forte oposição à ideia de interferir tão profundamente na evolução tecnológica dos Argils. Para Jove, entregar tal dispositivo poderia trazer consequências imprevisíveis para aquela sociedade. Jove foi enfático em sua proibição: Ildar não deveria, sob nenhuma circunstância, entregar o Brilho de Anala aos nativos e ainda confiscou o dispositivo. A decisão abalou Ildar profundamente.

Enquanto olhava para o céu, lembrava-se de Jove, questionando se o paladino se enxergava como um deus, deixando que uma possível sensação de superioridade nublasse seu julgamento. Silenciosamente, Ildar começou a planejar como roubaria sua invenção da nave Olyan. Poucos dias depois, seguindo seu plano, Ildar se movia em silêncio pela nave. Como Alto Engenheiro, ele tinha livre circulação pela nave, o que facilitava seu plano audacioso. Ele se dirigiu para o depósito restrito, onde o Brilho de Anala estava armazenado. Ao chegar no compartimento, ele desativou o sistema de segurança. Sem perder tempo, pegou o dispositivo, pequeno e complexo, depois se dirigiu rapidamente para o hangar.

Enquanto isso, no observatório da nave, Jove estava concentrado nas anomalias, sua mente refletia sobre a profundidade de seu estudo. De repente, ele sentiu um desconforto inexplicável sob os braços, uma sensação estranha, como se algo tivesse sido removido de sua presença. Era uma premonição sutil, mas suficiente para despertar uma inquietação em seu espírito.

O Alto Engenheiro entrou em uma das naves auxiliares e iniciou a decolagem. Conforme mergulhava em direção ao planeta, sentia-se mais aliviado

Subitamente, sua jornada é interrompida por uma figura imponente: Jove, o Paladino Dourado, que voava livremente pelo espaço, sem necessidade de uma nave ou capacete. Envolto em um brilho dourado deslumbrante, um dos muitos poderes dos paladinos dourados, representando uma barreira inesperada e assustadoramente divina.

Surpreso, mas não intimidado. Disparou projéteis e raios energéticos contra Jove. Os flashes das armas cessaram. Nada. O paladino permanecia imóvel e sereno no vazio do espaço, demonstrando não sentir nada. Com uma voz calma, porém firme, Jove pediu educadamente que Ildar recuasse, enfatizando que suas ações teriam consequências, essa voz era transmitida diretamente para mente do Alto Engenheiro.

Ildar, impelido por sua convicção, recusou-se a obedecer. Em um movimento rápido, ele apertou um botão que ejetou um drone da nave, contendo o Brilho de Anala. O drone, programado para encontrar os Argils, disparou em direção ao planeta com uma trajetória determinada.

Para ganhar tempo e assegurar que o drone alcançasse seu destino, Ildar tomou uma decisão drástica. Ele direcionou a nave auxiliar diretamente contra Jove, uma manobra desesperada para distrair o paladino. A colisão resultou em uma explosão espetacular, iluminando o céu alienígena.

Quando Ildar recobrou a consciência, se viu flutuando no céu do planeta, segurado firmemente pela roupa, próximo ao pescoço, por Jove. O semblante do paladino era de desaprovação profunda, um olhar que refletia uma mistura de decepção e preocupação.

Ildar despertou com um sobressalto. Havia desmaiado novamente? Sua visão turva foi gradualmente focando na realidade que o cercava. Ele se encontrava acorrentado em uma montanha solitária, com um cinzento horizonte se estendendo infinitamente sob um céu estranho. A sensação de desorientação era avassaladora, mas logo se tornou o menor de seus problemas.

À sua frente, Jove apareceu, flutuando com sua aura dourada habitual. A presença do Paladino Dourado era ao mesmo tempo majestosa e intimidadora. Ildar, percebendo a gravidade de sua situação, implorou ao paladino para permitir que os nativos ficassem com o dispositivo que ele havia enviado.

Jove, com uma expressão severa, revelou então a verdadeira natureza da situação de Ildar. Seu corpo havia sido destruído, e sua mente estava agora presa em uma simulação, a realidade simulada em que ambos se encontravam. A revelação deixou Ildar atordoado, com sua mente lutando para compreender a extensão de sua pena.

O Alto Engenheiro perguntou se esse era seu castigo, mas Jove relatou algo ainda mais perturbador. Ele não havia impedido o dispositivo de chegar ao planeta. O verdadeiro castigo de Ildar seria testemunhar as consequências de suas ações, assistindo eternamente o impacto de sua interferência.

No céu acima deles, começaram a se projetar imagens vívidas e perturbadoras. Ildar viu os Argils utilizando a sua nova tecnologia para fins destrutivos: guerras desencadeadas entre as tribos, execuções brutais, prisioneiros sendo arrastados por conquistadores, as crianças daquele povo sendo executadas. A tecnologia que ele havia fornecido com a intenção de ajudar havia sido transformada em instrumento de poder, opressão e morte. As imagens culminaram na devastação total daquele mundo, sua sociedade desmoronando sob o peso da ambição e do conflito.

A dor e o desespero consumiram Ildar ao assistir à destruição causada por sua decisão. Seu grito de agonia ecoou pela montanha deserta, um lamento profundo pela perda irreparável de um mundo que ele havia tentado ajudar e aprendido a amar. A realidade de sua punição era clara: Ildar estava condenado a viver eternamente com o peso de suas escolhas, um testemunho solitário da tragédia que suas boas intenções haviam desencadeado.

Fernando Schwartzaupt Noroefé é formado em Processos Gerenciais e especialista em Engenharia de Software. Entusiasta de projetos criativos com experiência em design gráfico. Atualmente está se aventurando na escrita de contos e poemas.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MILHARES DE
LEITORES**

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br



BONO, O CONSERTADOR DE LIVROS

POR GILMAR DUARTE ROCHA



Bono M. tinha uma verdadeira paixão pelos livros. Assim como uma pessoa comum tem uma extrema paixão por gatos e cachorros, Bono, um livreiro falido, quando encontrava um livro jogado na sarjeta, amassado, sujo, degradado e desprezado por seu leitor anterior (ou por um inimigo de livros), Bono imediatamente recolhia o impresso da rua e o levava para o seu ateliê, na tentativa de recuperá-lo de alguma forma fosse qual fosse o estado do objeto.

Após a falência de sua livraria, localizada na Avenida das Nações, o principal centro comercial do burgo, Bono, a contragosto da mulher — materialista ao extremo — resolveu seguir no negócio que o seu avô materno exerceu durante quase toda a sua vida. O velho avô era proprietário de um sebo, e tinha o costume de deixar o negócio a cuidado de um empregado e passava a vida restaurando livros anosos; ressuscitando cartapácios de mais de um século de idade. Ele, Bono, pequeno ainda, passava horas vendo o avô praticar aquele mister, e, embevecido, aprendia com facilidade todos os artifícios; o imprevisto e o manejo de ferramentas simples que transformava um livro imprestável num exemplar majestoso, merecedor de ser exibido nas mais ricas bibliotecas. Bono também assimilou que não bastava aprender o manejo correto das ferramentas de restauração: aprendeu com o avô que o carinho, a paciência e a dedicação eram os ingredientes necessários para a perfeita recomposição de uma publicação.

Mas restaurar livros antigos e degradados não era negócio que gerasse renda para dar sustento a um filho pequeno e uma mulher realista e factual. Ainda mais morando no subsolo de um prédio de três andares, onde a ventilação era deficitária no verão e a calefação ineficiente no inverno:

— Bono, larga esse ofício homem e aceite a proposta do senhor Ivo para vender as enciclopédias dele por este país a fora. O que você vai ganhar daria para colocar Joaquim (o filho) num colégio decente e a gente se mudaria para outro apartamento mais digno e aconchegante — a sua mulher, de nome Ivana, martelava isso todo santo dia. De manhã cedo e à noite, antes de dormir.

De fato, se fôssemos olhar sob o prisma da sua senhora, ela estaria coberta de razão, mas Bono tinha a ideia fixa de montar outra livraria, quiçá um sebo (que era mais acessível) e seguir ganhando a vida fazendo aquilo que o seu espírito clamava e gostava.

Num certo dia de sábado, quando estava chegando a hora de fechar o ateliê, que ficava ao lado do umbral do prédio, a rigor, o ateliê era a primeira dependência do subsolo, eis que Bono recebia um cliente, de aspecto nervoso e arfante, com um livro de tamanho grande nas mãos:

— O senhor deve ser o restaurador, suponho? — perguntou o homem agoniado.

— Sim. Sou Bono M. O que posso fazer pelo senhor?

— Vou lhe mostrar, senhor Bono M. — o homem pôs o livro em cima do balcão do ateliê; abriu a capa e exibiu uma enorme mancha redonda na folha de guarda daquela obra de biologia, a rigor uma enciclopédia de luxo intitulada “Pássaros da América”, sequenciando:

— Esse borrão foi causado por meu filho, um moleque desastrado. O senhor acha que tem conserto? Esse livro pertence à tia avarenta de minha mulher, uma senhora riquíssima, dona de um apartamento de cobertura onde nós: eu, meu filho e minha mulher, que está fazendo um tratamento de saúde aqui na cidade, estamos hospedados até que a minha mulher fique boa e a gente possa voltar para a nossa casa no interior.

— Esse borrão foi causado por quê, o senhor sabe? — questionou Bono.

— O pestinha do meu moleque derramou um copo de café com leite em cima dele. Mudando de assunto: esse livro é muito caro, senhor Bono M.? Minha mulher, que já trabalhou como bibliotecária aqui na cidade grande, me disse que vale uma fortuna. Ainda bem que a tia dela ainda não viu essa desgraça.

Bono pegou o livro com cuidado, até porque o impresso era gigante e pesava mais de cinco quilos, girou-o de um lado para o outro; analisou o papel do miolo; alisou as superfícies; checkou mais detalhes com uma lupa e deu o veredito:

— Eu não sei o que sua mulher considera como fortuna, mas esse livro aqui, que tem edição limitada e foi impresso no Século XIX, como é citado na folha de rosto, tem valor suficiente para comprar um apartamento de luxo.

— Como? — o cliente abriu a boca, espantado. — O senhor está louco?

— Não estou, meu senhor. Trabalho com livros desde menino.

O homem não sabia o que fazia. Olhou para um lado; para outro; para cima e suplicou a Bono:

— O senhor consegue remover essa mancha daqui até a próxima segunda-feira? Dou tudo eu que tenho na minha carteira para o senhor.

Bono segurou no braço do aflito rapaz e disse:

— Vou aplicar um produto químico que uso para esses casos e vamos esperar que funcione. Quanto ao valor, se ficar bom, o senhor só precisa pagar 20 vinténs.

— Dou 100 ao senhor. Fechado! Volto segunda, de manhã cedo.

O homem saiu disparado do ateliê sem ao menos abrir uma ficha no estabelecimento, como era praxe. O restaurador tentou alcançá-lo, mas o sujeito estava tão agoniado que dobrou a esquina e sumiu de vez no meio da multidão.

Bono trabalhou na restauração daquele valioso impresso até altas horas do sábado. Precisou que sua mulher saísse da cama para chamá-lo no ateliê. Foi aí que ela percebeu um maço de cerca de três centímetros de altura de notas de dinheiro estrangeiro de alto valor em cima da mesa de trabalho do marido. Ela se espantou com aquilo e perguntou, de súbito, a Bono:

— Onde conseguiu (deixa eu contar) ... essas dez mil libras?

— Ah! Esse dinheiro estava espalhado de cinco em cinco notas nas últimas páginas desse livro gigantesco que eu estou trabalhando para remover uma mancha, conforme te disse hoje à tarde.

— Esse dinheiro resolve todos os nossos problemas, homem — disse a mulher, colocando a mão espalmada na boca.

— Mas não é nosso, Ivana. Assim que terminar o serviço, vou devolvê-lo de volta, de cinco em cinco notas, às páginas finais do livro. Exatamente como estavam.

Ivana só voltou morrer de frustração e impotência. Que ela tinha casado com um homem honesto, isso ela sabia. Agora, honesto, a ponto de trocar a redenção da vida dele pela honestidade, isso ela não tinha avaliado.

Foi dormir calada e emburrada.

Ateliê de Bono M., segunda-feira de manhã. O livro do cliente aflito, que nem sequer fez ficha no seu comércio, sem deixar nome e endereço, ficou melhor do que o esperado. A mancha de café havia desaparecido e o livro parecia novo. Só que deu 10 horas da manhã e o homem não apareceu; deu meio-dia, nada. A noite chegou e nada. Bono foi dormir e nem conseguiu pegar no sono. Dia seguinte, nada. Dois dias depois, nenhum sinal de vida do freguês. Uma semana depois, patavinas. Bono queria comentar esse incidente com Ivana, mas vacilou. Ela poderia lhe propor ideias “imaginativas”. Ele preferiu esperar um mês. O livro valioso à potência foi repousar dentro do velho cofre do ateliê. Quando completou um mês que o cliente desaparecido lhe fizera a encomenda, ele resolveu notificar aquela situação incomodativa à sua mulher. Bono sugeriu que fizessem uma espécie de edital no jornal de maior circulação na cidade; ela desdenhou: “Nem dinheiro para edital, nós temos. Vamos aguardar”.

Passaram-se quatro meses e Bono ficava cada dia mais aflito. O tempo, no entanto, conspirou à favor de sua mulher. Um dos clientes de Bono, um velho marchand, chegou no seu ateliê com um livro para restaurar e lhe deu uma notícia desprezível: “Você viu, Bono: Madame Chevalier, aquela rica marchand, proprietária de uma fortuna em obras de arte e livros raros, faleceu de AVC, após sofrer longos quatro meses em estado de coma. Curioso é que ela não tinha herdeiros e nem fez testamento. O rico espólio dela foi todo para o fisco e entidades filantrópicas. Mais curioso ainda: acharam uma verdadeira fortuna em libras escondidas dentro de livros e atrás das molduras dos quadros. Aliás, a mulher tinha uma coleção rara de livros de biologia do Século XIX. Darwin, vivo fosse, morreria de ciúmes. Que mulher estranha!”

Depois dessa notícia, Bono respirou mais aliviado. O problema mesmo era o que fazer com o dinheiro deixado dentro do livro “Pássaros da América”, que continuava guardado no cofre. Comentou o assunto da falecida com a sua mulher. “Você vai doar esse dinheirinho para o fisco, Bono querido”, ironizou Ivana, com o riso atravessado no rosto de uma ponta a outra.

Quatro meses depois, uma nova e pomposa livraria era inaugurada na Avenida das Nações, de nome “Ivana Bookstore”. Abaixo do letreiro, em neon, pequenas letras diziam: “Também fazemos restauração de livros raros. Acesso pelo subsolo”.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

VOL. IX

E-BOOK

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

Vol. IX

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui

ARQUITETURA DA VIDA

POR IDICAMPOS



No registro de nascimento, constava: filho de ninguém. Nascia poupado da raiz. O tabelião registrava, unicamente, o nome da mãe na certidão. A maternidade aflorava no ventre de uma preta linda, violentada sexualmente pelo coronel da fazenda de laranjas. Veio ao mundo desrespeitado pelo racismo, marcado por um destino imposto goela abaixo.

Na ocasião do conflito com o Paraguai, Bartolomeu comemorava dezoito anos, residia na Vila de Maxambomba. Morava de favor e trabalhava pra comer na fazenda do português que se negou a lhe dar o sobrenome.

Imperativo, inteligente, aprendeu a ler sozinho. Frequentava as rodas proibidas de capoeira no meio do matagal. Aplicava meia-lua, mas também tocava berimbau como ninguém. Desejava ser advogado para defender os pretos e os mestiços.

A coisa desandou quando conheceu a filha do vizinho do seu pai. Uma portuguesa arretada de bonita, que tumultuou o coração de Bartolomeu. Os adolescentes, ávidos por aventura, desfrutaram os prazeres do coito, investiram numa paixão avassaladora.

No andar da carruagem, o sogro descobriu o namoro da sua caçula com o filho bastardo do coronel Tenório. O amor clandestino colocou os dois senhores feudais frente a frente. Munidos dos seus interesses de classe, acertaram o assunto do garoto, apertaram as mãos e sobrou pro rebento negado sair de cena.

Na semana seguinte, o jovem Bartolomeu da Cruz recebeu uma carta da monarquia brasileira. A corda arrebetara do lado mais fraco: os fazendeiros da laranja haviam alistado o rapaz no exército do imperador. Rumo à guerra do Paraguai, alheio à sua vontade.

Apresentou-se na fronteira do Brasil com o Paraguai, fardado, pronto pra defender a pátria. O sargento de plantão fez a sabatina das qualidades do mestiço, conferiu as vagas na tropa e resolveu lotar Bartolomeu no pelotão dos capoeiristas.

Acolhido na linha de frente, cheio de energia, recebia dos capoeiristas empatia, assumia a função de guerreiro com maestria. Hábil no manuseio das armas brancas — bom de briga — aprendeu rápido a puxar os gatilhos dos fuzis.

Os lutadores de capoeira foram preponderantes na vitória brasileira na região do Prata. Os descendentes dos escravos acreditavam no progresso da pátria, lutavam impulsionados pelo sonho de uma sociedade com iguais direitos para todos os cidadãos.

Das amizades feitas no duelo, poucas vingaram. A maioria padeceu em solo estrangeiro, sem choro nem vela. Dos grandes afetos, restou a égua da sorte, a companheira de todas as batalhas. Um animal fora dos padrões: alto, robusto e com um tórax do tamanho de uma barraca de campanha.

Aos trancos e barrancos, o efetivo retornou à capital do império, na cidade do Rio de Janeiro. Depauperados, cansados de matar o próximo, com as mãos sujas de sangue, arriaram os cavalos na calçada. Dormiram na praça por ocasião da chegada à corte, mas acordaram bem cedo para a audiência com o monarca.

D. Pedro II prestigiou-os com vinho, pão e circo. Embebedou os heróis da pátria — então — comunicou a falência da coroa. Infelizmente, segundo o imperador, o Brasil afundava em dívidas contraídas na Tríplice Aliança. Encerrou o discurso, elegante, com a declaração: “Devo não nego; pago quando puder”.

A Inglaterra e o Banco do Brasil (privado no momento) financiaram a campanha da Guerra do Paraguai, cobravam com juros o montante do empréstimo, comprometiam as contas da coroa brasileira. A falência econômica da monarquia deixava a nobreza com os dias contados. O exército, apesar de logrado, mantinha o moral elevado junto à população.

Bartolomeu da Cruz, desligado da tropa, cavalgava na égua Esperança feito um Quixote — mais perdido que cego em tiroteio — sentia-se isolado no mundo, carente de pertencimento e órfão de mãe. Perdera a genitora numa gripe forte, durante a Guerra do Paraguai na fazenda do pai. Baratinado, com uma mochila nas costas, calçando um par de botas rasgadas, voltou arrasado para Maxambomba.

Dez anos romperam o calendário... A esperança encapotou na estrada. A égua desencarnou inaugurando o realismo literário no Brasil. Apaixonado, Bartolomeu tirou o couro da égua, limpou o esqueleto inteiro e colocou ao sol para secar. Chorou copiosamente, por meses a fio, o falecimento da parceira. Deprimiu-se bastante, penalizou a alma ao máximo, porém o que não tem remédio, remediado está.

O animal permaneceu vivo na memória de Bartolomeu. Afinal, a égua nunca fugira de nenhuma missão, por mais difícil que fosse. Galopava na velocidade de um pégaso, parecia voar nas lutas contra os paraguaios. A amiga jamais seria esquecida.

Fincou as quatro patas do bicho no solo, nivelou a estrutura óssea do quadrúpede, esticou o couro da Esperança no teto do aconchego. Customizou o espaço com as medalhas da Guerra do Paraguai. Vivia desligado da vanguarda europeia do final do século XIX, entretanto, por intuição, sintonizava a mente com os ideais de Antoni Gaudí, em Barcelona, na Espanha.

O mundo desconhecia os detalhes da vida de Bartolomeu naquela terra cansada de espremer suco de laranja. A falta de informação, na época, alienava a população do Brasil. Existia uma sociedade autocrática em que a escola pertencia à burguesia; o acesso à alfabetização funcional custava uma fortuna, a construção do conhecimento segregava os pobres.

Tendo tomado posse de um pedaço de chão alagado, em uma casa original construída com afetividade. Habitava integrado ao meio ambiente chafurdado no brejo. Destemido, superou as incongruências da lama e concretizou uma edificação moderna. Uma experiência de sustentabilidade, onde a criatividade harmonizava o indivíduo com a arquitetura do universo.

O diâmetro das costelas da velha égua, confortavelmente ligado ao comprimento do corpo, acoplava o suficiente para o dormitório de Bartolomeu. Ali, sobrevivia em paz. Ainda solucionava o descarte do organismo no fundo do quintal, na fossa posta para se livrar dos restos fisiológicos.

Organizava o sentido do minimalismo com apenas o suficiente para viver. Revelava o descontentamento com a sociedade de consumo. Almejava ao entrosamento do movimento humano de habitação com a ecologia.

Enquanto isso, a monarquia ruía, dando lugar à República Brasileira. Os oficiais consolidavam o primeiro golpe militar no país. Virava-se uma página da história, mas a presença dos militares no poder perpetuava a velha rotina de corrupção, e o povo entrava, novamente, pelo cano.

Bartolomeu, vazio, vagava pelas ruas estreitas da capital na velha república. Nem a fé impedia a marcha ré no peito do filho feio. Dobrou a esquina desatento, tropeçou no pé de moleque, desabou sobre a moça que vinha no sentido contrário. O choque transmutou num abraço ao perceber, na face da mulher, os traços da bela Cecília.

O encontro trouxe à tona a elucidação da separação forçada pelos coronéis da laranja. Em breve resenha, Bartolomeu desenrolou a sina de rejeitado. Cecília ouvia quieta; logo adiante, falou da passagem só de ida pra Paris... O pai matriculara-a na universidade francesa de direito, bem longe do romance proibido. Cecília, contrariando o patriarca, fez Belas Artes.

Convergiram nos pensamentos: Bartolomeu trabalhava construindo casas populares, profissão desenvolvida após a arquitetura pessoal produzida no brejo. Cecília conhecia a obra de Gaudí, teria visitado Barcelona e observado a composição da Igreja Sagrada Família. Um colossal templo católico sustentado por colunas que imitam a elegância natural das árvores.

Na retomada do namoro, movidos pelo desejo de reinventar o conceito de moradia, bastou-lhes a carcaça da égua. Assim como os carinhos sensuais, ocultos na satisfação dos desejos da carne, estabeleciam um casamento alternativo. Os amantes refletiam as ideias anarquistas vindas do continente europeu.

No contexto mágico do relacionamento, arrastaram para o terreno um barco naufragado, reconstruíram o casco invertido, revestiram o piso com pedras e finalizaram a decoração do barraco com móveis restaurados.

O casal, apoiado no enredo da história brasileira, consciente das novas tendências trazidas pelo recém-nascido século XX; interferiu nos movimentos culturais auxiliando na busca da identidade desta etnia rara e misturada. Os apaixonados contribuíram com a revolução dos costumes, engrossaram a vanguarda intelectual e ajudaram a preparar as condições para o surgimento do Modernismo.

Juntaram forças, acolheram os desabrigados, organizaram um mutirão em apoio aos sem-teto. Aplicaram a tecnologia da taipa: enquanto os homens socavam o barro nos galhos, solidificando as paredes; as mulheres decoravam, com sensibilidade plástica, as casas populares dos desafetos do colonialismo.

Os coronéis sucumbiram com a falência da monocultura da laranja: acabaram cedendo à industrialização inevitável da capital. Alguns mudaram de ramo econômico ou sobreviveram, somente, na memória pequeno-burguesa de seus descendentes.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

SEGREDO

POR IRACI J. MARIN



Você conhece alguma cidade pequena onde as pessoas não só se conhecem, mas conhecem também a história uns dos outros e a genealogia das famílias? Então se imagine estando numa cidade assim. Se imagine ouvindo o que as pessoas falam, imagine seus assuntos e como as notícias se disseminam. Não, não imagine, vem comigo. Vamos fazer um passeio por uma cidade assim.

Estamos caminhando na rua principal. Há lojas, sorveteria, farmácias, ali adiante tem um bar. Entramos. Sentamos a um canto e pedimos algo para beber, uma cerveja bem gelada, o calor da tarde é sufocante.

— Aqui a cerveja é sempre bem gelada, disse a atendente.

Sorrimos para ela, que sorri para nós, simpática e linda. Então acompanhamos a conversa de uma cliente com a dona do bar.

— ... é o que ela me contou. Vou te falar, mas é um segredo, deve ficar entre nós. Fulana, filha de..., está grávida; pior que é grávida solteira. Ela está em pecado, meu Deus! (Leva as mãos ao rosto.) Estou te contando isto porque te conheço e sei que tu vai guardar segredo.

— Claro. Eu vou ficar na minha.

— Os pais dela são gente tão boa, não mereciam isto!

— Verdade, não mereciam.

Depois, acompanhamos a cliente. Ela encontra uma conhecida, logo adiante. Paramos e fingimos apreciar a única vitrine de loja daquela cidade.

— Sabe o que fiquei sabendo agorinha mesmo?

— O que foi?

— A Fulana está grávida. Já pensou? Eu te conto, mas tem que guardar segredo, viu?

— Se é segredo, eu sou um túmulo!

— Não se sabe quem é o malvado que engravidou ela. Ouvi dizer que ela já se confessou, ainda bem. Mas, por favor, não diz que fui eu que te contei, sou amiga da família.

— Fica tranquila!

Caminhamos mais um pouco e chegamos à praça, em frente à igreja de pedra. Três pessoas conversam, mas suspendem a conversa quando nos aproximamos delas. Dobramos a rua e, no final da quadra, ouvimos pessoas falando alto. Nos encostamos na parede da casa de madeira.

— Ontem fiquei sabendo de um caso.

— O que que aconteceu?

— Vou contar, mas é segredo.

— Tá, mas o que que aconteceu?

— Você vai guardar segredo? Não vai espalhar por aí?

— Se é segredo...

— Sabe que Fulana está grávida?

— É mesmo? Mas ela deve ter só dezessete anos.

— Pois é.

— Que barbaridade!

— Os pais dela estão inconformados.

— Mas acho que podiam se sentir felizes... vão ser avós...

— Num caso assim, não sei se é bom.

Silenciam. Depois:

— Mas isto que te contei é segredo. Se-gre-do! Não vai sair falando por aí.

— Claro que não. Segredo é segredo. Todo segredo é sagrado.

Terminamos o nosso passeio pela cidadezinha, convencidos de que também nós guardaremos o segredo.

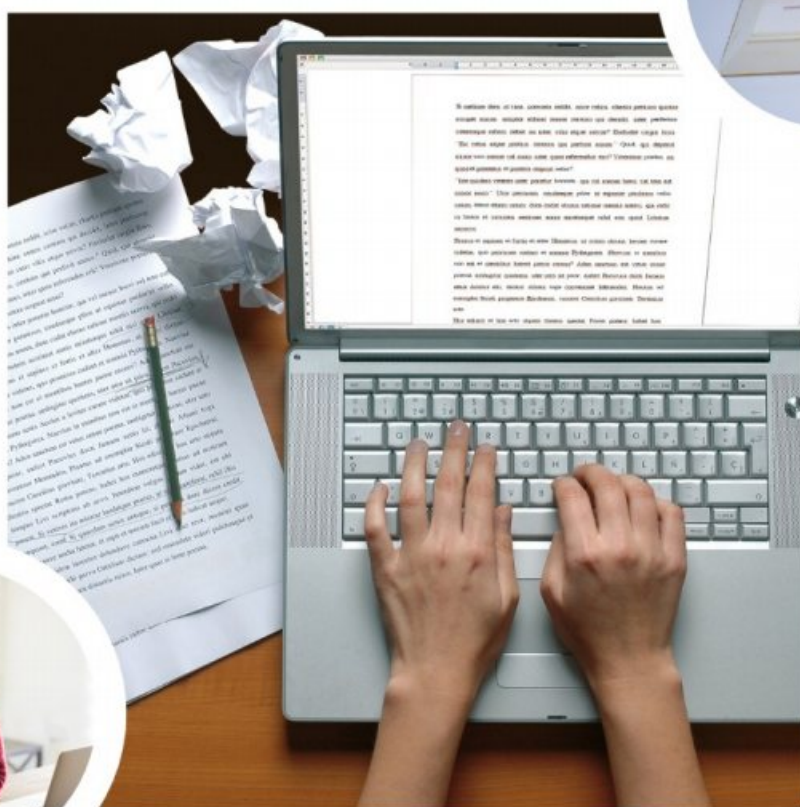


IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura

.....

- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

AGORA

POR LUCIANA SIMON
DE PAULA LEITE



Agora eu só quero paz. E um sorriso ameno e convicto no rosto. Chega de dor. Chega de perder tempo com quem não merece...

Lia olhava para a tela de seu computador, onde digitava e salvava suas impressões, sob conselho de seu terapeuta Flávio. Estava fazendo terapia há cerca de três meses, desde que se divorciou ao descobrir a vida dupla do marido, o qual mantinha casos extraconjugais concomitantemente ao casamento.

E ali estava ela: aventurou-se em um projeto de prospecção de águas subterrâneas de uma grande empresa, contratada que fora como pessoa jurídica, já que se tratava de hidrogeóloga experiente. Encontrava-se na Serra da Canastra para estudar a nascente do Rio São Francisco, o maior rio brasileiro com aproximadamente 2.800 km de extensão. Ele surge em Minas Gerais e atravessa Bahia, Pernambuco, Alagoas, além de Sergipe, desaguando no oceano atlântico. Mesmo se sentindo despedaçada por dentro, não recusou a proposta de trabalho e se dedicou ao projeto, com afinco. Era uma questão de sobrevivência à dor.

Thiago Alcântara, um habilidoso e charmoso engenheiro, mostrava-se como homem probo, bom pai, trabalhador e religioso. Porém, tratava-se em verdade de pessoa legitimamente promíscua, dentre o hábito do etilismo às diversas amantes, até mesmo no ambiente de trabalho, apoiado por pessoas sem quaisquer escrúpulos de seu círculo social, com as quais Lia confraternizava e até mesmo recebia em sua casa. Certamente, o esposo deveria pintá-la como a grande vilã de sua vida já que a culpa por sua insatisfação perene estava sempre nos outros. Jamais em si mesmo.

Mas como poderia ela não compreender que se casara com uma enorme mentira e que sim, abandonou-se ao assim proceder, por um sonho, um ideal introjetado? Ele jamais fora o ser amoroso que queria fazer crer, pois não são palavras esparsas que importam, mas sim as atitudes concretas.

Fazia sessões de terapia on-line com um psicanalista, sentindo-se no preâmbulo da compreensão dos mecanismos de atuação do ex-cônjuge, sua frieza emocional, o narcisismo patente, sempre demonstrado a vaidade excessiva, nas roupas de marca, na compra de carros importados, nos hábitos de lazer dispendiosos.

De acordo com suas lembranças, que eram entremeadas por frases correspondentes à violência psicológica que inúmeras vezes sofreu, começou a desvendar as razões de comportamento oscilante do então companheiro, incompreensível para si mesma quando sob sua companhia caótica. Como ele pode deixar-lhe inúmeros bilhetinhos pela casa, sempre lhe advertindo para que não se esquecesse de que era muito amada, quando a desrespeitava profundamente?

— Doutor ele é doente? Um psicopata frio e calculista? Será que é isso? — lembrava-se de haver indagado ao terapeuta, na véspera, pois realizou a sessão virtual às 20:00 horas em seu tranquilo quarto na pousada com vista para a montanha.

O profissional redarguiu, de modo objetivo:

— Lia, não posso fazer um diagnóstico sobre eventuais transtornos de personalidade dele assim. Mas pelo o que você me relata, seu ex-marido nunca se sentiu desejado ou amado na infância. Pais disfuncionais, principalmente a mãe. A raiz do narcisismo, que induz à manipulação emocional dos outros, está no desamor, não no inverso. O narcisista tem uma quebra na formação de sua autoestima. E o comportamento que desenvolve é derivado disso. Não se vincula emocionalmente e mente compulsivamente para alcançar o que deseja. Mas o que importa aqui é você. Podemos conversar sobre as razões de você haver entrado ou permanecido nesse relacionamento. Mas o que realmente lhe importa agora?

Lia ficou em silêncio por alguns momentos. Segurando o choro, a voz embargada.

Atreveu-se a falar, sem olhar para a tela, onde o rosto do psicanalista surgia ao centro.

— Quero paz no meu coração... quero amar e ser amada. Porque eu sei que tenho essa capacidade. Porque jamais fui uma ilusão.

— Sim, Lia, você é real. Fico feliz em escutar a propósito de sua aptidão para amar. Isso é saúde emocional, não o contrário! A vida nos exige resiliência. Passado, não importa mais, além das lições, do aprendizado que resta para que você não se permita ingressar em contextos semelhantes!

Ao se lembrar da sessão, ainda sentindo dor pela amargura que as difíceis memórias lhe trouxeram, afirmou em voz alta para si mesma, defronte ao espelho inserido no meio da parede, em estilo colonial, de corpo inteiro:

— Sim, eu mereço viver. Agora. Sem tristeza ou covardia. Fazendo-me companhia e experimentando cada instante precioso que me é concedido por Deus.

Alisou o cabelo. Vestia uma calça jeans e uma camiseta amarela. Pegou a jaqueta da mesma cor da calça e colocou o par de calçados para caminhada, já um pouco sujos de terra.

Desceu as escadas e se dirigiu à sala de café da manhã. Mesas com toalhas de tecido xadrez, em branco e vermelho, estavam adornadas com pequenos vasos de flores, brancas e vermelhas. As cortinas das janelas de madeira cor de mel eram finalizadas com rendas. Tudo em volta cheirava a café, calor, madeira e verde.

Sentou-se. Sorriu sem timidez para o gerente da pousada, que lhe deu um bom dia. Serviu-se de café, que fumegava. E ali, em silêncio, um pensamento fugidio atravessou sua mente:

— Ele não foi o pior homem da minha vida, mas certamente o mais doente. E eu sou responsável por negar a realidade, escolhendo minhas projeções. Minha responsabilidade, portanto. Aceito e deixo passar...

Estava aliviada. Era um novo dia. Um outro lugar e ela consigo, trilhando novos rumos, livre de agressões, advertências, mentiras e desafeto.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

A stylized illustration of a man with dark hair and a beard, wearing sunglasses and a light-colored button-down shirt with rolled-up sleeves. He is standing in a modern cafe or restaurant with large windows, looking out. The interior has warm lighting from pendant lamps and other patrons are visible in the background. The man's right hand is in his pocket, and he is wearing a watch on his left wrist.

COMER COM OS OLHOS

POR MARCOS CARNEIRO

Ele entrou no restaurante. Tinha fila de espera, mas uma moça o conduziu para uma mesa a poucos metros da minha, que eu dividia com amigos.

Cabelo molhado, camisa e calça de linho em tons parecidos. Ele se sentou. Pediu água com gás. Aquela era a minha chance de criar mais uma das minhas "narrativas sobre estranhos sozinhos em restaurantes".

Logo o garçom trouxe uma taça do que me parecia um Chardonnay. Nada de entrada. Foi direto pro prato principal que chegou em pouco mais de 10 minutos. Era um peixe com algum tipo de molho e legumes salteados. Ele fazia movimentos ao comer com uma calma como se não soubesse a minha angústia em dar sentido àquele homem.

Ele carregava um celular que não tocou, e que tampouco foi tocado. Nada de ligações, mensagens, foto do prato, redes sociais.

Eu me instigava porque ele já estava no prato principal, e nada me vinha à cabeça para dar aquele estranho um personagem.

Tudo que me passava pela cabeça era folhetim barato - seria um gigolô cuja amante não conseguiu inventar uma desculpa pro marido?

Ele não pediu sobremesa (dieta?). Veio um café expresso, tão simples, curto e rápido quanto as poucas palavras que ele trocou com o garçom que o atendeu, e de quem me vi com inveja.

Ele pagou em dinheiro (contraventor?). Não esperou troco. O cabelo castanho já seco caindo sobre a testa. Ele se levantou com a mesma calma que sentou e simplesmente foi embora.

No rosto ele usava óculos dos quais não se desfez hora alguma. Eu achei que todos os elementos que eu observei e descrevi na minha cabeça eram suficientes.

Eu descrevi um homem por mais de uma hora em cada movimento que ele fez.

Meus olhos não viram os olhos dele.

E eu não vi o homem.

E eu nem sei se almocei.

Marcos Carneiro é maranhense, jornalista e canhoto. O resto é elogio ou mentira.

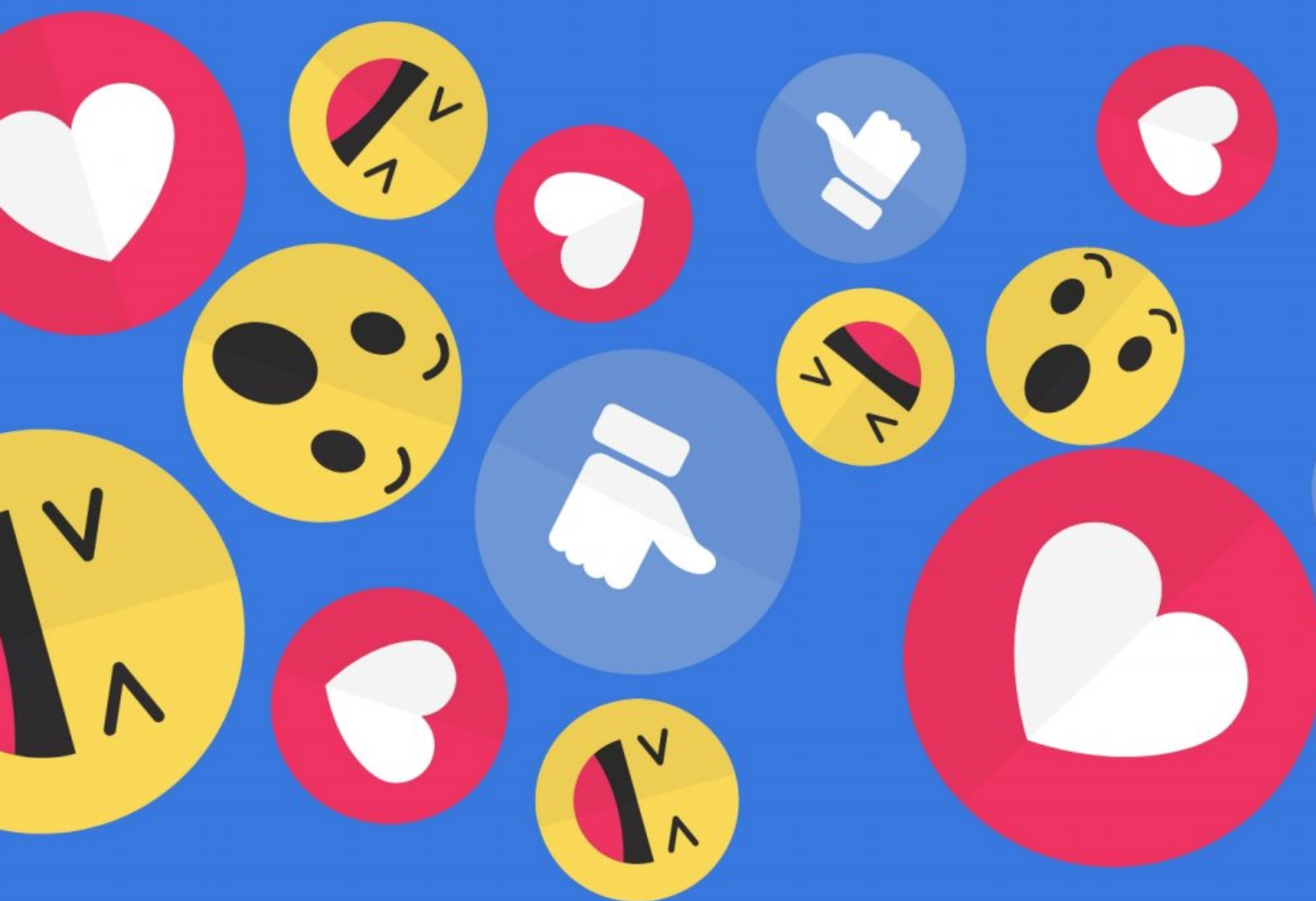
Siga-nos

no

INSTAGRAM



@REVISTACONEXAOLITERATURA





A TORRE NEGRA

POR NEY ALENCAR

“Chifre com chifre, e
Unha com unha,
Sejam ligados como um só,
No nome daquele que é Medo!”

13 Canto Trolldómr

A velha construção de tijolos de obsidiana marchetados de cobre e níquel erguia-se solitária sobre uma colina nua logo ao lado de uma ribanceira cercada de moitas de espinheiro sempre cheias de flores brancas como a neve.

Chamavam-na, naquela língua que os homens já não usam mais e que há muito foi esquecida, de Torre Negra, porém aqueles que a conheciam e que ainda habitavam as terras ao derredor, os gnomos e outras coisas que costumavam habitar a Velha Terra, imersos nas raízes profundas dos carvalhos, freixos e espinheiros brancos que formavam uma mataria eivada de mistérios, muito além daquelas terras que já não conhecemos mais, a chamavam de Forte Preto!

Não era um castelo, nem mesmo uma torre, era alguma coisa no entremeio.

Suas faces eram lisas e imersas naquele negror que somente a obsidiana colhida das profundezas mais obscuras da terra possui, cortada em tijolos de um pé por um pé e ligadas por uma argamassa oriunda dos velhos anões que outrora costumavam habitam as cavernas do país dos Ases do outro lado do Velho Céu.

Diziam as histórias de uma mitologia hoje perdida para os homens, e contada apenas pelas madressilvas aos cardos no começo do verão, e pelas abelhas aos seus rebentos no fim do inverno, que dentro de suas paredes que jamais viram a luz do sol era praticada a mais terrível e abominável das feitiçarias era engendrada e praticada por uma criatura horrenda, uma terrível bruxa troll que, diz-se, aprendeu esta arte telúrica com a bruxa Gullveig dentro das escuras e frias cavernas de Jotumheim, ou talvez fosse com Angrboda, a abominável mão de monstros, ou mesmo com a rainha bruxa da Floresta de Ferro, não se sabe com certeza.

Uma arte pior ainda que a hedionda Seidr ou mesmo que a poderosa magia Rúnica, conhecida apenas dos bardos e skalds iniciados no culto daquela divindade de um olho só que aqui não nomearemos, por amor apenas à salvação de nossa alma!

Diz-se que esta bruxa troll ali vivia desde que o mundo fora retirado de dentro do crânio do primeiro gigante de gelo e antes mesmo que o primeiro raio de sol brilhasse sobre a terra recém erguida do rio de sangue que era as águas do abismo.

Se possuía um nome este deveria ter sido esquecido há muito tempo, pois não havia ninguém que o pronunciasse em nenhum dos lugares entre as coisas que são e as coisas que não são.

Pronunciar seu nome era invoca-la, e ninguém ousava fazê-lo!

Diziam as histórias míticas contadas entre os corvos e as corujas em noites sem lua que, ao passarem voando sobre a velha torre, ou forte, viram a bruxa curvada dentro de um círculo pinado de sangue mexendo com as mãos esqueléticas e os dedos longos e cadavéricos em um punhado de ossos brancos e velhos de heróis mortos, gravados com runas poderosas de transformação e maldição.

Diziam que havia ao seu redor sete velas pretas feitas da gordura de coisas que haviam sido filhos de homens, raptados de seus berços na tenra idade e que no fogo

destas velas ela queimava cabelos, sangue, carne e ossos e que das chamas evolava uma nuvem de escuridão que tudo cobria.

Numa das mãos trazia um berloque hediondo de maligno poder, a mão morta de um enforcado, marcada com signos ruins e que na outra, de onde deixava cair as runas em uma adivinhação mortal, segurava também uma pena de corvo e outra de coruja.

Seus lábios exangues e secos murmuravam preces, ou talvez, invocações, aqui não se tem certeza, pois de todos os corvos ou corujas que por ventura passaram voando por cima da torre, ou do forte, e olharam curiosos por uma fresta de uma das janelas mais altas, entreaberta, apenas um escapou do bote mortal das garras negras da bruxa troll que a tudo observava e apenas ele conseguiu relatar a história que lhes conto agora.

Era uma história de terror, sem dúvida, pois corvos são propensos a este tipo e não gostam muito de outras histórias, a não ser aquelas que falam de si mesmos e suas aventuras esdrúxulas, o que não aconteceu aqui.

Esta falava de um cavaleiro jovem e audaz que certa vez ousou entrar pelos portões de obsidiana da torre negra em busca da magia maldita da bruxa troll.

Diz-se, de acordo com aquelas velhas mexeriqueiras que costumavam se reunir nos bancos da praça do mercado em dias de feira, naquela cidade fabulosa cujo nome nunca é mencionado em nenhum lugar, que tudo o que fez foi por amor à uma donzela, que não lhe tinha amor verdadeiro!

Também se diz, ainda de acordo com aquelas velhas mexeriqueiras que costumavam se reunir nos bancos da praça do mercado em outros dias que não os de feira, que fez o que fez por ciúme e por inveja, porque a donzela amava outro cavaleiro mais garboso, porém disso não temos certeza pois aquelas velhas senhoras por vezes contam histórias nas quais não se pode acreditar.

Fato é que o tal cavaleiro, cujo nome nos é desconhecido, posto que o corvo que o viu não lhe perguntou sobre ele, nem o mesmo foi mencionado em qualquer outro lugar desta história, subiu a colina nua em uma noite de lua nova, montado em seu cavalo e apeou em frente aos portões, pois cavalos não eram bem-vindos dentro daquele lugar de feitiçaria, principalmente por causa das ferraduras que traziam nas patas.

Não precisou bater no portão, pois o mesmo estava entreaberto, como se já fosse esperado, e talvez o fosse mesmo, porém não temos certeza.

Entrou dentro da escuridão fria que permeava o átrio interno e atravessando-o chegou até um salão escuro e gelado que não possuía janelas.

No centro dele havia uma escadaria que espiralava pelo interior da torre, ou do forte, o que muda conforme a história e quem a conta, que dava em um alçapão de madeira preta.

O cavaleiro reuniu toda sua coragem e galgou os degraus devagar, pois a todo momento lhe parecia que a escadaria iria ruir com o peso de seus passos e o peso de sua armadura.

Tal não se sucedeu!

Alcançou por fim o topo da escadaria e verificou que o alçapão estava aberto.

Meteu a cabeça loira pela abertura de onde vinham laivos de luz esverdeada e o sinistro eco de uma melodia selvagem entoada em uma voz cacarejante e cava, grossa como o repicar do martelo dos anões em pedras ocas.

Por um momento arrependeu-se de ter chegado até ali, pois temeu por sua alma imortal, mas então lembrou-se dos olhos azuis como safiras da bela donzela e de suas formas esguias e luxuriantes e de seu andar cadenciado e com o coração tomado pelo desejo galgou a abertura e entrou na câmara onde estava a bruxa troll.

E parou!

A criatura que o esperava, exatamente como a descrevemos anteriormente, era, porém, muito maior do que o cavaleiro jamais imaginou, afinal era uma troll e estes seres brutalizados são por vezes aparentados com os próprios gigantes.

Ela o olhou com olhos negros como azeviche que se acenderam com fogos malditos e esverdeados que o fizeram congelar no lugar, sem que conseguisse mover um músculo sequer ou mesmo que conseguisse retroceder para fugir dali.

Estava preso pelo olhar mesmerizante da bruxa!

Já não poderia fugir!

Ela gargalhou um som cacarejante e assustador que fez um arrepio gelado escorrer pela coluna do cavaleiro e sussurrou seu nome, que o coro não escutou.

Levantou-se, pois estivera sentada no chão gelado e sujo, sua cabeçorra quase tocou o teto da torre negra, ou do forte preto se quiserem saber, e veio até bem perto do cavaleiro, aproximando seu nariz torto até quase tocar o perfeito nariz deste.

O cavaleiro quase desmaiou, pois o hálito da megera era nauseabundo e seu estômago contraiu-se fazendo subir um engulho forte por seu esôfago, por muito pouco ele conseguiu conter-se, com medo da morte!

Ela sussurrou em seu ouvido o pagamento pelo que ele iria lhe pedir, pois sendo ela uma bruxa já sabia o que precisava sobre tudo o que ele queria, e riu-se diante do esgar de nojo e pavor que delineou-se na face lívida do cavaleiro.

Ele, porém, estava decidido a ganhar a donzela por qualquer meio que fosse necessário e balançou a cabeça concordando com o preço!

A bruxa selou o pacto com um beijo luxurioso e lascivo que quase fez o cavaleiro desmaiar de repugnância e asco.

Do lado de fora o corvo ouviu os sons selvagens e erráticos vindos da consumação daquele pacto hediondo e voou assustado quando o grito esganiçado da voz do cavaleiro ribombou para fora da torre e terminou em um soluço de agonia e angústia!

A sombra do cavaleiro deixou a torre oculta pelas sombras da lua nova logo antes do arrebol banhar de calor a colina nua.

O cavalo ainda o esperava diante do portão entreaberto, porém o cavaleiro não o montou, mas seguiu ao seu lado o resto do caminho.

Afinal voltou para aquela cidade na beira daquela fantástica charneca, cujo nome não revelarei aqui e ali encontrou-se afinal com a donzela que tanto desejava.

Confidenciou-lhe o seu amor de uma forma tão eloquente e tão sincera que a donzela veio a apaixonar-se por ele afinal, e acabaram por casar-se em um dia em que choveu muito e várias terras ao redor ficaram alagadas e que o sol saiu dentre as nuvens plúmbeas ainda peçadas de chuva e esquentou a grama da igreja justa na hora em que desciam a escadaria em direção à carruagem.

O cavaleiro, porém, não foi feliz, pois um ano depois faleceu de amor abandonado pela donzela que fugira com outro, e esta é uma história que não tem um final feliz!

Dizem as velhas mexeriqueiras da praça do mercado que a bruxa troll teve um filho, quase na mesma época, e que ele era um menino garboso de cabelos loiros que puxara aos olhos do pai e tornou-se um herói cruel, mas esta é outra história!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**“Um livro é um sonho que você
segura com as mãos.”**

- Neil Gaiman



O OCASO DE MINHAS ESTAÇÕES

POR ROBERTO SCHIMA



Aqui na praça, à sombra de uma árvore, sou apenas um velho a observar o Sol se pôr para além do horizonte.

Sou a personificação do Outono, um Outono ressequido, enrijecido, lenta e inexoravelmente despido de minhas folhas ante o açoite do tempo.

Nuvens cinzentas passam sobre minha cabeça, se não anunciam tempestade; ao menos, uma chuva fina e persistente. Suspiro. São nuvens que somente eu vejo através de minha vista fraca; nuvens de uma estação que somente eu, aqui nesta praça, sinto dentro do peito, pois, em verdade, estamos no auge do verão e o céu é de um azul de brigadeiro.

Sou Outono.

Jovens passam por mim, indiferentes, como se eu não existisse, ou sorriem entre a misericórdia e o pouco caso. Eles são o frescor do Verão no compasso da brisa que agita seus cabelos e da folhagem tenra, lisa, verde e macia que constituem suas peles em diferentes matizes e na mesma graça e jovialidade. Vejo a exuberância da vida a cintilar em seus olhos e a beleza ansiosa e atrevida da sua plenitude em seus corpos.

São Verão.

De todo o desenrolar do ano, é o ápice das estações. Tudo são cores, risos e energia. O mundo inteiro parece desfilar diante de seus olhos em pinceladas de arco-íris.

São Verão.

Que maravilha!

De meu banco duro na praça observo-os correrem, pularem, sorrirem e tagarelarem. Grito com todos os meus botões em pensamento: "Eu já fui como vocês!" Vim ao mundo em trajes de Primavera, esfolei os joelhos nas brincadeiras de rua, joguei bolinha de gude, brinquei de esconde-esconde, assisti desenhos animados, colecionei figurinhas, li um monte de gibis e fartei-me de doces de venda.

Fui Primavera.

A seguir, vi surgirem pelos debaixo dos braços e por entre as pernas. A inibição e o pudor substituíram a indiferença da criança que não relutava em fazer xixi aos pés de uma árvore.

Tornara-me Verão.

Sim, Verão, como vocês!

E, tal e qual, respirei juventude, hormônios, ansiedades e inseguranças de um mundo para o qual seria atirado feito Daniel à cova dos leões. Não sei se pela fé ou pelos azares e sortes da vida, vi, vivi, sobrevivi e segui em frente. Um Verão a seguir adiante. Isso dá a pensar em um movimento voluntário, como se tivesse controle sobre o solstício e o equinócio. Nada disso. Era o fluxo do Rio das Estações ao qual todas as estações estão sujeitas. Assim, o Verão dentro de mim se foi. O vigoroso sol do meio-dia cedeu lugar ao mormaço do entardecer. E cá estou.

Os jovens na praça são surdos aos meus gritos. Eu compreendo. Ao meu tempo, fui surdo também.

Tive meus amigos, conversamos, rimos, pulamos, sonhamos. E tudo passou tão rapidamente quanto esses jovens são incapazes de me enxergar com suas idades, sonhos e delícias de Verão.

Meu corpo cedeu à intempérie do Outono.

Tornei-me Outono.

O vento frio faz erguer a poeira. O orvalho traz arrepios. A memória não é mais a mesma, os pensamentos fluem de forma mais lenta e vacilante. Entretanto, ainda sou eu, ainda trago dentro de mim a Primavera e o Verão. É verdade! Eles estão aqui, dentro da decrepitude deste corpo, a observar através de olhos falhos o mundo a prosseguir, a girar, a viver, sempre em frente nas águas cristalinas, ignorando aquilo que ficou para trás. Os rostos, os acontecimentos, as cores e os odores do passado foram-se para sempre no horizonte avermelhado do entardecer. Todavia, suas imagens e sons persistem em meu coração. Enriquecem-me.

Ah, Verão, se vocês soubessem!

Fito o céu azul sobre minha copa cinzenta.

Uma brisa suave acaricia meu rosto trincado de rugas.

Inspiro o gentil odor do gramado e dos arbustos mais próximos.

Oh, o fluxo das Estações!

A melancolia do Outono, às vezes, faz-me ansiar pela paz do Inverno.

As Estações se vão, porém, para além do véu do tempo, as recordações aguardam límpidas por nós que vivemos na esteira do ocaso.

Pelo que um dia fomos.

Pelo que, para sempre, seremos.

BIOGRAFIA

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e

duas antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





AMAPOLA

POR IVANA T. SOUZA

O dia amanhecia. Era 24 de maio, dia de Santa Sara, padroeira dos ciganos.

Amapola levantou-se, abriu as cortinas e a janela. Lá fora, uma garoa anunciava um dia chuvoso. Acordou indisposta: a cabeça doía, não dormira bem. Permaneceu parada por algum tempo em frente à janela, observando as lindas casas daquela rua, a sua rua, chamada Rua dos Ciganos. Todos os seus vizinhos eram ciganos ricos, ligados ao mercado imobiliário ou investidores em bolsas de valores.

Recordou os últimos acontecimentos: era filha única, estava grávida de Rodolfo e noiva de Amaro, seu primo cigano, ao qual fora prometida desde pequena. Conhecera Rodolfo quando fora com seu pai a uma imobiliária naquele quarteirão. Rodolfo era um empresário bem-sucedido, tinha vinte e oito anos e era solteiro. Quando se olharam, apaixonaram-se: foi amor à primeira vista.

Mantinhm o romance em segredo. Rodolfo visitava-a nos fins de semana em sua residência — nunca fora descoberto, pois entrava pelos fundos, por uma porta que dava acesso direto à rua, e se retirava antes do amanhecer. Situação complicada e temerária. Diante disso, decidiram viajar para a Romênia, onde Rodolfo trabalharia numa filial da empresa situada naquele país, e ela abandonaria a vida de cigana. Não poderiam se casar, pois sua condição a impedia de unir-se a alguém que não fosse igualmente cigano.

Amapola olhou para o relógio na parede e continuou pensando:

— Hoje o dia será longo... terei de organizar tudo para a viagem, ou melhor, para a fuga.

Parou em frente ao grande espelho de moldura dourada e observou-se:

— Logo a gravidez será evidente. Urge partir.

Levou as mãos ao ventre, acariciando-o. Era uma bela cigana de cabelos longos, lisos, pretos e acetinados; alta, esbelta, levemente morena; olhos azuis, traços de herança materna. Também não era uma cigana comum: estudara, lia e escrevia. Sempre tivera acesso ao conhecimento sobre outras culturas graças aos recursos financeiros dos pais. Aos vinte e dois anos já conhecia toda a tradição e mistérios de seu povo. Nunca fora nômade, nem vivera em acampamentos.

Neste instante, seus devaneios foram interrompidos:

— Amapola, venha, o chá está servido.

— Sim, estou indo.

— Você está bem? Parece tão pálida!

— Não dormi bem, mãe. Acordei indisposta, mas à tarde dormirei um pouco.

— Amapola, durma e descanse bem. Você sabe que hoje à noite Amaro virá nos buscar. É dia de Santa Sara, e a celebração será no grande salão de festas da residência

dele. Neste ano não teremos a tradicional fogueira, pois estamos em área urbana. Mesmo assim, Santa Sara nos abençoará. Vista-se lindamente para o seu noivo. Você encantará a todos com a sua dança.

— Farei isso.

— Amaro é um homem bom, mas muito exigente. Tem lá os seus caprichos, não o decepcione. Deves dançar três vezes.

— Dançarei a dança do véu, a do leque e a do punhal. Agora vou para o meu quarto preparar tudo para hoje à noite. Passarei o dia lá.

— Faça isso e descanse.

Amapola foi para o quarto. Rodolfo viria vê-la às 14h para tratarem dos últimos detalhes da viagem, pois partiriam no dia seguinte. Pegou sua caixa de joias e retirou algumas peças para usar à noite. Escolheu um lindo vestido de sete cores, um leque e um véu. Foi até a cômoda, abriu uma das gavetas e retirou uma caixa vermelha. Colocou-a sobre a cama e, com uma chave minúscula, abriu-a. Pegou o punhal, retirou-o da bainha bordada com fios dourados e analisou a adaga.

Era uma peça rara: uma bela adaga de 12 cm, modelo medieval, com lâmina de aço — herança dos seus antepassados.

Depositou o punhal na caixa, pensando em sua angustiante situação, e uma ideia sinistra tomou conta dos pensamentos: aquele punhal seria a solução para todos os seus tormentos. Naquele exato momento poderia suicidar-se ou, quem sabe, logo mais, na casa de Amaro. Bastaria um só golpe no coração durante a sua última dança e cairia morta na presença de todos, levando para o túmulo o seu segredo e os seus medos. Tudo estaria consumado.

Amapola alimentou por alguns instantes aquela ideia sombria, mas lembrou-se de Rodolfo, do quanto se amavam e de que seria covardia não enfrentar os obstáculos que a situação impunha. Afastou tais pensamentos e chorou, sentindo-se culpada por ter imaginado algo tão terrível. Depois sentou-se na cama e ponderou:

— À noite, usarei este punhal apenas como elemento cênico. Jamais cometeria um ato tão insano, mesmo estando nas raias do desespero e do medo. Nunca cometeria suicídio. Amo Rodolfo, por ele correrei perigo.

Essas reflexões deixaram-na mais aliviada. Foi para a cama e caiu num sono profundo.

Despertou meio assustada, ainda retendo na memória o sonho: vira-se num acampamento cigano em outras terras. Olhou para o relógio e pensou:

— Dormi um pouco, finalmente. Vou comer algo... Rodolfo deve estar chegando.

De fato, logo ele chegou. Conseguira entrar como de costume, sem ser visto, mesmo sendo dia. Os bons ventos sopravam a favor de ambos. Rodolfo passou a chave na porta, tomou-a nos braços e a beijou apaixonadamente:

— Eu a amo! Como você está?

— Tensa, mas dormi um pouco, me sinto melhor. Você trouxe o que lhe pedi?

— Sim, aqui está.

— Obrigada. Rodolfo, nunca voei... não suporto alturas. Só a ideia de voar já me deixa em pânico.

— Sei que não é fácil para você, querida, mas tente se acalmar. Tudo dará certo. Nosso voo será amanhã, às 7h30. Esperarei por você no carro às 6h, em frente à cafeteria da esquina. Não se atrase, não dispomos de muito tempo.

— Rodolfo, hoje terei de dançar. É dia de Santa Sara; Amaro virá me buscar às 19h.

— Amaro suspeita de alguma coisa?

— Não. Você sabe que mal nos vemos; a tradição não permite que os noivos se encontrem algumas semanas antes do casamento. Hoje será uma exceção, mas me despedirei dele.

— Como?

— Através da dança. Os olhos também falam. Assim me sentirei melhor.

— Tome cuidado, nossa viagem não pode levantar suspeitas.

— Não se preocupe. Temos a proteção de Santa Sara. Não me casarei com Amaro. Não o amo. Além disso, não poderemos ficar aqui, porque você jamais será aceito numa comunidade cigana. Eu seria renegada, expulsa e considerada impura. Seria devolvida para os meus pais, e minha família ainda teria de indenizar a família de Amaro. A tradição é muito severa e há um ritual esdrúxulo, que eu mesma, embora cigana, jamais aprovei: expor publicamente, por uma semana, o lençol com a marca da virgindade, em nome e em defesa da honra caprichosa da família. Esta casta não tolera traição. Vivemos num mundo marcado pela distinção de castas, seitas e preconceitos de cor. Amo meu povo, não posso negar minha origem. Porém, acima de tudo, amo você...

— Querida, eu entendo a sua renúncia e a amo ainda mais por isso.

— Agora vá. Preciso me preparar para a noite. Leve esta caixa com você, são as minhas joias. Estarei às 6h em frente à cafeteria.

Às 19h, impreterivelmente, Amaro veio buscá-la.

— Amapola, você está encantadora!

A residência de Amaro estava toda decorada, e o clima era de festa. O perfume das flores, das ervas aromáticas e das frutas misturava-se ao aroma das comidas típicas, embalsamando todo o ambiente. Ao som de músicas alegres, de influência espanhola, grupo de ciganas dançava.

Amapola mantinha-se meio afastada e comia pouco, aguardando o momento em que deveria apresentar-se para dançar. Estava tensa: seu único foco era a viagem. Após os ritos da celebração, dirigiu-se para o centro do grande círculo e deu início à primeira dança. Logo depois, apresentou a segunda. Não se sentia bem, e ainda faltava a terceira. Saiu do círculo, tomou uma bebida e retornou.

— Amapola, quero dançar com você — disse Amaro.

— Agora não, Amaro.

Dançando com graça e leveza, Amapola fixou nele um olhar distante, um olhar de adeus. Amaro, porém, não decifrou a mensagem. Se tivesse entendido o que aquele olhar revelava, teria percebido que entre ambos se erguia uma muralha intransponível.

Amapola fez movimentos de limpeza e defesa com o punhal, girou o corpo cinco vezes para a direita e cinco para a esquerda, deu três passos para trás, três para a frente, abriu os braços, levantou-os sobre a cabeça e os uniu com o punhal. Súbita, uma vertigem tomou conta de seu corpo. Sentiu a cabeça girar e caiu desmaiada.

Amaro, vendo-a caída, correu em sua direção e gritou:

— Amapola, vida minha, não morra! Acorda! Acorda!

Fizeram-na inalar um líquido de ervas aromáticas e, aos poucos, ela recuperou os sentidos. Logo depois, Amaro a levou para casa, deitou-a confortavelmente no leito e recomendou cuidados e repouso. Em seguida, retornou para sua residência, pois era o anfitrião.

Quando Amapola despertou, já passava das quatro e meia da manhã. Lembrou que dançara, que desmaiara e que Amaro a trouxera para casa. A hora da viagem estava próxima. Uma dor calou fundo em sua alma angustiada: deveria deixar a família sem despedidas. Entretanto, não tinha opção. Talvez a dor de seu desaparecimento fosse menos cruel para a família do que a de tê-la de expulsar do clã.

Levantou-se e tomou um banho para aliviar a tensão. Vestiu a calça jeans e a camisa que pedira a Rodolfo. Sentiu-se estranha naquela roupa tão incomum para ela. Olhou-se no espelho e pensou:

— Estes cabelos longos poderão me trair. Não posso correr o risco. Vou cortá-los bem curtos, e o boné dará o toque final.

Pegou uma tesoura, cortou-os rente ao pescoço, sem dó. Sabia que, naquele momento, não havia tempo para as vaidades que marcam e embelezam a alma feminina.

O êxito da viagem, sua paz e sua felicidade estavam acima de qualquer desejo menos relevante.

Embalou os cabelos num lenço de seda, pegou o vestido e os objetos cênicos de sua última dança e decidiu levá-los consigo para a Romênia. Foi à janela: a rua estava deserta. Fez então uma oração a Santa Sara:

*“Santa Sara Kali,
minha protetora, mãe de todos os ciganos!
Invoco a sua proteção, para que afastes
de mim e de Rodolfo todos os perigos
que porventura possam nos atingir nesta viagem, neste dia.”*

Passou um último olhar pelo quarto e foi ao encontro de Rodolfo. Aproximou-se do carro e ele só a reconheceu quando ela tirou o boné. Seguiram para o aeroporto.

Amapola, visivelmente trêmula, falou:

— Rodolfo, sinto medo. Meu coração está acelerado. Não sei se conseguirei.

— Procure se acalmar. Tome isto: você dormirá durante o voo, e eu estarei segurando a sua mão o tempo todo.

E assim foi.

Após longo voo, desembarcaram na Romênia e seguiram para a futura casa, previamente organizada pelos contatos de Rodolfo naquele país.

No dia seguinte, ao se levantar, Amapola foi até a janela do quarto e falou:

— Rodolfo, veja, há um acampamento de ciganos próximo daqui.

— Na Romênia há muitos ciganos, não se preocupe. Temos uma vida nova aqui. Você não pertence mais a nenhuma comunidade cigana.

Num fim de semana, quando Amapola retornava para casa, foi abordada por algumas ciganas na rua, na sua nova rua.

— A sorte! A sorte! Me dá sua mão? Quero ler a sua mão.

Amapola hesitou. Conhecia bem os mistérios que envolviam a quiromancia. Sabia que as linhas das mãos nada significavam. Somente ciganas com o dom da dupla vista poderiam revelar algo de verdadeiro sobre o destino, e esse dom era raro: videntes que liam com os olhos da alma a alma dos consulentes. Ela mesma não possuía tal dom. Sabia que a prática da quiromancia, quase sempre, era usada como meio de sobrevivência nos acampamentos nômades.

Porém, a cigana insistia:

— Me dá sua mão! Me dá sua mão!

Diante da insistência, Amapola estendeu a mão com desconfiança. Não se deixaria enganar por adivinhações.

A cigana segurou sua mão, olhou-a bem nos olhos e disse:

“— Tens sangue cigano.

Terás uma vida longa.

Na linha do coração, há dois homens na tua vida.

Tua linha do destino está cortada, tens um segredo.

Haverá duas ciganas na tua vida, são tuas filhas.

O segredo que hoje enterras, no futuro será revelado.

Que Santa Sara Kali te proteja e te abençoe.”

Amapola estremeceu. Estava diante de uma cigana de boa-fé, não tinha dúvidas. Concluiu em pensamento:

— Serei mãe de duas meninas, duas ciganinhas. Não conseguirei, no futuro, ocultar a minha origem.



Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. É esperantista. Escreve contos, microcontos, poemas, poesias e participa de concursos literários.

E- mail: ivana.souzat@gmail.com

Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?

Descubra chamadas para
publicação e concursos
literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



DANTE

ALIGHIERI

COLEÇÃO



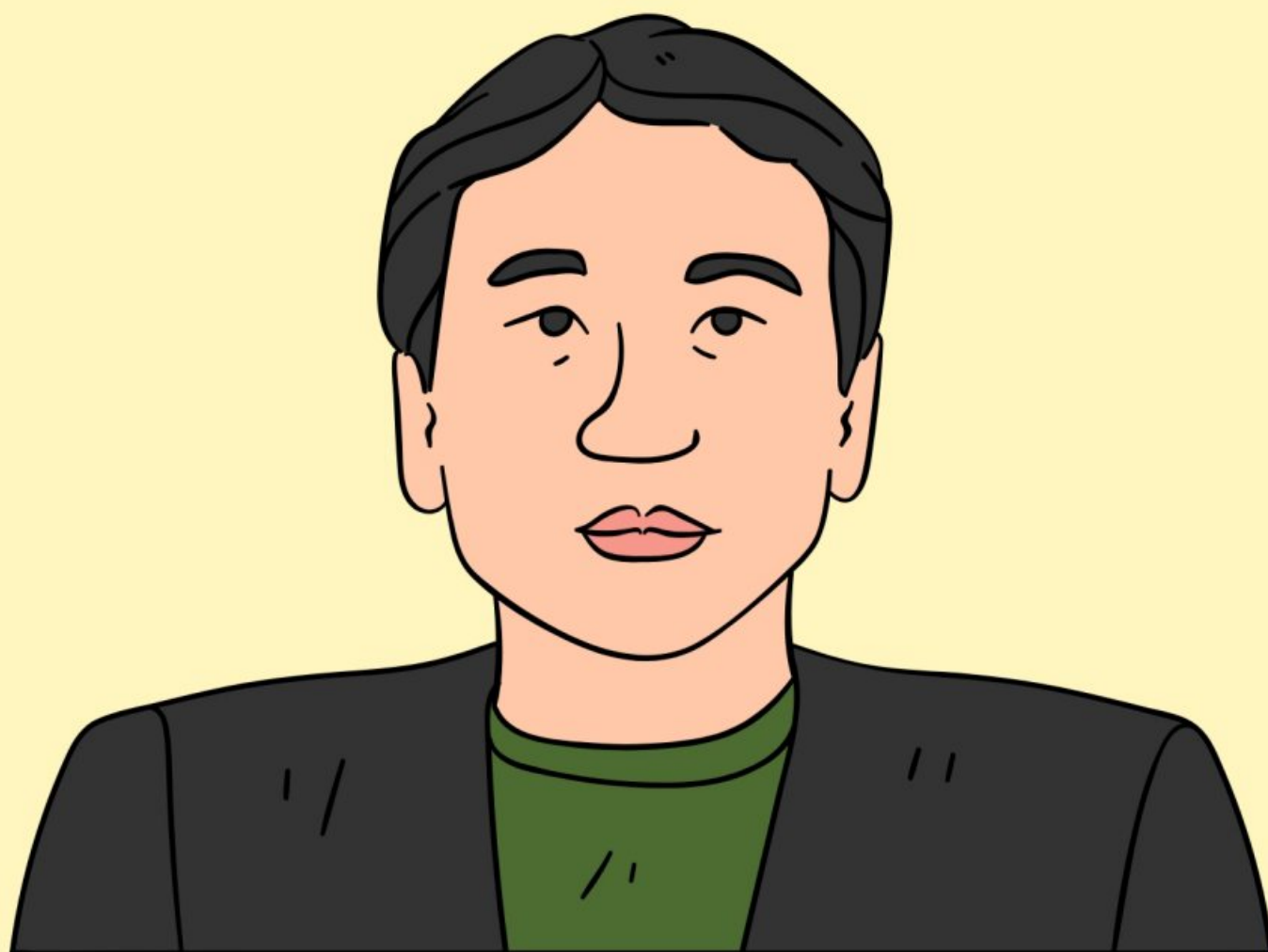
Dante Alighieri, nascido em 1265, foi um poeta e filósofo italiano. É mais conhecido por seu poema épico "A Divina Comédia". A jornada de Dante pelo Inferno, Purgatório e Céu explora temas de moralidade, redenção e a condição humana. A narrativa imaginativa e as descrições vívidas de Dante continuam a cativar leitores até hoje. Seu legado como um dos maiores poetas de todos os tempos perdura, tornando-o uma figura importante na literatura mundial.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

HARUKI

MURAKAMI

COLEÇÃO



Haruki Murakami, nascido em 1949, é um escritor japonês conhecido por seus romances cativantes e surreais. Suas obras populares incluem "Norwegian Wood" e "Kafka à Beira-Mar". A escrita de Murakami frequentemente confunde as fronteiras entre realidade e fantasia, explorando temas como solidão, identidade e os mistérios da vida. Suas histórias apresentam personagens únicos e reviravoltas inesperadas. O estilo narrativo característico de Murakami lhe rendeu seguidores em todo o mundo.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+814 MIL +274 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Divulgue nas edições da nossa
revista, entre em contato:

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.12.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd